THEATRO

DE

J. DA COSTA CASCAES

Joaquim da Costa Cascaes

NOVA COLLECÇÃO PORTUGUEZA

III

J. DA COSTA CASCAES

THEATRO

Acompanhado de uma noticia sobre o auctor e a sua obra dramatica

POR

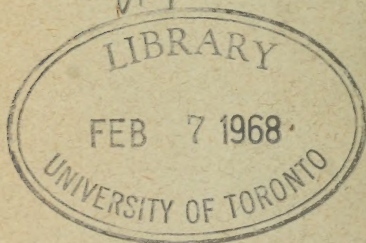
MAXIMILIANO DE AZEVEDO

VOLUME I

O VALIDO — O CASTELLO DE FARIA

LISBOA
EMPREZA DA HISTORIA DE PORTUGAL
Sociedade Editora

LIVRARIA MODERNA — Rua Augusta, 95
TYPOGRAPHIA — 45, Rua Ivens, 47

1904

O VALIDO

Drama original portuguez em 5 actos

Representado pela primeira vez em 18 de maio de 1841
no Theatro da Rua dos Condes

PERSONAGENS

D. Lopo
O Conde
D. Duarte
D. Nuno
Jeronymo
Diogo
Um Pagem de D. Lopo
João
Um Juiz
Um Soldado
Uma Sentinella
Mathilde
Ignez
Maria

Mendigos de diversas edades e sexos,
Fidalgos, Povo, Justiça, Tropa, Creados,
Mascarados

Lisboa e seus suburbios — 1640

ACTO I

A TRAIÇÃO

Ante-sala no palacio do conde—Mobilia antiga—Escrevaninha, e uma campainha sobre uma meza

SCENA I

D. Nuno, e logo Ignez

D. Nuno sentado ao pé d'uma meza, lendo um papel para si. — Dão 4 horas.

D. Nuno, *escutando* — Quatro horas!... bem vindas sejam ellas. (*Levanta-se com alvoroço, e reparando em Ignez que entra*) Ignez!... minha Ignez!... (*Deixa o papel sobre a meza*).

Ignez, *alegre* — Já não vim cedo, não é verdade? mas sabes porque?

D. Nuno — Provavelmente porque estiveste dando attenção a algum dos meus rivaes.

Ignez — Dos teus rivaes, Nuno?!

D. Nuno — Certamente; todos os necessitados o são: não digo que te façam elles esquecer de mim; porém, vejo que o nosso amor, que tu dizes preferir a tudo, fica sempre para depois da beneficencia.

Ignez — Mas eu...

D. Nuno — Por Deus, minha Ignez, que de tão formosa culpa te não desculpes. Se tu souberas quanto eu folgo de te ver assim adorada por todos os infelizes que houveram a fortuna de te encontrar!...

Ignez — Taes adorações não tem o meu D. Nuno que as invejar a ninguem : mas deixemos agora os pobres, e falemos dos ricos, dos ricos d'amor e constancia que somos nós. O que me deteve, foi querer concluir este bordado. (*Entrega-lhe uma charpa*) Esta charpa, quero eu que tu a conserves sempre comtigo, bem sobre o coração — quem sabe!... dias se volverão por ventura, sem nós nos vermos; então conversarás com ella, e em cada letra, na minima folhinha, verás o meu retrato, a minha alma, o meu amor; será um feitiço que, no meio da maior solidão, te faça de repente apparecer a imagem da tua Ignez, senão alegre como agora, muito mais agradavel pela tristeza com que se te figurará estar suspirando mudamente o teu nome.

D. Nuno, *examinando a charpa*—Que gentil rosa!... parece que para exhalar perfumes só lhe falta o acabar de abrir. A aurora não é mais primorosa do que tu.

Ignez — Mas não é isso o que eu queria que tu me dissesses. Pois não conheces que esta rosa é o retrato da que hontem me deste? (*Com tom de mimosamente desconfiada*).

D. Nuno — Será! mas eu antes a julgára retrato de outro original muito mais lindo. Oh!... e tambem versos!

Ignez, *tapando a charpa como envergonhada* — São meus... são meus... não leias.

D. Nuno — Por isso mesmo os hei de lêr. (*Lê alto:*)

Adeus, adeus, minha charpa,
Que melhor dono é o teu.
Vae por lembrança a D. Nuno,
Lembrança que Ignez lhe deu.

Abraço, que abrir não saiba,
Dá-lhe tu no peito seu.
Olha ingrato não esqueça
Lembrança que Ignez lhe deu.

(*Representa*) Ingrato?!... Eu estou certo de que o não receias, que por mim te julgo. Amores ha, como certas florinhas, que murcham e morrem, em transmontando o sol que as desabrocha : mas

como esses não é o teu amor, nem o meu. Queres tu, minha Ignez, conhecer a força d'elle? Olha bem para mim... abraça-me...

Ignez, *com receio* — Mas... é muito... (*abraça-o.*)

D. Nuno, *vivo* — Dize... dize, que sentes?

Ignez, *arrebatadamente* — Não sei... bate-me o coração mais apressado... correu-me pela alma um estremecimento que deleita e confunde; uma coisa a que os labios não acertam nome, nem cuido que em nenhuma lingua o haja, se não é — amor!

D. Nuno — Eis ahi... eis ahi o que eu sinto: e receavas tu que tal paixão pudesse jámais esfriar-se?!

Ignez — Eu não: (*olhando para cima da meza*) que papel é aquelle?! Sou curiosa, não é assim? — já que temos a fama... em amor toda a curiosidade é pouca.

D. Nuno — Ciosa!... temias que fosse alguma carta?

Ignez — Eu não...

D. Nuno — E' um papel bem interessante. Contem a avaliação da tua casa, que fica ao pé do Terreiro do Paço... do palacio velho, chamado; vê com que magnificencia foi construido, que até haviam projectado um aqueducto para a conducção das aguas, talvez para banhos, ou... que sei eu?...

Ignez — Ah... sim... lembro-me de ter ouvido falar n'isso a Jeronymo: elle ainda é d'esse tempo, e creio que até se chegou a construir... mas... (*escutando*) escuta, sinto passos... será meu pae, e não quizera que a sós nos encontrasse.

D. Nuno — Julguei que passeava no jardim.

Ignez — Não: ficou lendo uma carta d'importancia, que lhe trouxe Jeronymo. Adeus. (*Vae-se.*)

D. Nuno — Adeus.

SCENA II

O Precedente e o Conde

D. Nuno, *inclinando-se* — Senhor Conde...

Conde — Amigo, sessenta annos d'escravidão, sessenta seculos d'opprobrio, disséra eu!... Tanto ha que o throno glorioso de D. Affonso Henriques, desfeito pelos bastardos netos dos que o haviam alçado independente, serve de estrado ao solio do Leão de Castella. Mingoa d'antigas virtudes, des-

união de vontades, ambições e avarezas, esquecimento e já talvez ignorancia do muito que no mundo fomos; eis ahi o que nos tem morta a Patria!

D. Nuno — Morta?!

Conde — Peor que morta, que nem o socego do sepulchro lhe consentem. Não pagos de a haverem á falsa fé assassinado, querem ainda os castelhanos imprimir-lhe sobre a face o pé insolente, e despojal-a do que só lhe restava, que era o nome: este reino de Portugal, tão reino, tão de Deus, e tão nosso, querem, D. Nuno, que mais não seja d'ora avante, que uma provincia de Castella!

D. Nuno — Merecel-o-hiamos, e grilhões, e açoutes nós, se o consentissemos.

Conde — Resiste-se ao leão, que só é leão, mas é que o Leão é tambem raposa. Filippe, possesso do genio diabolico do Duque d'Olivares, chama o Duque de Bragança D. João e a flor de Portugal, socolor de o acompanharem á Catalunha; mas a trombeta da liberdade póde resoar, e os Portuguezes, que ora jazem como mortos, levantar-se hão todos a um tempo para a victoria. Um segredo tenho para te confiar, meu amigo; tomei-te orfão, creei-te ao exemplo bom dos nossos antigos, sahiu o teu coração segundo o meu, nunca desmentiste da honra, nunca desmentirás d'ella um só ponto.

D. Nuno — Bem hajaes vós, que assim sabeis de cór a minha alma: mas, da patria falaveis — que podem o meu braço, o meu sangue, e a minha vida em favor da patria?! Eis o que já ha muito me deverieis ter dito.

Conde — A nobreza que ainda se não renegou nem vendeu, determina salvar a patria. Dias ha, que se reune secretamente em casa de Antão Almada; acabam de deputar o Monteiro Mór, Pedro de Mendonça, que já deve ter partido, para ir notificar o Duque de Bragança que fidalgos e populares portuguezes puzeram n'elle os olhos, como em sua tabua de salvação; que ou elle consinta ou não, breve será acclamado Rei — que o bem commum o requer, a sua dignidade o exige, e a herança de seus avós o justifica. Mal chegue a sua resposta, que pouco póde tardar, rebentará a revolução. Urge pois avisar, e ter prestes o mór numero de parti-

darios; não convem confiar a cartas segredos taes, nós mesmos somos os nossos correios: monta a cavallo, e vae pôr sobre aviso meu irmão D. Duarte, que lá está no seu desterro da Ericeira; — iria eu mesmo, mas convem arredar suspeitas.

D. Nuno — Sereis obedecido: e em soando o rebate, na vanguarda me encontrareis. Oh! que será o ter patria?! quando só a esperança de combater por ella assim alvorota o coração!

Conde — Vou mandar apparelhar para a tua partida. Abraça-me — segredo inviolavel!... abraça-me outra vez — Adeus. (*Vae-se.*)

SCENA III

D. Nuno e logo Ignez

D. Nuno, *transportado* — Que felicidade estou vendo alvorecer!... cada palavra do Conde me creava novos brios, novas esperanças. Pelejarei á sua vista, admirar-me-ha, da sua mão receberei os louros, e, o que para mim valerá mais do que todos os louros, da sua mesma mão receberei a sua filha, a minha Ignez. (*Repara para Ignez que entra*) Vem, vem despedir-te de mim.

Ignez — Despedir me?! .. (*recúa*) pois deixas-me?!...

D. Nuno — Por horas: envia-me teu pae a um negocio d'importancia.

Ignez — Meu pae?!...

D. Nuno — Não m'interrogues, que não podera responder-te: de seu mandado vou, sabes que nos ama, que podes temer?!

Ignez — O meu anjo da guarda te acompanhe, e commigo fique o teu: mas voltarás logo, não é assim?

D. Nuno, *vivo* — Sim, é verdade: logo, logo, como um relampago.

Ignez — Tão alegre... a primeira vez que de mim te separas!... Que differentes que são dos nossos os corações dos homens!

D. Nuno — Que injusta que tu és. Sim, estou alegre; sim, deixo-te e estou encantado; e entretanto nunca mais te amei do que n'esta hora. Eu te explicarei isto um dia; não, tu mesma t'o explicarás:

todas as pessoas, todas as cousas que te cercarem t'o explicarão. Por Deus, minha Ignez, não digas que eu te não amo, ou obrigar-me-has a um perjurio, a um crime.

Ignez — (*Escuta*) Outra vez passos!...

D. Nuno — Se fôr teu pae... dir-lhe-has... que nos estavamos despedindo... que eu vim cumprir com os deveres do respeito e civilidade. (*Reparando*) Ah... é o nosso Jeronimo.

SCENA IV

Os Precedentes e Jeronimo

Jeronimo — Manda-vos dizer o sr. Conde, que tudo está prestes para a vossa jornada, e que partaes. Está com D. Lopo, o valido do Ministro, que o veiu procurar, e não quer que elle saiba da vossa retirada.

Ignez, *áparte* — E que terá o infame com meu pae!

Jeronimo — Bem folgára eu de vos acompanhar, se o consentisseis. Velho sou, mas zêlo de bom servidor tambem dá forças, e em jornadas, por tempos taes como estes, em que os Castelhanos andam tão sobejos e altanados, todos os cuidados são poucos.

D. Nuno — Obrigado, bom Jeronimo: mas tu ficas na companhia de tua ama, para ella, e para mim assim póde convir Não devo demorar me, preciso ir só.

Jeronimo—Como vos approuver, senhor. (*Retira-se.*)

Ignez — Meu Deus! separarmo-nos...

D. Nuno — Não se separam almas, como as nossas. Adeus; ouviste a ordem de teu pae, vou partir; quanto mais cedo for, mais cedo volverei.

Ignez — Não te esqueças d'olhar para a janella da minha camara; lá estarei, para te lançar com a vista o adeus que os labios me recusam. (*Retiram-se. D. Nuno pela direita do espectador, Ignez pelo fundo; vão sempre olhando-se, e quando chegam quasi a esconder-se, voltam subitamente ao meio da scena e dizem quasi a um tempo:*)

D. Nuno — Adeus.

Ignez — Meu amor! (*Retiram-se.*)

SCENA V

Diogo e breve D. Lopo

Diogo, *analysando* — Ninguem!... forte peça... sento-me. (*Senta-se*) Hei de esperar pelo amo, que não tenho outro remedio; mas tambem consolo-me, que elle ha de vir a andar até á minha presença, e eu estou aqui muito repimpado; pois que assim é que se ensinam os toleirões dos amos. *(Entra D. Lopo, serio e reflexivo Diogo ve-o, e levantando-se)* Serio meditaes, meu nobre cavalleiro e amo.

D. Lopo — É verdade, recordava um sonho que tive a noite passada, e cuidava nos meios de o realisar.

Diogo — Bom deve elle de ser. Só eu nunca sonho cousa que deseje realisada! enverniso-me sempre por dentro ao deitar, e é cada pesadêllo, que te parto. Umas vezes vou a enforcar, e vejo-me então lá d'uma trapeira, ir passando eu mesmo vestido d'alva — outras vezes querem-me casar com uma velha, que tem um nariz de palmo e meio, outras vezes...

D. Lopo — Ouve: figurou-se-me vêr uma fonte com tres bicas — todas fechadas — mas, em se abrindo, a primeira lançava torrentes d'ouro ..

Diogo — Oh lé!... ouro! olhe não fosse pechisbeque.

D. Lopo, *continuando* — A outra um jorro de titulos honrosos, a terceira delicias. Era o sonho da ventura — opulencia, nobreza e amor!

Diogo — Bonito! pois sabe que mais, gostava eu que houvesse aqui em Lisboa um chafariz d'esses, só para vêr os maiores figurões correr com barril ás costas, e sentar se-lhe á roda a fazer carreira...— e eu que tambem lá havia d'ir.

D. Lopo — E se eu te disser que a tal fonte existe?

Diogo, *abrindo grandes olhos* — Existe! ..

D. Lopo — E que sei onde.

Diogo, *ainda mais espantado* — Sabe?!...

D. Lopo — E que necessito de ti para a alcançar.

Diogo — De mim? prompto.

D. Lopo — E' mister segredo e determinação.

Diogo — Um e outra. Palavra de quadrilheiro desesperado Mas... onde é a tal fonte de aguas tão encantadas?

D. Lopo — N'esta casa.
Diogo, *olhando para toda a parte* — Temos mãe d'agua encoberta.
D. Lopo — Vou dar-te mais uma, depois de tantas provas de confidencia.
Diogo — Obrigado.
D. Lopo — Mereces-m'o: sempre te achei fiel no meu serviço.
Diogo — Isso é verdade
D. Lopo — E em cousas bem melindrosas.
Diogo — Oh! lá!
D. Lopo — Prestes até para crimes, em me sendo uteis.
Diogo, *áparte* — Está-me elogiando.
D. Lopo — Escuta: o Conde tem duas filhas, uma é Mathilde e a outra Ignez, que me não quer, e tem de ser minha. Mathilde é a herdeira, por isso rica e mais nobre — convinha começar por ella. Acabo de a pedir ao Conde — imprudente! — engeitou-me, repelliu o valido do grande ministro!... insensato que foste!... Por S. Thiago! — que tenho eu braço para o subverter a elle, e ao seu Portugal, até o centro do mundo.
Diogo, *fingindo susto* — Tenha mão, deixe-me fugir.
D. Lopo — Trata-se do que importa: decides-te a executar as minhas ordens?
Diogo — São a minha lei.
D. Lopo — Vamos.
Diogo — Meia dose de palavra. O vosso projecto tem tres partes: da primeira, que é o amor, nada pretendo; n'isso cá me vou remediando, e Deus louvado, não ha rasão de queixa: porém, das outras...
D. Lopo — Terás larga recompensa.
Diogo — Da torneira do ouro fino, já se sabe
D. Lopo — E tambem das honras.
Diogo — Então... capitão ou d'ahi para cima: emfim, a patente mais grande que a torneira puder lançar.
D. Lopo — Bem.
Diogo — Viva o valido valedor! (*Vão-se pela esquerda*)

SCENA VI

O Conde, Mathilde e Ignez

Conde *(procura D. Lopo, e fala com Mathilde)* — Vem: quero repellil o deante de ti. (*Reparando*) Retiráste t?? foste confundido. Sirva-te para conheceres o caracter constante d'um Conde portuguez, embora tente ameaçal o o valido de Miguel de Vasconcellos.

Mathilde, *magoada* — Meu pae, pelo amor que tinheis a minha mãe, que me não odieis: amaveis-me tanto, fostes sempre tão bom para commigo, e agora...

Conde — Mathilde, estas que se te figuram tyrannias, são as maiores provas do meu amor. Contra o veneno doce da paixão que te mataria, dou-te o remedio amargo da verdade: corto pelo meu maior prazer, que seria agradar-te, para te poupar arrependimentos tardios, que tu não prevês — porque nada se prevê na tua edade. Eu odiar, eu não amar, e não amar muito a minha Mathilde!... Sim, que a amo: ella e sua irmã, dormindo ou velando, são os meus unicos pensamentos: amo-a eu, não digo só, mais do que esse embaidor, porém mais, ou pelo menos melhor, do que ella mesma se ama; porque não lhe quero alegrias passageiras, mas felicidades que durem.

Mathilde — Eu attendo respeitosa o que me dizeis, mas consenti que vos descubra todo o meu coração.

Conde — Sim, minha filha; e porque havias de encobrir tu parte alguma do cancro que te róe a alma, ao medico amigo, que, além de ferro para o extirpar, tem balsamo que o suavise, e se ainda depois da cura te doer, lagrimas com que acompanhe as tuas lagrimas. Vês tu, minha Mathilde, eu não sou um tyranno, não sou um mau pae.

Mathilde — Meu querido pae, tarde vem já o remedio, e se forçosamente o quizerdes applicar, receio muito que findeis pelas lagrimas, não lagrimas choradas com as minhas, como vós dizeis, mas derramadas sobre a minha sepultura. Não, eu já não pertenço a mim mesma; D. Lopo me ama... mais do que vós... não, não, que não póde ser... D.

Lopo me promette a felicidade com uma persuasão, com uma fé que não póde enganar... e eu, eu *(em voz mais baixa)* amo-o... muito... meu pae... meu pae...

Conde, *áparte* — Meu Deus, dae-me luzes que a convençam; a minha auctoridade, o despreso só em derradeiro. *(Para Mathilde, com affecto; senta-se)* Filha, só a razão nos torna superiores aos brutos; sem ella entregues ás paixões, tornamo-nos mais vis, mais desgraçados e peiores do que elles. Um primeiro amor para os olhos inexpertos da tua edade e do teu sexo, é a primeira flor formosa d'uma primavera: vão-se n'ella os olhos através de espinhos e d'obstaculos; forceja-se por colhel-a, e depois que se teve a fortuna — muitas vezes bem malfadada fortuna — de possuir esta flor tão cubiçada, muitas vezes se lança fóra, e se pisa, porque já de perto, já não é a mesma que se afigurára. Que deve logo fazer um velho, um pae que vae ao lado de sua filha n'este passeio da madrugada da vida? deve dizer-lhe: não, minha filha; esta flôr que desejas, é só bella para a vista, mas respirada é venenosa. Vem, mais adeante sei eu, onde outras ha que melhor te merecem; descança, que eu mesmo t'a escolherei e te ornarei com ella. Que resposta póde dar a isto uma filha?

Mathilde — Parece-me, meu pae, que se ella tivesse examinado aquella primeira flor, se a conhecesse perfeitamente, poderia responder: nenhuma encontrareis, meu pae, que tanto seja em tudo do meu gosto. Meu pae, consenti; um vaticinio feliz estáme annunciando a maior ventura; consenti, meu pae, o meu presentimento é religioso... parece que Deus m'o inspira... tenho fé...

Conde — Tens razão: um presentimento religioso, um sêr incognito que nos brada — segue este ou aquelle dictame, pratíca uma ou outra acção — póde muito, é verdade, mas...

Mathilde, *interrompendo* — Sim, meu pae, tem uma força que alentaria para as minhas mais arduas emprezas.

Conde — Sim, quando a alma está serena e desassombrada de paixões como agora a minha: por isso aos meus presentimentos, que tambem os tenho, dou eu mais credito do que aos teus: sabes tu

quaes são os meus presentimentos que me aterram? Lembras-te d'aquelle romance, da filha namorada e desobediente?

Mathilde — Lembra me que é terrivel, do resto não me recordo.

Ignez — Porque não o haveis de repetir, meu pae?...

Conde — De boa mente. (*Faz pausa e começa.*)

ROMANCE

I

Onde vaes, irmã Thereza,
Minha irmã do coração?
— Vou á capella da Virgem,
Vou fazer minha oração.

Porque venha D. Fernando,
E me dê a sua mão:
Mal hajam guerras de Mouros,
Deus lhes dê a maldição.

«Que t'importa D. Fernando,
Se de ti não faz tenção?
Olhos azues, como os d'elle,
São olhos de má traição;

Falas doces que elle fala
Nunca a mim me enganarão.
Irmã, irmã, Deus te acuda,
Te livre de perdição.»

— Adeus, adeus, Adosinda,
Minha irmã do coração.
Inda és moça, pouco sabes:
Vou fazer minha oração.

II

Ficara a bella Adosinda
D'olhos pregados no outeiro,

Que tempos ha se partira,
D. Affonso, o seu guerreiro.

«Meu pae!... meu pae! e corria
Adosinda p'lo terreiro.
«Eil-o lá vem, D. Affonso,
Não vêdes um cavalleiro?»

Vem o Conde, e vem a filha,
Cada qual o mais ligeiro.
Mas não era D. Affonso,
Sim, Fernando aventureiro.

Já Thereza o enxergára,
Do que ella ninguem primeiro,
E caminho do castello
Vem com elle por braceiro.

O Conde, que agora os via,
Diz comsigo — Traiçoeiro!
Nunca te darei Thereza,
Juro-o por Deus verdadeiro. —

E ficou bella Adosinda
D'olhos pregados no outeiro,
Para vêr se de lá vinha
D. Affonso, o seu guerreiro.

III

Já na volta do castello
D. Affonso se partia;
E por depressa alcançal-o
Caminhava noite e dia.

Dá d'esporas ao ginete,
Que á redea solta corria,
Porque as luzes do castello
Já de cerca distinguia.

Ao entrar, fugiram todas
As luzes que elle via:

Sentiu bezouro agoureiro,
Mais viva alma não sentia.

Corre á morada do Conde,
Que de luto se cobria:
Tres esquifes se lá viam,
Cada qual um morto havia.

E lá, n'um canto da casa,
Negro phantasma se via,
Que, mal Affonso enxergára,
Com fala rouca dizia:

Fernando sou, que jurára
Morte ao Conde de Faria;
Seu titulo, riqueza e filhas
A minha vontade queria.

Thereza, rico me fez;
Só riquezas não queria:
Adosinda não me quiz,
Porque só a ti queria.

Morte ao Conde, e morte ás filhas.
Foi jura que fiz um dia:
Por mim já todos repousam,
Por mim já são terra fria.

E tu rival — de dizer-t'o
Que quasi já me esquecia —
Eu sou do inferno, se queres,
Vem ser rival, lá te guia.

Palavras não eram ditas
O phantasma se sumia,
E Affonso morto de susto
Já na terra então jazia.

Ignez — E' horrorosa !... meu Deus !

Conde, *para Mathilde* — Olha como os nossos presentimentos differem; o teu tão risonho, o meu tão terrivel. (*Mathilde durante a narração do Romance experimenta varias commoções — Findo elle, cahe aos pés do Conde, e diz suffocada em pranto*:)

Mathilde — Meu pae, não me acabeis de matar... D. Lopo não é fidalgo, mas agrada-me... riquezas não as tem... não... mas o meu coração acha n'elle thesouros... oh meu pae... vossa filha... eu, uma filha... oh não... não póde ser... que uma filha seja escrava, e como escrava morra — nem a natureza o ordena, nem vós o quizereis, nem vol-o consentira Deus, que por meio das minhas supplicas e lagrimas vos está talvez ordenando... (*chora.*)

Conde, *afastando-a levanta-se* — Como te enganas, e que mal me conheces! De fidalguias me falas e d'opulencias?! Sim, umas e outras, é tudo quanto ha mais estimado, e estimavel, tudo eu quizera e achará pouco para a minha filha; mas, a falta d'essas cousas que a fortuna dá, e tantas vezes aos que menos as merecem, não é, como tu ahi estás fingindo, o que me faz reputar Lopo indigno de ti. Não tem a nobreza do sangue, mas não é essa a que lhe faz falta, senão a dos pensamentos e acções; não possue riquezas, mas não é essa a indigencia que eu n'elle desprezo, senão a falta d'alma. E' o valido d'um verdugo da Patria! — é um infame, que exercita o torpe mister da calumnia! — é um castelhano completo! e tu?... tu és a filha d'um fidalgo velho portuguez, odiado — ainda bem pela côrte de Castella; mas que nada lhe fica devendo... Dize-lhe ainda agora, que se torne homem virtuoso, se póde, ou se quer, honesto, e que venha ainda mais pobre e desprezivel pedir-me a tua mão — que venha sem nome, descalço e mendigo; eu lh'a darei, sendo o teu amor invencivel — eu lhe chamarei filho, a nossa nobreza encobrirá a sua humildade, a nossa fortuna será a sua. Que mais queres d'um pae?!... Porém D. Lopo, qual é, qual o eu conheço, e o conhecem todos; D. Lopo, se eu tivesse hoje a fraqueza de condescender comtigo, ámanhã, deposta a mascara dourada com que te namora, t'a fazia talvez — e com razão — amaldiçoar, mas já tarde, a tua cegueira, e a minha criminosa imprudencia. — Pensa, e fica-te. (*Vae-se com Ignez*)

SCENA VII

Mathilde e breve D. Lopo

Mathilde — Santo Deus!... o vosso poder é immenso! (*Senta-se junto de uma mesa a que se encosta*).

D. Lopo, *entra agitado com vivacidade* — Mathilde, chegou o momento de decidir. Não tens que temer por teu pae; fiadora a minha palavra.

Mathilde, *levanta-se afflicta* — Mas... D. Lopo...

D. Lopo, *vivo* — Esgotaram-se os meios, o resultado conhecel-o. E' mister que assim se cumpra, aliás...

Mathilde — E .. quem sabe?.. talvez o tempo... por piedade!

D. Lopo, *com fogo* — Ah! preferes o pae ao amante, ao idolatra, ao escravo?! — a quem sempre te havia de servir, como já mais não serviu, nem a dama, nem o rei, nem a divindade?! Antepões um trato frio e respeitoso; uma benção gelada, ás minhas caricias, aos meus beijos de fogo?! (*Fingindo pensar*) Sim: devo renunciar-te (*pausa*). Adeus, Mathilde (*indo-se*).

Mathilde, *afflictissima* — Não!... não!... (*Lança-lhe os braços*) Morrer!... antes morrer!... Mas... hasde trata-lo bem?... hei de vel-o?... Sim, hei de vel o... dentro em quinze dias... em menos...

D. Lopo — A minha palavra o abona.

Mathilde, (*duvidosa*) — E... quando eu lhe falar... lhe pedir perdão... talvez... de certo não me acreditará. (*Maldizendo se*) Ah! nem sequer uma prova.. nem ao menos saber que Mathilde lhe manteve a existencia!... a sua filha!...

D. Lopo, *pensa um pouco e depois á parte* — Não ha receio. (*Para Mathilde*) Eu te satisfaço, meu amor. (*Senta-se junto á meza, tira uma folha da carteira que traz comsigo, escreve algumas palavras e entregando o papel a Mathilde*) Lê, (*Mathilde lê para si emquanto D. Lopo continúa*) Solveram-se todos os temores. Outro tanto te não exigira eu. Adeus Mathilde (*abraça-a*). Longe escrupulos vãos; o amor tudo sobre leva — d'ahi nascerá a tua e a minha ventura.

Mathilde, *triste* — Assim seja. (*Acompanha D. Lopo até a porta, á esquerda do espectador, volta depois*

para a scena, fica um momento em silencio, e—escutando) Sinto alguem!... (*aterrada*). Ah!... Quão tremenda a escuto!... a voz de meu pae!... (*retira-se espantada*).

SCENA VIII

O Conde, Ignez e depois Jeronimo

Conde — Vae escurecendo! (*Toca uma campainha, entra Jeronimo*) Jeronimo traz luzes, e faz depois entrar os pobres. (*Jeronimo sae — o Conde e Ignez sentam-se ao pé d'uma meza e cada um de sua bolsa tira algum dinheiro que destribue em pequenas porções sobre ella*).

Ignez — Meu pae, para bem tarde guardastes hoje a esmola!

Conde — Tal vontade não era a minha, que talvez os infelizes que nos esperam não pouco perdessem pela demora. Mas que?... se negocios d'alta monta m'o não deixaram fazer antes. (*Entra Jeronimo traz serpentinas com vellas accesas que põe sobre as mezas, vae depois a porta, e diz*):

Jeronimo — Entrae, irmãos.

SCENA IX

Os precedentes, João, dois mendigos já edosos, tres mulheres tambem velhas, e uma rapariga de sete para oito annos. — Os pobres ficam todos no fundo.

Conde — Approxima-te, João (*dá-lhe esmola*).

João, *quando recebe* — Seja pelo amor de Deus. Deus o livre dos seus inimigos, e se lembre do seu irmão o sr. D. Duarte. Ah! que bemfeitor!... mas tudo que é bom acaba (*quer retirar-se*).

Conde — Não te vás ainda, João. Diz-me cá, o que contas tu de novo?

João — Eu Senhor. . corre por ahi que os nossos fidalgos se vão todos para Castella. Se assim fôr, pobre João que tens de morrer á mingua; em fim, seja o que Deus quizer.

Conde — E a quem o ouviste dizer?

João — Da bocca de D. Lopo. Estava-o elle contando a outro sujeito, quando lhe fui pedir esmola. Tambem juro-lhe, que foi a ultima vez que tal fiz. Aquelle nem sequer diz — Deus o favoreça — só tem na bocca — fóra! fóra! — tem alma de pedra — é castelhano e basta. — Soberba até alli! mas os soberbos tambem morrem.

Conde — Dizes bem. Adeus João, Deus te depare bemfeitores; toma, e divide entre ti e os teus companheiros.

João — Muito obrigado. (*Vae-se*).

Ignez dá esmola á primeira mulher. Esta quer beijar os pés a Ignez.

Ignez, *envergonhada* — Que fazes, Anna?! a tua veneração seja para Deus .. para mim, só quero o teu amor, o amor de todas vós (*dá esmola ás outras*). Mal sabe meu pae, que dó me fez a pobre Anna. Até corei quando a vi de joelhos deante de mim.

Conde — Ella fel-o de agradecida, pela esmola que lhe déste: o seu reconhecimento foi em demasia, é verdade; mas não te admires, que peores ainda são os effeitos da pobreza. Diz-se que a necessidade é contraria da virtude, e diz-se bem: o rico basta-lhe repartir do superfluo, e traz logo mil bençóes sobre si; mas o pobre, que ha de elle repartir do nada que só possue? Ignez aquelle que professa a pobreza e a virtude, o que sabe conter em si estes dois inimigos, esse, que não outro, se deve contar por modelo de virtude.

SCENA X

Os precedentes, Maria, e depois Diogo e alguns companheiros todos mascarados.

Maria, *esbaforida* — Senhor!... acudi!...

Ignez, *assustada* — Meu Deus!...

Conde — Que é!... dize...

Maria, *afflicta* — Estava á janella!... e depois...

Conde — Depois o que?!...

Maria — Homens... ladrões, entraram... Jeronimo cahiu... e...

Conde, *grita* — A minha espada ?!... onde está? (*Vão todos para se retirarem e apparecem no momento pela porta por onde se retirára Jeronimo mascarados que agarram o Conde, e o levam — este forcejando*) Traidores!... infames!... cobardes!...

Ignez, *grita* — Soccorro!... soccorro!... (*Esta e Maria querem sahir, mas fecham-lhe a porta que ambas pertendem arrombar. Ignez e Maria vão ás outras portas que tambem acham fechadas. Ignez exclama*) Meu Deus!... meu Deus!... piedade!... (*Dá alguns passos e cáe desfallecida sobre uma cadeira*).

Maria, *corre a segurar Ignez* — Jesus Maria! (*chamando*) Nobre Senhora!... minha boa ama!... (*Para a scena*) Eu sempre desadorei d'esta casa n'um sitio tão retirado. (*Olha para todos os lados*) Nem sequer agua!... nenhum soccorro (*afflicta*)

SCENA XI

As precedentes e D. Lopo

Sentem-se alguns puxões na porta por onde sahira Jeronimo, escancara-se, e entra D. Lopo.

D. Lopo, *agitado* — Que é isto ?!... ouvi gritos de soccorro!.. (*com fingida admiração*) Ignez desmaiada!

Maria — Senhor cavalleiro, vós fostes um anjo que Deus nos deparou, agora mesmo levaram meu amo! alguns homens com mascaras! . que desgraça!... Ide em seu alcance... minha ama está sem sentidos!...

D. Lopo — Sim... sim... (*Contemplando Ignez de perto — á parte*) Cada vez mais formosa!

(Ignez abre os olhos, faz movimento para se levantar, encara D. Lopo, solta ao vel-o um grito d'espanto, e torna a cahir desmaiada. — D. Lopo retira-se apressado lançando-lhe olhos vingativos).

Maria — Credo!... (*apontando*) será elle ?!

FIM DO PRIMEIRO ACTO

ACTO II

A CARTEIRA

Jardim do palacio antecedente. Vê-se a porta da capella a este pertencente, e uma cascata e seu lago já arruinado. — Ao lado d'esta e inferiormente ha uma pequena porta. — Ao erguer do pano fazem relampagos e trovões que pouco duram.

SCENA I

Aberta a porta da Capella, sahem Diogo, creados e creadas que cantam em côro

CÔRO

Todos á uma,
Alegres vamos
Cantar as bodas
De tão bons amos.

Gaitas, pandeiros,
Almas da dança,
Eia!... tangel-os,
Viva a folgança!

Sahem da capella D. Lopo e Mathilde ricamente vestidos, com um sequito que se retira.—Os creados formam alas

Creados — Parabens! Parabens!
Diogo — Para que vivam muitos annos e bons.
Todos — Vivam!
D. Lopo — Obrigado.
Mathilde — Obrigada.
D. Lopo, *volta-se para os creados e dá uma bolsa a*

Diogo — Diogo, ahi tens; divide por todos; vão recrear-se, eu e a sr.ª Condessa lhes damos ampla licença, queremos que esta casa transborde hoje em prazer. (*Diogo e os creados vão-se fazendo cortezias — para Mathilde*). Já a egreja consumou a sua obra eterna. E' preciso que o jubilo do rosto se accrescente ás galas dos vestidos: a religião manda suspender hoje os lutos, e por certo que não quiz dizer só os lutos aggravantes, mas sobre tudo o do coração. Emfim, minha Mathilde, o prazer é a alma da vida e ingrata serias não colhendo hoje a grande parte que d'elle te cabe.

Mathilde — Não duvides do apreço em que tenho este santo dia, não; mas — aquelle riso sardonico, quando o Ministro da Egreja nos lançava a sua benção derradeira, — que dissera o riso de Satanaz; pela entrada d'alguma alma em seus dominios infernaes! — aquelles trovões repentinos, claro testemunho da colera dos céos! e sobretudo o infortunio de meu pae!... (*pausa*). Ahi — parece que um tufão quer desarreigar a arvore do meu amor que hoje começava a florescer!... D. Lopo (*abraçando-o*) valha-me o teu amor!

D. Lopo — Mathilde, fôra mister que a tua imaginação se preoccupasse menos. Que nos diz um riso, um estrondo, uma visão?! — objectos phantasticos bem alheios ao nosso cuidado. Por ventura a Egreja deixou de ultimar os seus actos solemnes?! — acaso o nosso matrimonio terá menos força? os vinculos sagrados que nos unem serão por isso menos estreitos?! Oh! a realidade é tudo, a phantasia — nada: Fique d'espaço uma scena illusoria, e contemple-se a da verdade, que hoje attinge o seu esplendor. (*Recordando-se*) Quanto a teu pae, nenhum receio te cabe: a sua morte foi, como sabes, apparente, com o fim de córar uma desapparição indispensavel para as nossas almas repousarem juntas sob egual tecto, e os nossos corações arfarem no mesmo leito. De mais, (*á parte*) é mister enganal-a, (*alto*) ainda hoje me escreveram de Castella, e sei que elle se conserva de boa saude, parece quasi arrependido de não consentir em nossa união, e até julgo que em breve ha de confirmar o nosso casamento.

Mathilde, *com transporte* — Oh! sim! e viveremos

então todos juntos Dia da maior ventura oxalá não tarde ; mas.. elle acha-se recluso, e... quem sabe? talvez mal tratado !... o meu bom pae !...

D. Lopo, *com malicia* — Recluso ?... não... está n'uma aldeia acastellada, que um meu amigo governa ; tem liberdade por toda ella... emfim, como sabes, tens de vel-o breve.

Mathilde, *anciosa* — Partiremos amanhã, sim ?...

D. Lopo, *á parte* — Insensata ! (*Alto com dissimulo*) Sim ; partiremos... porém, affliges-te em demasia... o papel brilhante que ostentas — rica, um titulo, e minha esposa !... só isso deverá sepultar todas as tuas queixas ; afinal, o passado não volta, o futuro ignora-se, e o presente, só o presente nos deve merecer cuidado : este é bello, que nos importa o resto ?

Mathilde — Se o quadro risonho que me offereces, fôra qual sol, puro e sem nuvens, quão feliz, que ditosa eu fôra ; mas, uma pena profunda me atormenta de continuo — a minha consciencia não está socegada. Ah ! esse futuro — tempo ignorado como lhe chamas — oxalá o fôra para mim. Mas tenho d'elle um presentimento, que m'o faz descobrir medonho, um futuro de remorsos (*pausa*). A desgraça d'um pae, é mancha que só o seu perdão póde lavar. (*Occultando o rosto entre as mãos*).

D. Lopo — Que dizes ?! Ha pouco a força do teu amor tudo podia, só ambicionavas a minha mão, soffreras mil tormentos por alcançal-a ; e hoje, hoje que a consegues, que o leito nos suspira, envolto em perfumes d'encanto só tens recordações de tormento ?! — palavras cheias d'amargura ! Não sejas assim... não (*fingindo ternura*) minha esposa... meu anjo... minha vida !...

Mathilde, *como extasiada* — Meu esposo ?... Oh ! imaginação ! — quanto agora me deleitas, me arrebatas... me embeveces !... (*Começa a anoitecer — entra o Pagem*).

Pagem — Chegou S. Ex.ª o Sr. Ministro Miguel de Vasconcellos.

D. Lopo — Condessa, vamos receber o Ministro que tanta honra nos faz. (*Todos se retiram*). — *Escuro.*

SCENA II

É noite. — A lua reflecte em diversos sitios; mas não junto á porta do subterraneo

Jeronimo e depois D. Lopo e Diogo

Jeronimo, *pensativo* — Uma voz occulta me está annunciando a traição praticada contra meu amo. Quem poderá alcançar a verdade!? — Castigar o crime e alliviar a innocencia opprimida, fôra de certo uma boa acção. Todas as minhas suspeitas... Deus me perdoe—vão dar em D. Lopo: aquellas palavras que lhe ouvi — D. Nuno é um rival que me affronta: é mister acabar com elle — dizem muita maldade: Deus guarde o pobre moço d'alguma cilada, o Céo o traga a porto de salvamento. Pela minha conta não deve tardar; e mesmo para eu descançar d'estas atalaias nocturnas, que já me afadigam: já estou edoso para vigilias — mas, a amisade de meus amos tudo merece; e a honradez do seu Jeronimo e os seus desvellos, hão de durar até ao cabo da sua vida. Conheço que um servo fiel é dificil achado, mas tambem os bons amos, não se encontram tão comesinhos como se crê.. (*Olha para dentro admirado*) Encaminha-se para aqui... se não me engano... é D. Lopo. . e Diogo! .. A esta hora?!... Observarei o seu destino: aqui ha mysterio. (*Esconde-se*).

Sahem D. Lopo e Diogo. Este vem de capote, traz uma lanterna accesa, um cesto coberto com um panno e uma mascara não posta.

D. Lopo — Se bem que todos se acham entretidos. no emtanto convem explorar primeiro o campo.

Diogo, *depois d'olhar para todos os lados* — Tudo é solidão — posso marchar?

D. Lopo — Sim: toma todo o cuidado de não soltares uma só palavra; a lanterna te guiará; — apresenta-lhe o cesto destapado, tira-lhe a mordaça e retira-te. (*Depois de breve reflexão*) Podes deixal-o sem ella.

Diogo — E diz bem: não terá forças de gritar. Ha dias que só se alimenta do ar, quero dizer, que gosa da excellente qualidade do camaleão, e por isso o

seu estado de fraqueza não nos dá que receiar. (*Põe a mascara*)

D. Lopo — Não haja delonga, que podem estranhar a minha falta e procurar-me.

Diogo — Prompto. (*Marcham ambos para o pé da cascata, e D. Lopo abre a pequena porta n'ella existente*).

D. Lopo, *para Diogo* — Entra. (*Diogo entra agachado*). O meu triumpho está prestes a ultimar-se. Os meus projectos têem sido bem combinados e melhor succedidos. Já conto opulencia, a nobreza, não tarda, resta me o amor... (*pensando*) o meu fiel creado deve a esta hora ter já morto D. Nuno, e depois, Mathilde ama-me com extremo... o meu despreso será meio seguro de lhe acabar a vida... e quando não... (*Pausa para dentro*) Avia-te.

Diogo, *sahindo* — Bofé! que as taes escadinhas são curtas, mas são de quebra costas. (*Tira a mascara*).

D. Lopo, *fechando a porta* — Então em que estado o achaste? que te disse (*com mofa*) o nosso Conde?

Jeronimo, *ao bastidor* — O Conde?!...

D. Lopo e Diogo veem para o meio da scena

Diogo, *com escarneo* — Lançou-me uns olhos mortaes, deu um ai, e disse-me a custo — Perverso quem quer que és, rasga-me antes o seio com esse ferro d'assassino — e eu, muito compungido, apontei-lhe para o cesto, e retirei-me sem lhe dizer palavra.

D. Lopo — Por ora não me apraz assassinal-o; vivendo, pagará mais cara a sua repulsa. Quero primeiro escarnecer das suas cans tintas d'orgulho, e .. a promessa escripta que Mathilde possue... (*deced.do*) morrerá quando ella

Diogo — Quem, a sr.ª condessa?!

D. Lopo, *com ar de mofa* — E que muito?!... não annuiu ella á desgraça de seu pae!? Vamos: coragem, Diogo — grandes emprezas te aguardam.

Diogo — Ellas que cheguem. São o meu manjar. (*Vão-se.*)

Jeronimo, *sahindo arrebatado* — Meu Deus, os traidores estão descobertos! (*Caminha para o pé da cascata*) Ah! que a justiça de Deus não dorme — barbaro D. Lopo! (*Experimentando a porta do subterraneo — chamando*) Sr. conde... meu bom amo!... conheceis-me? E' Jeronimo, o criado fiel.

(*Admirado*) Ninguem me responde!... tal será o seu abatimento que não possa falar, ou tão de manso que o não oiça (*Applica o ouvido — junto á porta, e mais forte*) Senhor?... (*para a scena*) mas não convém falar alto... Deus me defenda... (*para dentro*) Não me conheceis a fala?!... (*escutando*) Um suspiro! um ai!... é de meu amo (*ancioso*) mas... como hei de salval-o?! meu Deus! (*Depois de pensar*) Vou chamar alguem... vou chamar a justiça... — Mas a esta hora, quem hei de buscar?!... — ficarei de guarda, é verdade. (*Em duvida*) E se os perversos me encontram?! — Ai de mim! (*Resoluto*) Não, vou-me antes certificar se é elle — mas como?! (*Com anciedade olha para a porta*) por aqui não! (*Corre á roda da cascata — pensando*) lembra-me que ha uma fenda na abobada... (*encontra-a*) eil-a... Sim: elle ouve-me.. (*ancioso*) uma corda!... um fio!.. aonde?! (*olha para todos os lados, depois para si, e afinal para uma cinta que traz*) Oh! esta cinta!... (*tirando a*) é curta!. mas não (*rasga a cinta ao meio no sentido do comprimento, até as duas metades, e introduzindo-a pela fenda*) Quem quer que sejaes, ahi tendes uma cinta; escrevei o vosso nome e o que vos fôr mister... é Jeronimo, um homem honrado que vol o diz... O malvado que vos persegue é D. Lopo, o castelhano valido de Miguel de Vasconcellos... — casou-se hoje com Mathilde, filha do conde D. João. .— Mathilde tambem é cumplice...— foi trama urdida por ambos.. (*Como recordando-se*) — Quem sabe?!... talvez não tenha papel, nem lapis ao menos (*tira uma carteira, puxa a cinta onde a prende, e continúa*) Ahi vae tambem uma carteira. Escrevei depressa.... — O monstro que ha pouco vos levou o cesto, foi Diogo. (*Para a scena*) Oxalá que a espada da justiça se não curve deante do valido poderoso! — (*está sempre segurando na cinta, e sente como que puxarem lhe por ella.*) Oh! senti um puxão pela cinta!... é signal... é a resposta... (*Puxa por ella, desata a carteira, abre-a, lê para si onde dê o luar e com transporte*) Jesus! . o meu amo!... Almas de pedra! corações de tigre! (*para dentro*) Como um raio vou levar a carta á vossa Ignez. (*Fecha a carteira que põe sobre uma pedra da cascata* (*de*

modo que fique occulta ao espectador) e depois começa a pôr a cinta.) Meu bom amo, contae que D. Lopo ha de ser depressa levado á justiça — talvez o dia do noivado seja para elle a vespera do dia da morte.

SCENA III

O precedente, D. Lopo e D. Diogo

D. Lopo, *precipita-se com o punhal nú sobre Jeronimo* — Enganaste-te, Jeronimo — o dia do meu noivado é o dia da tua morte!

Jéronimo, *reparando aterrado* — Ah!... (*Jeronimo foge, D. Lopo segue-o — entram ambos.*)

Diogo — E que tal? a sua desconfiança realisou-se — estavam falando, é verdade.

Jeronimo, *dentro* — Jesus! ..

D. Lopo, sahindo — Diogo, é preciso sepultal-o quanto antes: vae.

Diogo — Basta um mergulho na cisterna; é mais breve.

D. Lopo — Boa lembrança. (*Diogo vae-se, e D. Lopo só.*) — Esteve prestes a revelar-se o meu segredo!... (*Com ironia*) vae descobril-o, Jeronimo, que exultavas com a minha morte... Ah! voltou-se a scena — foi um pelouro que antes de chegar ao alvo, retrocedeu sobre a cabeça de quem o despedira! .. — O punhal é sempre um socio bem fiel! (*limpa o punhal, e mette o na bainha—experimenta a porta—vem Diogo—Continua D. Lopo*) Diogo, é preciso a maior vigilancia, até ser possivel mudar o conde para o carneiro do palacio velho. Tu ainda tens a chave da porta occulta d'este subterraneo?

Diogo — Anda sempre commigo.

D. Lopo — Bem: vamos, não olhem a minha falta e... segredo... guarda esta bolsa (*dá-lh'a cheia de dinheiro, e retira-se*).

Diogo — Obrigado (*caminhando*). E quando me despacha para a tropa?

SCENA IV

D. Nuno em traje de jornada — depois Ignez

D. Nuno—A carta da minha Ignez atemorisou-me. Ha sem duvida algum segredo que não adivinho (*reparando*). Oh! a casa do Conde toda illuminada! .. não atino... sim... mas (*reparando melhor*) o quarto d'Ignez está escuro... talvez por me julgar d'espaço! .. Oh! o coração parece reprehender a minha delonga .. Como estarás bella... Ignez! — astro que illuminas a carreira da minha vida — céu onde scintilla a minha estrella tão ditosa — ao primôr de perfeição que a natureza creou, e onde os labios da virtude imprimiram um osculo eterno. . corramos... a vêl-a, a abraçal a. (*Quer ir, e reflecte*) E' mister suffocar os impulsos da paixão! Hei-de esperar por Jeronimo... não poderá tardar... sim: executarei á risca a ordem do meu anjo.—Ignez conhece os motivos, hão de ser plausiveis. (*Repara em Ignez que entra, e não conhece — á parte*) Se não me illudo ahi vem gente... ha-de ser Jeronimo... mas não... não me parece elle!...

Ignez, *chama* —Jeronimo

D. Nuno *á parte*—Oh! disséra ser a voz d'Ignez!

Ignez —Tu não ouves, Jeronimo? Espero-te ha bastante tempo.

D. Nuno—E' ella! (*Corre para Ignez*)

Ignez—Meu Deus! é D. Nuno!

D. Nuno—Oh! Aqui?!

Ignez—E tu só, D. Nuno?... e Jeronimo?... Chegaste ha muito!... Que mysterio!...

D. Nuno—Mysterios encontro eu: quando me retirava, recebo a tua carta, dóbro de velocidade, chego, entro pela porta do jardim—como dizias, e não encontro Jeronimo. A minha ideia era ver-te, abraçar-te; mas a tua determinação poude mais; não quiz transgredil-a: resolvi me a esperar. Appareceste e ao longe não te conheci; mas a tua voz deu mate á minha illusão. (*Terno*) Oh, minha Ignez!... Mas, dize-me, que illuminação é esta em casa de teu pae?! a tua pressa para que eu voltasse?! — explica me tudo.

Ignez, *olhando perturbada para um e outro lado* — E Jeronimo? .. este logar, e a má hora... se alguem nos visse... fôra pretexto sobejo para derramarem sobre mim todo o fel da calumnia; e...

D. Nuno, *vivo* — Dizes bem; entremos; a tua reputação é me tão cara como a ti mesma, sim.

Ignez, *com embaraço* — Não... não convem que entres... eu...

D. Nuno, *admirado* —Como?!

Ignez—Valha me o céu! Foge hoje d'este sitio... ámanhã tudo te contarei... ámanhã... receio... sim... já me demoro... eu amo-te... sempre... sempre! ..

D. Nuno, *fóra de si*—Será sonho?!... Que dizes, Ignez?! que fazes?!... a minha razão succumbe!... compadece-te de mim; destece o labyrintho das minhas ideias desordenadas! por quem és, pelo teu amor, illumina me, regula os movimentos do meu coração que se alteram... Ah! apaga o incendio da desconfiança que me devora. . (*Ajoelha*) Ignez! Ignez!

Ignez, *cedendo*—Sim, sim, não te contristes mais... tudo te conto... por ti despresarei a voz maligna do mundo, rejeitarei a vida, tudo; já me não vou, não.

D. Nuno—Minha Ignez, eu t'o agradeço. As tuas ultimas palavras foram um halito de Deus que me soprou uma alma nova, nasci de novo, vivi por ti e só para ti... nada receies... quero-te tanto!—mas a honra não t'a acceitava, ainda quando m'a offerecesses, não! por que ultrajar te fôra ultrajar-me.

Ignez—Ouve. Havia pouco que partiras, acabavam de sahir alguns pobres, que meu pae favorecera, e Jeronimo apoz elles para fechar a porta; quando—já era noite—chega Maria espavorida, pronunciando apenas algumas palavras soltas e sem nexo — d'improviso, entram alguns mascarados e arrebatam—Santo Deus!—o meu pae! .. Eu sahi aterrada, e quando o uso da razão começava a alvorecer, achei-me no meu quarto. — Maria contou-me que haviam ferido Jeronimo, quando se obstinava para fechar a porta. Elle cahiu, e julgaram-no sem vida.

D. Nuno, *com vivacidade*—E o Conde?! o teu pae!? o meu bemfeitor?!...

Ignez—Ah!... meu pae!... Contam tel-o visto morto (*chora*) e que apenas os seus restos dispersos indicavam que já vivera!

D. Nuno, *com explosão*—Justiça do Eterno, onde dormias?!

Ignez—Soube depois que D. Lopo...

D. Nuno, *admirado*—D. Lopo?! o Castelhano sequioso do sangue portuguez!...

Ignez—Sim: pedira Mathilde, e meu pae acabava de o repellir, quando a catastrophe sobreveiu. Olha, as minhas suspeitas... o meu coração accusa D. Lopo.

D. Nuno, *com reflexão*—Um perverso é capaz de tudo para conseguir os seus fins.

Ignez, *continuando*—Suspeitosa, encarreguei Jeronimo de vigiar os passos de D. Lopo, e proteger a tua chegada. Jeronimo lhe ouvira dizer, falando com Diogo:—E' indispensavel acabar com elle, D. Nuno é um rival que me affronta e...

D. Nuno, *arrebatado*—Um rival?!... Ignez, quem póde assignar o limite dos designios d'um tyranno?!... Tu amas-me, és virtuosa, mas... a violencia!... a violencia?!... ideia de estremecer! (*Depois de pensar*) Sim, a tua casa já te não offerece um asylo seguro, deixemol-a; a tua honra póde ser sacrificada e a minha vida tambem. Ignez, a traição faz succumbir os mais denodados. Esta é que me aterra! D. Lopo é perverso, as protecções sobejam-lhe—uma denuncia me levará ao cadafalso!... Fujamos!... fujamos!...

Ignez—Sim... Sim... mas... sequer o bom Jeronimo em nossa guarda.

D. Nuno—E' verdade: mas onde está elle?!

Ignez—A sua falta surprehende-me... e elle que nunca fôra omisso,—um escravo fiel da sua palavra.

D. Nuno—Quem sabe se adormeceu... elle está tão velho! (*Vão ambos procurando e depois D. Nuno repara na carteira que está aberta*) Uma carteira! (*Pega-lhe.*)

Ignez—E' a carteira de Jeronimo!... esqueceu-lhe.

D. Nuno—Prova que já esteve aqui. (*Admirado*) Oh! letra de teu pae... se não m'engano. (*Vem marchando para a scena.*)

Ignez—Céus! mysterio... lê.

D. Nuno, *lendo*—Ignez: Teu pae está encerrado no subterraneo da cascata...

D. Nuno e Ignez—Meu Deus! (*Olham para o subterraneo.*)

D. Nuno, *continuando a lêr sempre com difficuldade*—D. Lopo é o meu oppressor. Jeronimo viu e m'o disse — manda chamar D. Nuno — Salvem-me. — Conde

Ignez—Presago coração que assim m'o dizias... (*Caminham para o subterraneo, chamando*) Meu pae!...

D. Nuno—Meu bemfeitor! (*Decidido*) Urge o tempo... salval-o... Salval-o... vamos... arrombe-se a porta... (*Experimentando*) Não cede... (*Pensa*)

Ignez—Carteira enviada pelo céo!...

D. Nuno, *decidido*—Eu corro á justiça... Ignez, entra para casa: só aqui... só — não!

Ignez—Ouvir sequer a voz de meu pae... e depois...

D. Nuno — A demora é veneno.

Ignez — Sim... eu, D. Nuno... já me retiro.

D. Nuno—Affronta a D. Lopo! morte ao scelerado (*retira-se arrebatado e leva a carteira*).

Ignez, *para dentro* — Meu pae... (*escutando*) nem uma fala. (*Resoluta*) Ficará uma filha de sentinella á prisão de seu pae; sim: e quem ousará insultal-a?

SCENA V

A precedente e D. Lopo

D. Lopo —Vigiarei emquanto... (*Repara em Ignez — á parte*) Um vulto! (*alto*) Quem sois?!

Ignez, *á parte* — E' elle! meu Deus!

D. Lopo (*D. Lopo corre sobre Ignez com o punhal desembainhado, reconhece-a, pára, e — á parte*) — Ignez n'este sitio! (*alto—com brandura.*) Senhora, um engano, sim, só um engano me quizéra tornar infeliz... a esta hora, com a noite, tomei-vos por algum malfeitor. Formosa Ignez, perdoae a minha illusão.

Ignez, *com desprezo* — Hypocrita! vinhas sondar se a voz da innocencia que ali suffocas (*aponta para o subterraneo*) havia acaso transpirado áquem das abobadas que encerram? ou pretendias, com a morte da filha, accrescentar a série das iniquida-

des, por ti executadas contra o pae ?!... (*forte*) D. Lopo, os reverberos do teu punhal não me turvam, não!—Um assassino não faz desmaiar uma filha de guarda á prisão de seu pae! Saberei morrer no meu posto.

D. Lopo, *áparte* — Estou trahido! (*Alto.*) Ignez, as tuas palavras insultam-me: essa linguagem não se amolda com o caracter altivo de D. Lopo—vê que não fôra Ignez...

Ignez — Deixa-me: melhor fôra que fugisses ao raio imminente sobre a tua cabeça. Perverso!

D. Lopo — Confias demasiado no meu amor: mas o orgulho offendido póde supplantal-o. Attende melhor o senhor absoluto da tua honra e da tua vida; (*querendo agarral-a*) estamos a sós, o mundo não nos ouve, e...

Ignez, *repellindo-o* — Meu senhor tu? a honra escrava do crime!... Quanto a malvadez é orgulhosa! Não olhes a fraqueza do meu sexo, como fiança do teu poder: eu era fraca é verdade; mas agora sou forte; sou forte, porque defendo meu pae; tornei-me um escudo invulneravel aos golpes da violencia; um idolo que ella não venera, mas teme! Infame!

D. Lopo, *áparte* — Senão fôras o remate do meu triumpho... Far-me-hei desentendido. (*Alto.*) Ignez, vejo que deliras: é pena, tão formosa... sim, bastava o vêr-te só, fóra d'horas n'este sitio, para o ter acreditado. Compadeço-me de ti (*indo-se*) careces de soccorro.

Ignez — Deliro ?! Embusteiro; amarga-te a verdade, bem sei; mas é tão raro o véu com que tentas encobril-a!...

D. Lopo, *continúa a retirar-se — chama* — Pagens, criados (*vae para sahir e volta, como surprehendido*).

SCENA VI

D. Nuno, o juiz (traz a carteira), o seu escrivão, quadrilheiros com archotes accesos e soldados

D. Nuno, *apontando* — Eil-o!... (*A'parte*) Ignez!

D. Lopo, *áparte* — D. Nuno vivo!...

Juiz — Entregae-vos á prisão, senhor D. Lopo.

D. Lopo — Eu ?! e quem se atreve a criminar-me?

D. Nuno — O teu delicto.

Ignez — Este homem é o oppressor de meu pae.

Juiz — Senhor D. Lopo, accusam-vos de terdes arrebatado o conde D. João, pae de vossa esposa. — Consta mais — e esta carta escripta pelo proprio punho do conde parece confirmal-o — que elle se acha recluso n'um subterraneo d'este jardim...

D. Nuno e Ignez—Acolá! (*Apontam para o subterraneo, e todos olham.*)

Juiz, *continuando*—E que não falleceu, como se divulgou, e que, dizem, fôreis vós quem o assoalhára. As suspeitas são de muito peso; cumpre, por isso, que a justiça proceda ás averiguações indispensaveis, afim de obter provas bastantes que nos levem a proceder com conhecimento de causa. Quem possue a chave do subterraneo?

D. Nuno—D. Lopo é senhor de todas.

Ignez—Decerto.

D. Lopo—Mentis. Eu até não conheço o subterraneo de que falaes: casei hoje, e julgo que n'um tal dia não sobeja o tempo para contar e conhecer chaves.

Juiz—Não apparece? Arrombe-se da parte d'El-Rei. Disparae soldados. (*Os soldados mettem armas á cara.*)

Ignez, *horrorisada, para o juiz*—Suspendei! suspendei! por quem sois—e se a bala lhe acertar?! meu Deus!... meu pobre pae!

D. Nuno—E' verdade; a porta não deve ser muito resistente—o subterraneo não foi construido para carcere.

Juiz—Pois bem: empreguem só as coronhas das espingardas. (*Os soldados arrombam a porta.*) Acompanhem-me — maior será o numero das testemunhas.

(*D. Nuno tira o archote a um dos quadrilheiros, marcha adeante, o Juiz segue-o, entram ambos, e apenas se escondem ouve-se um tiro. D. Nuno sae com a mão sobre o hombro esquerdo, e ao meio da scena exclama*) — Traição! — (*cae. — Ao mesmo tempo tem entrado para o subterraneo a justiça.*)

Ignez, *olha para D. Nuno, e corre como relampago a soccorrel-o*—Jesus!

Juiz, *sahindo apenas Ignez, acaba* — E ninguem no subterraneo!!...
Ignez—Ah!! (*D. Lopo faz n'esta occasião um gesto de alegria feroz.*)

FIM DO SEGUNDO ACTO

ACTO III

O AMOR

(Escuro)

Carneiro sob a capella do palacio velho. E' allumiado por luz escassa, que se imagina emprestada por a lampada da capella superior e passa atravez da pequena claraboia praticada na abobada. A luz reflecte no chão, e parte d'uma das paredes, que todas se ornam de caveiras e ossos. Uma unica porta dá entrada no carneiro.

SCENA I

D. Lopo em trages negros — Diogo

D. Lopo, *sahindo, chama*—Diogo.

Diogo, *de dentro*—Lesto. (*Sae do fundo do carneiro debaixo do tablado.—Traz uma lanterna apagada e uma mortalha de mulher. — Esta colloca-a junto a uma das columnas*)

D. Lopo—Tão escuro.

Diogo—Apagou-se a luz n'este momento: quiz fazer terceira ao velho e a Mathilde. Olhae! parecem dois corpos n'uma só alma — a alma é a cova que os contém a ambos. Falta-me pôr a campa, para ficarem como dois ratos n'uma ratoeira.

D. Lopo, *não tem dado attenção ás palavras de Diogo*—Diogo, é mister que me alcances um recemnascido—quanto antes.

Diogo, *admirado*—Um recemnascido?! . . Quer dizer, posto de fresco, não é isso? Isso não são obras que se arranjem do pé para a mão; porém... (*depois de reflectir*) faz-vos conta um de quinze dias?

D. Lopo—Faz.

Diogo—Estaes servido. O meu mais moço... apenas conta essa edade. Porém, tomae cuidado de não o envenenar; não quero que elle vá para o tal muzeu de defunctos, que, segundo penso, quereis fazer n'este carneiro!

D. Lopo — Ainda bem que tal fortuna recahiu sobre elle. Toma cuidado: d'hoje em deante, tu mesmo o deves respeitar—é meu filho, o esteio da minha riqueza—percebes? E' a voz que se espalha, o mundo não deve saber outra.

D. Diogo — Bonito! Assim, a vossa esposa foi repentista—concebeu, gerou e deu á luz, tudo á primeira vista (*rindo*).

D. Lopo—Néscio!—divulga-se que fôra resultado de communicações anteriores ao nosso casamento.

Diogo — Boa pêta! — a falar sério, foi uma obra de caridade o matal a: tres quartos de morta já ella tinha. Com effeito: casada como hontem, despresada como hoje, e veneno ao terceiro dia!... (*Sor rindo*) Pela minha vida, que nem sequer lhe tomaram o gosto!

D. Lopo — E o ultimatum dos meus designios ? e a scena do subterraneo da cascata?! — Já te esqueceu?

Diogo — Oh, esqueceu?! (*referindo*) Eu dei o tiro para os atrapalhar — o pobre diabo do D. Nuno ficou ferido—safei-me e...—muito vale a tempo um valido—o juiz soltou-vos, e ainda por cima pediu vénia: isto apesar das suspeitas que sobre vós recahiam.

D. Lopo, *com um sorriso orgulhoso* — Desprezivel valimento fôra o meu se a mais não alcançasse. (*Tira tres papeis e mostrando os*) Vês?

Diogo, *contemplando os*—Nem por isso (*vae por onde reflecte a luz superior*) talvez ao reflexo da alampada... (*decidido que não póde ler*) nada vejo. Então temos mercê?

D. Lopo — Tres.

Diogo — Bello, meu nobre amo.

D. Lopo—Nobre conde, deveis dizer—eis a primeira.

Diogo—Parabens! E as outras?

D. Lopo—A segunda diz respeito ao capitão Diogo.

Diogo, *em transporte de jubilo abraça D. Lopo pelos joelhos*—Viva o meu rico validinho! o leal, nobre,

destemido, generoso, cavalleiro, conde D. Lopo (*com vivacidade*). Corro a accender a lanterna, quero lêr o meu despacho, e de caminho fazer sciente a minha Catharina Macha e...

D. Lopo—E a terceira mercê, não a queres saber?

Diogo, *batendo na testa*—Ah!...

D. Lopo—Pertence ao meu rival. E' a sua denuncia, que ámanhã deves entregar. Carece da tua assignatura.

Diogo—Prompto e... vou. (*Toca um sino ao longe —o som deve vir de cima*). Irra! já tocam ao côro! E' meia noite!

D. Lopo—Vae: aqui te espero. (*Diogo péga na mortalha—D. Lopo reparando*—Que levas?

Diogo—A mortalha da senhora: são propinas do enterrador. (*Vae-se precipitado.*)

SCENA II

D. Lopo e D. Duarte dentro

D. Lopo, *com orgulho—voz pausada*— De dia para dia, de instante a instante se desdão os nós que impediam a execução dos meus projectos. O meu pensamento ha de seguir seu rumo – é baixel que despréza elementos, embora os elementos contra elle conspirem (*aponta para o fundo*). Aquelle tumulo m'o está dizendo—pae e filha, que breve servirão de pasto aos vermes (*mudando de tom*). Um conde, rico, valido poderoso... (*com jactancia*) formidavel conquista ! maior que os pensamentos de Ignez!... (*recordando-se*) E' verdade... sim... tenho um competidor... que podia não ter, se o meu criado o houvéra encontrado... que vale ?— deve ámanhã sopesar os ferros da ignominia — a morte virá depois. (*Reflectindo.*) A morte ?! Não. Ser-lhe-ha commutada a pena, eu quem o alcance, Ignez que o supplique, e eis ahi novo jus ao seu amor... aliás (*forte*) força! violencia !— (*D. Duarte cantando na capella—a musica deve ser adequada a uma oração fervorosa.*)

ORAÇÃO

Grande Deus! a mão do crime
Filha e pae roubou á edade.
Santo Deus! dae vida á morte,
Que o sepulchro alce a verdade.

(D. Lopo *experimenta fortes commoções durante o canto, e prosegue depois)* — Parece voz de algum duende que me persegue! *(reflectindo)* a esta hora... quem?...— a desconfiança nunca sobeja .. em rectifical-a nunca se erra... *(saca do punhal)* A'vante! um punhal sustenta a coragem. (*Vae-se precipitado.*)

SCENA III

Mathilde e depois o conde

Mathilde *dentro* — Jesus! (*Sae debaixo do tablado pelo logar d'onde sahira Diogo, tropeça no ultimo degrau e cae de joelhos sobre a scena*) Meu Deus! (*Levanta-se arrebatada—Julga ter ouvido D. Lopo que busca.*) D. Lopo... buscas o meu thalamo?! ah! vem, vem: elle sempre te suspira (*recordando-se*) Mas... elle despreza-me... já me não ama... (*sentida*) ah! viria para me acabar de todo o frouxo raio da vida que ainda vivo?!... ingrato! não me assassines, não... eu ainda te amo... (*reparando*) A minha camara ás escuras?! (*põe as mãos nos olhos*) Eu estarei cega?! não distingo nada... nada... (*como recordando-se*) Mas eu subi.. do meu leito desce-se... (*apalpando as paredes*) a porta, á direita... as paredes cobertas de seda... e... estas tão ásperas!... de gelo! (*estremece*) onde estou eu?! (*olha para onde dá o reflexo*) Não me illudo... é reflexo d'uma luz... (*olha para cima.*) E' do céu! vem do céu!... e... (*olha para a parede em que reflecte a luz*) Craneos!... ossos! .. (*horrorizada*) Ah! (*começa em deliquio*) Sinto coalhar o sangue.. Oh!... parece que o meu espirito se eleva metade álém do corpo... Separa se mais... (*augmenta*) mais.. vida... vida! perdão, pae... meu Deus... misericordia!!.. (*cruza os braços sobre o peito, e vae caindo lentamente, pri-*

meiro sobre os joelhos, e depois de todo, em lugar occulto á vista do espectador).

Conde, *sae d'onde veiu Mathilde — vem abatido com voz sombria* —Oh!... (*contempla o sitio d'onde sae*) a que ponto se desvaira a minha razão (*Caminha para a scena reflexivo*). Adormeci talvez no interior de algum tumulo! Embora! tive um somno muito tranquillo (*com pezar*) e não durar sempre. Minha má estrella... máu destino! porque me escarneceis?!.. Morte! tardia que sois!—a tua ideia não me aterra; e que muito?! serás um somno sem fim?! Um leito onde repousa a vida para d'elle não despertar? Que importa—o somno será risonho, o leito juncado de flores, para o homem de consciencia pura, que o remorso não enxovalha (*Recordando se com magua.*) E Ignez. deixar a minha filha orphã tão moça!... (*reflectindo*) E' virtuosa... Se fôr acabrunhada em vida, colherá maior jus á bemaventurança (*recordando-se com horror*). Contraste funesto! (*Forte.*) Mathilde! Mathilde! .. Ah! talvez seja hoje a oppressora de sua propria irmã!... e com os labios ruçados por um sorriso de escarneo, nos braços do malvado, de Lopo, cuides zombar do teu pae, que assassinaste!!... Insensata!... a illusão te devora, e se ainda não acordaste do lethargo em que a paixão te sepultou, teme a tardança; e quando o véu se rasgar, encara o instrumento que o despedaça, e foge, foge! é o aguilhão do remorso sedento para cevar-se no teu peito! Desventurada Mathilde!

Mathilde, *a meia voz* — Ah! ..

Conde, *continuando* — Viver n'um carcere sem luz, cercado de cadaveres! e mais, e mais — comer o proprio pão como se fôra alheio, enviado pelas mãos do tyranno que m'o roubára! — ração do inferno que o demonio me distribue! (*Momento de pausa.*) Ah! onde pára o teu orgulho, conde?! E a vida?! a minha vida nas mãos d'esse homem, monstro gerado das fézes que a especie humana contém?! — Ideia de vilipendio, que tão abatido me tornas! (*Como em delirio.*) Oh!... Não sou um arbitro da minha existencia? .. (*fóra de si*) não tenho veneno. não tenho ferro... nem me foram mister... (*forte — pausado*) porque tenho columnas, tenho lousas onde posso esmigalhar o corpo,

e voar feito pedaços á região do nada!... (*pausa*) Do nada?!... Que digo? !... eu enlouqueço!... Um crime!. . roubar-me a mim mesmo do melhor dom que possuo, do presente de Deus que elle protege!... um delicto na hora da agonia!... (*pausa*) Não! nunca, nunca!... (*Cae de joelhos e mãos postas — em transporte.*) Salvè! doce fé que alimentas o coração do infeliz... Religião!... recurso consolador... divino raio, que vivificas a minha esperança amortecida!... Salvè! grilhão augusto, que subjugaste meu pensamento desvairado; mil vezes salvè!... (*mais tranquillo.*) Praza a Deus, que ainda veja a minha patria livre do jugo castelhano — vêr felicidades para Ignez, para D. Nuno, que amo como filho, e para Mathilde... Ah, Mathilde!. . (*Fica absorto e encostado a uma das columnas mais proximas do fundo.*)

Mathilde, *vae-se levantando horrorisada*—Ah!... sombra queixosa de meu pae innocente. Foge remorso, reminiscencia do meu delicto...

Conde, *despertando, á parte*—Santo Deus! .. eu sonho!... é o inferno que m'a expelle para que m'eu vingue!...

Mathilde, *parece sentir o que diz*—Remorso!—furia medonha fabricada d'espinhos peçonhentos, que me está crivando as entranhas!... cuja lingua farpada me está carcomendo o peito!... Oh!... cujos olhos fuzilam uma luz terrivel que me faz lêr o meu crime gravado sobre todos os objectos com um buril de Satanaz!... (*Com explosão*) Ah! tanto padecer?!... meu Deus, e ainda vos não mereço a morte?!... Ainda mais vida cortada d'angustias com que não posso?!... Oh! a morte!... e no momento derradeiro uma só ideia—o perdão de meu pae—uma só vista—a imagem da sua mão que me abençôa!...

Conde, *durante a fala de Mathilde, levanta-se e vae pouco a pouco approximando-se d'ella, até o instante de lhe cortar o discurso, o que executa, batendo lhe uma pancada forte sobre o hombro*—Eil-a! para te descarregar a maldição!... (*Pausa—a meia voz*) Se não fôra a mão d'um pae!

Mathilde, *estremecendo, encara o Conde*—Sombra!... Ah!. . (*Dá alguns passos incertos e cáe desfallecida em sitio onde não dê luz.*)

Conde—Não morras! Oh! vive antes para sentir com força centuplicada a voz tremenda d'um pae que te accusa! Encara-o primeiro, e contempla em cada uma das suas feições um espelho fabricado pelos tormentos! — vê n'elle representada a imagem hedionda de teus crimes! Olha que não é um espectro, não é um phantasma que te fala, um ecco que evoca as almas dos habitantes do sepulchro!... não! Apalpa estas mãos ainda animadas pelo calor da vida, (*chegando-lh'as)* cobertas pela cutis que fallece ás sombras. . Ah! talvez isso te peze, talvez as quizesses immoveis, descarnadas!...

Mathilde—Piedade!... basta ... basta

Conde—Basta, dizes tu!... Tambem a mim me sobeja, de ha muito, o peso das adversidades que me espesinham—e eu que as não merecera! E só para saciares o teu appetite cego e mal regrado?! só para saboreares a bel-prazer a mão d'um perverso!... a mão que na superficie te mostra delicias, e que são perfumes para occultar a sabida putrefacção das carnes, dilaceradas pela peçonha de todos os crimes!... (*Enfurecido, leva Mathilde para onde dá o reflexo*) Vem parricida, vem para aqui onde o reflexo é mais distincto. . vem, encara-me, reconhece-me, e afoga-te n'um pélago de remorsos!

Mathilde, *encara o Conde, reconhece-o e levanta-se —com explosão*—Ah! meu pae!... aqui... mysterio... sois vós?!... (*Depois de breve pausa, cáe de joelhos—vivo)* Sêde meu confessor na hora do passamento! .. o sacerdote que benigno me absolva do peccado nefando que me condemna! — Meu pae, eu sou delinquente... encerro toda a culpa que ha na terra e nos infernos!... mas, tenho padecido muito... Ah! (*como desfallecendo*) sinto já limadas as valvulas ensanguentadas do meu coração — valvulas com que tenho prolongado todo o martyrio d'uma vida infeliz... Ah! perdão... piedade! (*Cáe abraçada com os joelhos do Conde.*)

Conde, *querendo affa tal-a—á parte*—Ah! faltam-me as forças .. eu tremo... parece extinguir-se o rancor que julgava possuir... por que a não via supplicar a meus pés, tão castigada, pisando a terra da morte! Meu Deus. coragem! (*Para Mathilde*) Affasta-te, filha... (*Emendando se*) Não! monstro que retrataste a indole de filha.

Mathilde, *levanta-se sobre os joelhos—afflictissima—* Desprezae a mulher que até renegou, como dizeis, a propria indole de filha; mas, compaixão com a sua alma que uma eternidade contempla! Não sejaes vós o renegado da natureza de pae, não... nunca... vós que sois bom, perdão!

Conde, *á parte*—Foge pranto... não te preciso... não te quero.

Mathilde, *em desespero*—E no auge da dôr, nem sequer uma lagrima para embrandecer o justo inflexivel de vosso peito! (*Com explosão*) Protecção, meu Deus!... Oh! malditos olhos que só me transmittem pena! Olhos de furia, que me vomitam scentelhas de remorso no amago de mim mesma!... Ah! tudo me desampara... meu pae... meu pae!... valei-me!.. (*Cáe de novo.*)

Conde, *trémulo*—Sinto todo o fel das suas amarguras... parece que a sua culpa se reflecte na minha alma. . que eu tambem sou réo... (*Commovido*) Ai! filha, (*tocando-lhe*) filha!... Entra de novo em meu coração, que te abre as suas portas — vê teu pae, que te abre os braços do perdão... minha filha, recebe-o, acceita-o. (*Toma Mathilde nos braços.*)

Mathilde, *encara o pae — delirante* — Eu sonho!... deliro .. o perdão... meu pae... ah!

Conde—Não delir as, não sonhas; o perdão... sim, o perdão... Ah! que larga edade peza sobre mim, e ainda não conhecera a fundo o coração d'um pae — o coração que ensina á lingua um rancor que elle não encerra, um odio que sempre lhe fôra alheio! Póde um pae julgar por momentos que detesta um filho, mas aborrecel-o nos seios d'alma, nunca, nunca—seria um monstro que se chamasse pae! (*Com ternura*) Mathilde, (*dá lhe um beijo na testa*) sentes este meu osculo do perdão? Praza a Deus que da testa se lhe transmitta á ideia—que a humidade dos meus labios lhe apague alguma faisca de martyrio que ainda conserve. (*Chama*) Mathilde... vê que te perdoo.

Mathilde—O perdão?... (*Pausa*) Céos!... palavra celeste... côro de seraphins que me exaltas o espirito... sonho de extasis que me arrebatas á morada dos anjos... Oh! o perdão articulado pela bocca de meu pae!... e elle tudo esqueceu... sepultou meus delictos, para só me offertar effluvios

da sua indulgencia. (*Beija-lhe as mãos*) Ah! deixae-me libar de vossas mãos bemfazejas a benção da felicidade. Meu pae, vós, generoso, me outhorgaes o perdão, mas eu, eu sou a cumplice que ainda devo supplical-o. (*Cáe de joelhos*) Perdão!... mil vezes perdão!

Conde, *levantando a*—Levanta-te, minha filha. Conta-me como chegaste a este logar, para que fim?—relata me tudo—anhelo por tudo saber.

Mathilde—Por vós e por Deus vos juro, que ignoro onde estou e por que motivo. Eu, no auge do meu delirio, consenti .. Santo Deus... vós já o sabeis .. —para complemento das minhas nupcias que se effectuaram. No dia seguinte, quiz D. Lopo que nos mudassemos para o palacio velho, e assim mudaram tambem os seus affagos, que se tornaram desprezos, sem que eu pudesse adivinhar a causa. O seu menosprezo tornou mais aguda a voz do remorso que por toda a parte me seguia, e... lembra-me de ter-me recostado agoniada; depois, como velando d'um lethargo de morte, figurou-se-me escutar a voz de D. Lopo; corri por ella, o ecco findou, sumiu-se a visão, e achei-me a sós com esta paragem de mysterio e pavor!... Ah! e eu houvera succumbido, se o vosso indulto me não restituira á vida—meu pae! (*Abraça-o, e continúa*) Crêde, meu pae, que só descubro mysterios em tudo que nos cerca; e o nosso encontro n'este sitio, quando vos julgava em Castella, levam-me ao auge da confissão.

Conde—Em Castella?!... eu?!...

Mathilde—D. Lopo contou-me que alli vos tinha enviado, e que lá foreis bem acolhido por um seu amigo.

Conde—Embusteiro. (*Pensando*) E' bem mysteriosa a nossa mutua situação, por certo! mas, este logar... se mal não cuido... é o carneiro do meu palacio, do palacio velho... não ha que duvidar. Ouve: tu sabes que me arrebataram?

Mathilde, *sentida*—Antes o não soubera...

Conde—Encarceraram-me depois no subterraneo da cascata, onde passei alguns dias morrendo á mingua! Afinal entrou um companheiro do teu esposo—Diogo, segundo me informou Jeronimo, trouxe-me algum sustento, sahiu e voltou pouco

depois, quando um somno conciliador começava apenas a imprimir-me o seu osculo de ventura, por então pouco duravel. Vendou-me os olhos, manietou-me, tolheu-me o uso da fala com uma mordaça; emfim, ludibriou-me a seu bel-prazer! ..

Mathilde—Infame!

Conde, *como resignado*—Ah! o meu enfraquecimento tudo permittia. (*Continua*) Senti então um arruido confuso—deu elle algum cuidado a Diogo, que, depois de disparar um tiro, me levou para além da porta, por elle fechada em continente. D'ahi me conduziu algures, pouco distante d'este sitio, abriu-se uma porta, subi e desci escadas, mas julgo ter descido muito mais; emfim, aqui me deixou. Já vês que ha certa coincidencia na nossa mudança; além d'isso, a tua apparição n'este logar é, mais que tudo, a certeza de que D. Lopo não confiára a sua victima para longe de si... (*Recordando-se com orgulho*) A sua victima!... e esta victima é teu pae .. e o verdugo é o teu esposo! .. (*Com explosão*) Oh! cinzel da infamia, que me estás lascando a vida!...

Mathilde—Ah! meu Deus!

Conde, *mais socegado*—Saiamos d'esta morada tenebrosa, cuja inscripção é a morte... vamos respirar um ar mais puro. (*Procurando a porta*) Se eu a pudesse espedaçar... (*Para Mathilde*) Ajuda-me.

Mathilde—Sim, meu pae. (*Mathilde e o Conde vão procurando a porta — abre-se esta d'improviso e, sobresaltados, recuam*)

SCENA IV

Os precedentes e D. Lopo

D. Lopo entra com o punhal na mão, que deixa cahir ao encarar Mathilde e o Conde — Affasta-se depois como petrificado

Mathilde—D. Lopo! .. (*Quer ir para elle, e o pae detem-na agarrando lhe no braço com força — o Conde pega depois no punhal.*)

D. Lopo, *horrorisado e trémulo*—Ah!... (*Volta a cara para o lado, e aponta para os dois como repellindo-os*) Larvas pavorosas!... almas resurgidas!... voltae ao sepulchro!... (*gelado de pavor*) Ah!...

ah!... crime!... abysmo!... inferno!!... (*Dá alguns passos sempre affastando-se, e cáe fulminado.*)

Conde, *avança para D. Lopo*—Rasgue-se o assassino com o ferro do assassino!

Mathilde, *quando o Conde vae para cravar o punhal, em D. Lopo, mette-se no meio e cáe de joelhos abraçada com os do pae — afflictissima* — Meu pae!... piedade para D. Lopo! . para o meu esposo!... que eu ainda adoro... ainda... ainda... agora mais do que nunca!...

Conde, *querendo affastal a* — Affasta-te!... Retira-te!... Paixão do inferno, que outra vez lhe correste o véo da falsidade!...

Mathilde, *afflictissima*—Ah!... misericordia!... Meu pae! — Antes seja eu a fonte onde farteis a sêde da vossa vingança! .. antes... antes...—mas... poupae aquelle por quem de bom grado engeitára a vida... por elle, por elle, só por elle... D. Lopo ..

Conde, *furioso*—Mulher de Satanaz! demonio que patrocinas o crime, em vituperio da honra e da natureza, (*dá-lhe um empurrão*) longe!... longe!... (*Caminha, levando Mathilde de rastos.*)

Mathilde, *de rastos, agarrada aos joelhos do pae* — Morra a mulher fraca!... morra!... mas não se diga que olhou de sangue-frio o homicidio de seu esposo!... não! .. nunca!... (*Grita*) Soccorro!... soccorro!...

Conde, *fóra de si* — Oh!... furor!... céus!... inferno!...

Mathilde, *no auge da afflicção* — Cobardia!... Soccorro!... Soccorro!...

Conde, *completamente desvairado—com explosão* — Mirra-te, veneno que nutres o dragão do pae e da patria!... Morre!... elle em breve te seguirá!... (*Faz primeiro, segundo e terceiro movimento para cravar o punhal no peito de Mathilde, recúa sempre e á terceira vez, quando está a ponto de ferir, faz um movimento imperceptivel que lhe arroja o punhal para longe—Eleva as mãos e olhos ao céu, e, tremulo, cae de joelhos abraçado com Mathilde.*)

FIM DO TERCEIRO ACTO

ÁCTO IV

O SIGNAL

O theatro representa um bosque, menos denso proximo ao espectador, e que successivamente se vae emmaranhando para o fundo, onde sobresae uma montanha allumiada pelos raios do sol Ha n'ella uma vereda que lhe dá accesso, e que parece continuar para o outro lado. Enxerga-se por entre as arvores, e no fundo. — A' esquerda do espectador—parte da estrada para uma caverna, talhada na rocha.

SCENA I

D. Nuno e Ignez em trajes pastoris — Saem da caverna abraçados

Ignez— Como é suave o ar que respiramos agora aquecido pelo sol moderado de novembro! — Um bello dia do outomno é o filho mais bello e creador das estações. Não sente o fogo do verão, nem o gelo do inverno, e até, quanto a mim, sobreleva a primavera, cuja temperatura é sempre mais excessiva. Oh, o outomno é o refrigerio do estio — mais tépido que a sua melhor noite, emfim, o quadro da saudade. Ainda ella não passou, e já nos lembramos do porvir triste e chuvoso que nos desconsola Não é assim, D. Nuno? então não fiz bem, pedindo-te que sahisses d'aquella morada humida? (*Contemplando-o.*) Olha, estou certa que até ha de contribuir para sarar de todo a tua ferida. Ah! cada vez que me lembra aquelle tiro... Mas não te afflijas, não estejas triste (*com ternura*) máusinho! (*Pondo-lhe a mão pelo rosto.*)

D. Nuno, *levando a mão ao hombro esquerdo*—A fe-

rida não me dá cuidado, que quasi sã está ella. O que mais me contrista a minha alma é vêr que são pagas com martyrio as delicias que me concedes—vêr-te a sós com este bosque tão triste, que melhor dissera sepultura de vivos, e sem ao menos ter esperança de mudar de fortuna! E se taes desventuras fossem todas para mim!?... Mas, vêl-as eu repartidas pela minha Ignez, tão sem culpa, tão innocente... Ah, é uma pena banhada em fel, que me escreve de contínuo a tua desdita no meu coração—desdita offerecida por mim, em recompenas dos teus penosos sacrificios!...

Ignez—Meu Nuno, meu esposo—bem haja Deus que já t'o posso chamar—não me bafejes o rosto com expressões, cujo halito o faz córar; não. Tu falas em martyrio, em sacrificios para mim, quando sou tua companheira!—quando n'este bosque, triste, como lhe chamas, te estou vendo!?... te góso... Sim! côlho a flôr mais viçosa do teu amor—o pômo da ventura, cujo licôr, deleitoso, sôrvo sem remorso, livre das nodoas do peccado! D. Nuno, quão pouco valera a tua amante, se diverso pensára?—A que se reduzira então o seu amor? (*pondo a mão no hombro de D. Nuno.*) Não te contristes por amor de mim ..—Não?... (*passeando.*) Olha como eu estou contente... como o sorriso me alegra os labios... observa este verdor, que está esmaltando o painel da natureza!... Olha... olha... parece que as folhinhas apontam todas para a nossa caverna... que n'ella reflectem a sua côr de esperança...—talvez diste bem pouco a nossa felicidade—quem sabe?

D. Nuno, *dá-lhe um beijo*—Meu serafim, a tua constancia maravilha me: a tua candura, os teus desvellos são o nectar sublime que me adoçam o queimar do tormento. Feliz D. Nuno, a quem o céu concedeu uma esposa como tu! .. Outr'ora tão compassiva, tão accessivel á miseria dos outros, que sempre echoava no teu coração; e hoje, hoje acabrunhada por ella, e escutando a sua voz mal querida com o jubilo da resignação!... Oh, virtude!—Coragem, que nos fazes suplantar o destino mais adverso, e ainda no seio da desgraça; possuimos bens, para prodigalisarmos ao nosso simelhante!—Assim, tu exercitas commigo, meu amor,

minha filha... pomba que o céu mandára a plantar a virtude sobre a terra, e a felicidade no meu coração! (*abraça-a.*)

Ignez *abraçando-o*—Lisongeiro! (*larga de repente D. Nuno, e estremece).*—Ah!... Meu Deus!... vi agora por entre as arvores... senão me engano... um velho mal afigurado... e...

D. Nuno, *assombrado* — Quem?... Onde?...

Ignez, *puxando por D. Nuno*—Fujamos para a caverna. . se nos descobrem... estamos perdidos.

D. Nuno—Talvez algum espia de D. Lopo?!... Oh, desesperação! (*irresoluto.*) Queira Deus se abysme antes de nos vêr.. (*resoluto*) ou eu mesmo o farei abysmar (*quer ir—precipitado*).

Ignez, *detendo-o* —Ah!... não... não... pelo nosso amor... vem... entra... quem sabe?... e se fossem muitos?...

D. Nuno —Ainda que sejam mil, não me desbotará o animo. Antes largar a vida na peleja, ceifando cabeças de estrangeiros orgulhosos, que nos agrilhoam a liberdade... antes... que padecer morte affrontosa sob o cutelo de um verdugo... Oxalá que a minha acção fôra a primeira escaramuça para reivindicar a independencia da patria!... e o meu suspiro derradeiro similhante ao fragor de um diluvio, que a faça despertar da sua inercia aviltante!... Malvados!... (*querendo marchar*)

Ignez *ajoelhando*—Por piedade!... vê que trocámos metade da nossa vida... que matando-te morremos ambos... Ah! vive, para a tua Ignez viver... a tua esposa, que tudo te concede, afóra a existencia, para que ella te não deixe... D. Nuno, entra, (*puxando-o*) esconde-te... depressa... dentro da nossa morada seremos mais fortes...

D. Nuno, *depois de pausa*—Anjo da minha guarda... imperante da minha vida... vamos. (*Caminham para a caverna e ficam espreitando á entrada.*)

SCENA II

Um mendigo e logo D. Nuno e Ignez

Mendigo — Jurára que os tinha enxergado .. algures proximos a estas arvores...

Ignez—Elle procura-nos... occulta-te.
D. Nuno—Occultar-me?! Não vou antes ao seu encontro, para lhe dar o castigo que me prepara (*querendo sahir*).
Ignez, *detendo o*—Não: não vás... prudencia...
Mendigo, *occulta-se e logo apparece*— Torna-se-me difficil... a floresta é tão emmaranhada... mas a paciencia tudo vence.
D. Nuno *sae arrebatadamente com uma pistola apontada para o mendigo.*
Ignez, *seguindo D. Nuno*—Piedade!... (*Fica encostada a uma arvore.*)
D. Nuno—Quem és? que pretendes?...
Mendigo, *repara em D. Nuno, fica confuso, e depois —com transporte*—Céus!... D. Nuno!... é elle!... (*Tira as barbas postiças, levanta o chapéu derrubado, e fica n'uma postura de recepção alegre*)
D. Nuno, *reconhece-o, deixa cahir a arma, e corre a abraçal-o*—Aqui!... D. Duarte!... perdão!... perdão. (*Chamando*) Ignez, D. Duarte!... vem aos seus braços.
Ignez, *correndo para D. Duarte*—Meu tio!...
D. Duarte, *correndo para Ignez*—Extremada sobrinha!...
Ignez, *abraça D. Duarte*—Foi o céu que vos guiou, mas... a vossa apparição n'este logar surprehende-me, quanto me alegra.
D. Duarte — Conheço a vossa situação desditosa. (*Para D. Nuno*) Não te acompanhei para Lisboa, quando me levaste a carta de meu irmão, porque, além da doença com que luctava, e que de prompto me deixou, julgára dever melhor reflectir antes de deliberar. Era e sou um proscripto, e pequenos passo além da orbita em que Miguel de Vasconcellos me encerrou foram, sabendo-o, passos de gigante para o meu supplicio. Lembrou-me o disfarce, e com estes habitos me parti para Lisboa, na volta da Ericeira. Dirigi-me a tua casa, e quando, já proximo d'ella, admirava vêr portas e janellas fechadas, avistei o pobre João, que me reconheceu—não sem que por mim tivesse receio, por que de principio me chamava seu bemfeitor, em altas vozes.—Bom homem! — Levou-me para o seu casebre, e alli me contou do casamento de Mathilde e dos feitos que D. Lopo praticára contra a nossa familia.

D. Nuno—Tyranno!

D. Duarte, *continuando* — Tratei de melhor me disfarçar, fingindo-me mudo; e assim pedi a João que a todos o dissésse. Fui com elle a casa de D. Lopo pedir esmola, a vêr se via algum de vós, mas em vão.

D. Nuno—Curavamos então nos meios da fuga: e já não era cedo para ella, porque D. Lopo diligenciava a minha morte a todo o custo.

D. Duarte—Como vos contava; depois de pedida e negada a esmola, despedi-me de João até á noite, e eu, na porfia de vos vêr, fiquei proximo ao palacio velho, pedindo esmola aos que passavam. Ainda alli estava, quando d'uma janella me chamou Diogo, e perguntou-me se sabia lêr e escrever? Acenei—que não. Voltou, e veiu d'ahi a pouco com um bilhete, accrescentando que fosse a uma botica distante buscar aquelle remedio, e depressa. Mal eu tinha virado a primeira esquina, leio o bilhete, e vejo que se pedia veneno violento. Mil suspeitas e temores se accumularam sobre mim. Que farei?! me perguntava eu mesmo... Se eu lh'o não levar, não faltará quem! Lembrou-me fazer uma receita, que em vez de veneno, apenas demandasse um narcotico forte. Assim, disse eu, se fôr applicado, os primeiros effeitos serão quasi os mesmos, e por ventura conseguirei um resultado que me illucide. Foi o que fiz. Acabei de cumprir o meu recado, e puz-me de atalaia, não muito longe da casa de D. Lopo. A noite cresceu e diminuiu, sem de nada me instruir: até que o dia veiu annunciar-me o crime que eu antevêra. Foi n'esse dia que se divulgou a morte de tua irmã, e que a depositaram na capella. Porém, a certeza de que tal morte era falsa, e que podia tornar-se effectiva sem o meu soccorro, fez-me revolver mil ideias para salval-a.

Ignez—E salvaste-la?

D. Duarte—A sua má estrella não m'o consentiu. (*Continúa.*) A' bocca da noite occultei-me na capella, fechou-se a porta; e eu fiquei aguardando as horas más, como lhe chamam, e que então eram para nós as horas da salvação! Mathilde estava na eça, e o relogio batia os tres quartos para a meia noite—vou á porta, abro-a, para que a retirada fosse mais segura, e quando voltava senti descer al-

guem para a capella Para que me não vissem, cerrei a porta, e puz-me de fóra, deixando correr espaço. Dão horas, e se não me enganei, pareceu-me escutar novo rumor. Dissipou-se, e quando pouco depois entro, chego á eça, e... Santo Deus!... Mathilde já lá não estava.

Ignez, *com espanto*—Sepultaram-na viva?!...

D. Nuno—Ah!...

D. Duarte, *continúa*—O transporte, a colera, emfim, um poder invisivel me arremessou de joelhos; e uma inspiração divina, e não sei como esperançosa, me fez entoar a Deus um hymno que eu não compuz, e que repetia com fervor. A letra era curta, mas forte; assim dizia: (*Recita a quadra que cantára no terceiro acto.*)

Grande Deus, a mão do crime
Filha e pae roubou á edade.
Santo Deus, dae vida á morte,
Que sepulchro alce a verdade!

Sente-se apitos ao longe.

Ignez, *escutando*—Não ouviste?!...

D. Nuno—Algum vento mais forte que sibilou atravez da selva; não te assustes.

D. Duarte, *continúa*—Senti novo arruido quando me retirava da capella, e levei o resto da noite n'uma vigilia d'amargura. Ao amanhecer tornei a encontrar João, que em minha procura andava, e elle me informou da persegnição que D. Lopo contra vós intentava. Corria o boato de haverdes fugido caminho de Cintra. Despedido de João, corri á ventura em vosso alcance, e as minhas esperanças já se amorteciam, quando o céu me guiou a este sitio ditoso. (*Abraça-os*).

Sente-se apitar ao longe.

Ignez, *escutando*—A refrega do vento assusta-me ás vezes.

D. Duarte—D. Nuno, como és um portuguez honrado e de boa tempera, sabe que se faz mister irmos para Lisboa em continente. Pedro de Mendonça voltou e D. João...

Sente-se apitar repetidas vezes.

Ignez—Então é vento...? Ah! talvez alguns espias...

Meu tio, rogo-vos que entreis para a nossa morada occulta.

D. Duarte — Não. Preciso ir já em busca de melhores trajes para o vosso disfarce: esses não bastam. O povoado fica longe.

Ignez — Um instante de repouso, e depois D. Nuno vos guiará pelo atalho.

D. Nuno—Sim: entremos.

D. Duarte—Por pouco. (*Entram.*)

SCENA III

Diogo, com uniforme militar, mal ataviado — Um soldado

Diogo, *precipitado*—Jurára ter visto alguem, mas... foi-se. Já tenho os bofes mirrados de apitar, e a soldadesca — moita. Isto de soldados, quando apanham um commandante noviço, julgam-no um menino no papo das bruxas. Mas eu hei-de-lhes pôr o sal na moleira. (*Repara.*) Oh! ahi vem o primeiro desgraçadinho.

Soldado, *entrando*—Prompto.

Diogo, *inchando-se* — Então, ando em cata de vocês ha que tempo, e...

Soldado —Mal tocou o primeiro apito, corremos todos á uma para o ponto aprazado; e lá estivemos até agora, esperando as vossas ordens.

Diogo—E' o que lhes valeu. Ora vae, e sentido...

Soldado, *coçando a cabeça*—Mas, o troço destroçou atravez da matta.

Diogo, *irado*—Destroçou?! sem o meu mandado!... Irra! ficarão todos em custodia... presos eternamente. . e uma conta de rachar ao sr. Conde — D. Lopo.

Soldado—Como o meu Capitão em nenhures apparecia, arreceámos lhe tivesse acontecido alguma, e por isso destroçámos em sua procura. Bem sabe que o nosso Capitão, cá para nós outros, é como o outro que diz—o *totum conti*.

Diogo— Lá isso sim, tens razão ; mas marcha agora, e, á medida que os fôres encontrando, manda-os— que mando eu—reunir todos no tal sitio. (*A'parte*) A tal palavra de capitão tufou me, que nem que me assoprassem com um folle de ferreiro.

Soldado, *reparando e rindo*—O meu Capitão ha-de perdoar: mas tem os cópos da espada ás canhas. (*Endireita-lh'os.*)

Diogo, *envergonhado*—Então que queres? se as arvores d'este bosque são tão galhudas. (*Zangado.*) Vae-te.

Soldado, *retirando-se—á parte*—Anda, meu portuguez hespanholado, que algum dia te ha-de estoirar a burra. (*Alto.*) Pum!...

Diogo, *puxando pela espada*—Que foi isso?!...

Soldado—Não ha novidade, meu Capitão. Foi um sapato que me arrebentou: se as arvores d'este bosque são tão galhudas! (*Vae se, rindo*)

D. Ignez, D. Nuno e D. Duarte sáem da gruta e sóbem ao alto da montanha—os dois desapparecem, Ignez fica por algum tempo acenando com o lenço, e d'ahi retira-se para a caverna.

Diogo—Vae-te com os diabos. Não quero que ninguem os descubra primeiro do que eu, senão adeus premio.—Meu capitão, dizia o soldado... meu capitão! que nome! forte como um trovão... e foi D. Lopo que me trepou a estas alturas... Bem o haja elle.. devo-lhe muito. (*Repara.*) Elle que chega. Bem vindo, meu Conde.

SCENA IV

O precedente e D. Lopo, armado de punhal e pistola

D. Lopo—Então, encontraste alguem?

Diogo—Nem viv'alma.

D. Lopo—A força que trouxeste não basta para cercar a floresta. Mandei partir um reforço, que espero breve. Ah! Diogo! O ciume devora me. Desgraçado rival se não foge á minha vingança.

Diogo—Estou por isso; mas diga-me cá, os presos ficaram bem abafados?

D Lopo—Nem de tal me lembrou. Nem te admires, que as minhas ideias são: amor, ciume e vingança; mas... (*recordando-se*) se bem cuido, já antes havia guardado a chave da capella, para maior segurança.

Diogo—Essa de pouco vale Ou me engano... mas, disséste-me tel-a achado aberta na noite da canta-

ta. Pena foi que se não encontrasse o cantor, para o encaixarmos no subterraneo; e ouvir então a sua bella voz fazendo ecco por aquellas abobadas Oh! meu Conde, nunca vos vi tão abatido como n'aquella noite.

D. Lopo — Acredita que foi a primeira vez na minha vida que me horrorizei.

Diogo — Acredito.

D. Lopo — Aquella resurreição é mysteriosa: mas em eu chegando a Lisboa, o mudo ha de resolver o enigma.

Diogo, *sorrindo* — Ha de ser bonito ver um mudo a explicar enigmas.—E' um enigma a explicar outro. Mas é bem feito; teimou em não querer que eu fosse... Olhe que talvez não resuscitassem; e lá para me não conhecerem, pudéra ir disfarçado.

D Lopo—Confesso que não caminhei com segurança... Embora, elles lá estão ao meu dispôr, e o mudo não fala.

Diogo — Lá isso é verdade. Mas... elles resuscitaram logo que eu sahi?... depois?... ou .. Eu tinha-os deixado tão bem dormidos, que pasmo!

D. Lopo — Quando sahiste fiquei, como sabes, á tua espera. Ouvi depois a tal invocação, ou quer que valha e, resoluto, subi com o punhal nú. Porém, só a porta aberta confirmára que alguem entrára: tudo estava em silencio Escondi-me atraz da porta, demorei-me alli algum tempo, e como nada accoresse fechei a, e fui para o subterraneo esperar-te Foi então que succumbi, e se não fô as tu...

Diogo — Se quer que lhe diga, eu tambem fiquei alguma coisa atordoado; e se elles me arreganham o dente, talvez me fizessem tomar as de Villa Diogo: mas, vi os tão abraçados, como dormindo, tratei logo de vos puxar cá para fóra: e —truz! — fechei a porta. Olhae que sempre cheguei em muito bôa occasião; an?...

D. Lopo—Chegaste a tempo de me salvar a vida, mas feriste-me ainda com mór força, noticiando-me a fuga de Ignez (*com raiva*). Ah! conceber sequer que a mínha presa se escapa, o remate do meu triumpho, e para maior desdoiro, que vae na companhia de um competidor que aborreço!... — E' um golpe que decepa pela raiz a arvore collossal do meu orgulho... mas, a minha vindicta a fará

renascer ainda mais frondosa (*com explosão*) Sim! A mil leguas abaixo da maior fundura do Oceano no meio do astro mais distante da terra ; ahi mesmo chegará o meu raio vingador !—ahi se erguerá o patibulo affrontoso, onde pereça D. Nuno; e Ignez será minha. (*Entra tropa.*)

Diogo, *vendo a tropa que chega*—Ahi vem o reforço.

SCENA V

Os precedentes e tropa

D. Lopo—Diogo! Soldados! aquelle de vós que prender os fugidos será, no meu conceito, o mais valente, e receberá, além d'isso, um premio de cem portuguezes d'ouro. Elle quere-o vivo ou morto; mas vivo tem preferencia; e ella, depois de presa, deveis tratal-a com mais suavidade. Ao signal de soccorro, todos de rapido correrão a elle — o signal é um tiro. (*Para Diogo*) Tu, d'aqui a dez minutos, deves encontrar-te commigo n'este logar: quero ser informado a miúdo do que fôr occorrendo. Vamos. (*Saem D. Lopo e a tropa pela direita do espectador.*)

Diogo *só*—Cem portuguezes d'ouro!... que pechincha!—posso dotar meia duzia de freiras e ainda me sobeja muito dinheiro — Oh ! em eu agarrando os desertores, hei-de passar com a escolta pela minha rua; só para quebrar os olhos á visinhança e fazer as devidas continencias á minha Catharininha .. Quem me dera já vel-a á janella, babando-se de gosto, e eu manobrando com o trôço: Supponhamos: (*Desembainha a espada, colloca-se ao pé de uma arvore como se ella fôra soldado, e depois dá vozes*) — Marche—Alto, etc. (*Pára, e depois como lembrando-se*). Mas... ia-me esquecendo o melhor. Toca a adelgaçar o bosque. (*Vae-se analysando.*)

SCENA VI

Ignez e logo Diogo

Ignez, *sahindo da caverna*—Não poderão tardar: vou ao cume da montanha, para ver se os avisto

Diogo *sahindo rapido* — Vivam os cem portuguezes d'ouro !

Ignez, *recúa—áparte*—Meu Deus! descobrirão o nosso asylo.

Diogo—Nobre D. Ignez. O conde D. Lopo, meu amo, tem um jardim, mas faltava-lhe a melhor flôr, que sois vós, e. . sem mais preambulos, fazei a graça de me acompanhar.

Ignez—Maldito elle e infame tu. Se attentas contra mim, não te lembres de vencer uma mulher, imagina que ant'olhas um tigre, cujas garras te dilaceram.

Diogo, *zombando*—Eu attentar ?! Nem por sombras. Tenho ordem para vos tratar com doçura; e parece-me que chamando-vos flôr não ha nada mais adocicado.

Ignez—Retira-te, vil instrumento da perversidade—figura sordida, que assim ousas motejar-me. Vae te.

Diogo — Mais de manso, mais de manso. Vê se que já não falaes com o creado de D. Lopo, mas sim com um capitão dos reaes exercitos de Filippe IV de Castella, e terceiro de Portugal.

Ignez — Capitão ?!... tu ?!... E qual foi o homem sem vergonha, que d'esta arte manchou as insignias da honra e do valor?! Ah! é assim que se faz justiça, é assim que um ministro despotico, escutando só as vozes dos seus afilhados, reparte por entre elles o bôlo da nação; do que é nosso, como se fôra seu, e despreza a lei, a justiça e o que póde dizer-se virtude, porque a sua virtude é o crime? Ah, Miguel de Vasconcellos! tu e o teu valido!...

Diogo — Bello! disse, e disse muito bem: mas quem lhe encommendou o sermão que lh'o pague: e... não me faça sahir a bola fóra dos eixos, quando não...

Ignez — Quando não?!... (*A'parte.*) E' um homem brutal... e... se pudésse entretel-o até que elles cheguem... (*para Diogo com moderação*) Então quem te despachou? Conta-me.

Diogo—Ah... a modo que se vae demorando... Vamos. . (*pega-lhe n'um braço e quer leval-a*).

Ignez, *querendo arrancar-lhe a espada*—Infame!...

Diogo—Tire para lá os gadanhos, olhe que se póde arranhar. Senão fôra a ordem de D. Lopo, cortava-a como quem corta queijo, e depois (*fazendo acção*) engolia-a (*puxa por Ignez*).

Ignez—Malvado!.. (*empurrando Diogo.*)

Diogo—Não ha remedio. (*Apita — áparte.*) Assim livro-me de a maltratar (*Saem alguns soldados — todos se admiram — Diogo dirigindo-se-lhes*) Levem-na para o sitio da reunião, e sentido, não fuja, olhem que é muito leve. (*Os soldados agarram Ignez e a levam.*)

Ignez, *forcejando* — Larguem-me, malvados!... D. Nuno! Soccorro!... D. Nuno!...

Diogo — Tomára eu que elle viesse. Toca a vigiar. (*Vae-se.*)

SCENA VII

D. Nuno e depois Diogo

D. Nuno apparece no alto da montanha, e desce-a rapidamente

D. Nuno *fatigado*—Cobardes!... pobre D. Duarte... E' mister compôr o semblante. . esperar que o meu coração retarde o seu palpitar violento!... Ignez! (*aponta para a gruta*) ovelha paciente que supporta a desgraça com sublime resignação!... Ah!.. não o saberás... (*compondo*) Dir lhe-hei que os soldados nos encontraram... que levei dois de vencida... fazendo-os cahir aos meus pés, e... n'esse lapso prenderam D. Duarte, e o levaram. E até aqui digo a verdade. Mentir-lhe-hei no resto, dizendo-lhe que D. Duarte se evadiu, e não póde tardar (*Vae para marchar, e pára.*) Mas... ainda assim... nem de leve quero magoar-lhe a sua alma sensitiva... mentir-lhe-hei em tudo. Sim, digo-lhe que não achámos os trajes de disfarce, que ella sabe procuravamos; e que D. Duarte foi para lá da floresta em busca d'elles... e temendo ser conhecido, não o aguardei, visto que já conhece o atalho para nos alcançar. Vamos; e oxalá que a minha dôr se reconcentre no derradeiro angulo do peito, e d'elle não transcenda. (*Entra para a gruta.*) Ignez, Ignez.

Diogo, *sahindo*—Nada de novo. Os dez minutos devem ter corrido e D. Lopo... (*Examinando.*) Oh! uma caverna que ainda não vira!... e... e... vem gente. (*Esconde-se atraz d'uma arvore.*)

D. Nuno, *sahindo da gruta—grita, afflicto*—Ignez!.. meu Deus!... onde iria?!... (*Entra arrebatado.*)

Diogo, *irresoluto*—E' elle... mas... só não me atrevo... vae armado... apitar não faz conta... o premio é só para quem o agarrar ou matar. (*Pensa e depois resoluto.*) Boa lembrança. (*Entra na caverna, apressado*)

SCENA VIII

D. Lopo e logo D. Nuno

D. Lopo—Passou a hora, e Diogo não apparece!... não executou á risca as minhas ordens! mas... (*Repara em D. Nuno.*) Que vejo!... é elle!... talvez... (*Fica indeciso.*)

D. Nuno, *caminha arrebatadamente para a caverna, sem reparar em D. Lopo*—Suspeita do inferno!... talvez algum deliquio!... (*Chama*) Ignez, Ignez.

D. Lopo, *reparando para onde entra D. Nuno*—Rival odioso, (*sáca o punhal*) recebe hoje a morte que de ha muito habita a lamina d'este punhal! (*Entra atraz de D. Nuno—Sente-se depois um grito doloroso, e D. Lopo volta com o punhal tinto de sangue.*)

D. Lopo, *triumphante*—Triumphei!... Ah! curve-se inteiro o universo ao Castelhano invencivel!...—a D. Lopo, cujos projectos são tecidos com grilhões, que o destino respeita .. Oh, orgulho! que ora pareces arrebatar-me ao zenith do poder—que ahi me collocas sobranceiro, presentindo o aroma d'esse incenso queimado pelos escravos que eu e Miguel de Vasconcellos espesinhamos!...

SCENA IX

O precedente e D. Nuno, segurando Diogo ferido mortalmente no peito e quasi exangue.

D. Nuno, *encarando-o*—Diogo!...

D. Lopo.—D. Nuno! (*e deixa cahir o punhal.*)

D. Nuno, *marcha devagar para D. Lopo, e apodera-se d'uma pistola que elle tem á cinta*—Pusilanime! .. assassino!... que cuidavas arrebicar o punhal com o sangue da tua victima, quando o en-

terravas no seio do proprio confidente!!... (*Agarra no braço de D. Lopo, e fal-o encarar Diogo.*) Ah! vê-o, contempla as tuas producções malditas, e concebe agora até onde alcança a providencia de Deus!...

D. Lopo, *encara Diogo e horrorisa-se*—Ah!...

D. Nuno—Ignoravas que n'aquella caverna existiam duas veredas, e que uma pertencia á innocencia, cujo esplendor cegava o criminoso que intentasse penetral-a?!... (*Com força progressiva.*) Perverso!... alma damnada que o inferno já não requer, por que os teus delictos o espantam — por que os tormentos do inferno te não bastam! vê, como do infinito desceste ao nada! — como de gigante que eras, te voltaste em pygmeu abjecto e desprezivel... em automato, cujos movimentos obedecem á minha vontade... Ajoelha.

D. Lopo, *rangendo os dentes*—Ah!...

D. Nuno, *forte*—Não ouves?!... de joelhos — senão cahirás para nunca te levantares. (*Aponta-lhe a pistola*)

D. Lopo—Sim... (*Ajoelha*) mas... poupa uma vida que te póde aproveitar. (*A'parte.*) Só algum ardil...

D. Nuno—A tua vida!... Queres viver para o arrependimento?!... Oh! não o creio.

D. Lopo *áparte*—Humilhação detestavel! (*alto—com reservada tenção*) Tu não sabes de Ignez, não é assim?

D. Nuno, *interessando-se*—E que te importa?!

D. Lopo, *com um sorriso maligno*— A sua morte. Talvez já a recebesse.

D. Nuno *aterrado*—Homem ou demonio, que dizes?!

D. Lopo—A verdade *(levanta-se)*. Apoderei-me d'ella —vi frustrar todas as minhas tentativas, e deliberei votal-a antes á morte, do que pertencer-te.

D Nuno *faz um movimento com a pistola sobre* D. *Lopo*—Assassino!...

D. Lopo *com receio*—Mas... ainda é tempo. Cumpre não perder um segundo.

D. Nuno *ancioso* — Meu Deus!... Corramos. (*Marchando.*)

D. Lopo *pedindo a pistola*—A minha arma.

D. Nuno *depois de pausa—como desconfiado*—Queres atraiçoar-me?!

D. Lopo—Desconfias do meu pedido! (*rindo com malicia*) Podes disparal-a. Entrega-m'a. (*D. Nuno dispara a pistola e entrega-a depois a D. Lopo — áparte.* (Disparaste a tua morte, e o meu triumpho.)

SCENA X

Os precedentes e um soldado

D. Lopo *dirigindo-se ao soldado, e apontando para Nuno* —Morra !...

D. Nnno *enfurecido* — Traidor !... ainda não succumbi !... maldito !... *D. Nuno avança para D. Lopo, o soldado mette se no meio, aponta a espingarda, e, quando* D. *Nuno recua um pouco, desfecha sobre elle, mas erra fogo—D. Nuno arranca-lhe a arma da mão, corre sobre D. Lopo, que foge, assim como o soldado*).

D. Nuno, *indo sobre D. Lopo* — Morre ! Castelhano cobarde !... valido infame!... (*Ao descer do panno acenam alguns soldados no cume da montanha*).

FIM DO QUARTO ACTO

ACTO V

A'S 9 HORAS

Casa terrea abobadada. A' direita uma peqnena porta. O fundo representa parede, onde existe a meio, e no alto, uma fisga, unico vão que da entrada á luz. Ha uma lanterna posta na parede, em altura conveniente, para que um homem lhe chegue.

SCENA I

D. Nuno sentado n'uma posição melancholica—O rosto desfeito

D. Nuno, *depois de restabelecido o silencio no theatro—Com voz sombria e pausada*—Como o dia vae triste, e para mim coberto de dó .. talvez para o mundo a minha derradeira despedida... Ah!... até o somno me fugiu durante a noite!... Foi como para me dizer que outro me aguarda mais pesado .. o ultimo dormido e nunca desperto — o somno da morte!.. (*levanta-se*) E atrever-se o fogo do delicto a queimar o fio d'uma vida honrada? no patibulo da affronta?!.. ás mãos faccinorosas d'um carrasco?!... (*momento de pausa*) Um carrasco!...—monstro que vive para que os outros morram!—que nasce do crime, e existe para elle e só para elle!. . Negregada patria, que vês sacrificar teus filhos, e não voltas ao logar brilhante, que outr'ora ostentaste!... Maldito o povo, que supporta um jugo estrangeiro sem se envergonhar!... —que consente a escravidão, e — cobarde — beija submisso o pesado pé do senhor altivo que o espesinha!!... (*pausa*) Mas. . a patria ?! fôra sacri·

legio profanar-lhe o nome. O povo?! — ignora os altos conselhos que decidem da sua sorte. (*com explosão*) E os mandões, a quem esse povo confiára o seu destino?!.. Ah! sim, eis as hydras que lhe sorvem o sangue e a vida... que atraiçoam a honra e a patria, por que nem honra nem patria possuem.—Verdadeiras harpias, cujo rosto maligno seduz o povo sincero, para depois lhe cravarem com mór impeto, a garra sequiosa com que o assassinam! (*Resoluto*) Morrerei!... é a sorte da lealdade na quadra da escravidão!.. Será mais um nome para a lista copiosa dos martyres da patria!... (*Pausa — como recordando se, põe a mão no peito, tira a charpa que Ignez lhe déra e beija-a*) Morrer! .. morrer!... e Ignez?... minha Ignez!... Oh, meu Deus!... meu Deus!... (*ajoelha*) vêl-a sequer... ouvil-a!... sonhar que ella sonha com D. Nuno... essa ideia me bastará!... morrerei com ella satisfeito... (*cae uma pedra arrojada pela fresta — D. Nuno levanta-se admirado e olha em torno de si*) Oh! até esta abobada vetusta parece condoer-se da minha situação penosa...! e arrojou por ventura algum fragmento para me esmagar... Mas que?... não me acertou...—Se o homem é um alvo tão mesquinho!... (*cae uma carta presa a uma pedra, tudo lançado pela fresta—D. Nuno pega lhe e admira-se*) Uma carta?! (*abrindo-a*) Se fôra alguma reliquia, que me tornasse este transe mais suave... (*chega-se ao pé da lanterna, contempla a carta, e prosegue com vivacidade*) A vista zomba-me... faz-me crêr o que não vejo... Santo Deus!... letras de Ignez!... (*affirmando se*) não sonho!... não deliro... não (*lendo*) «O portador é meu tio D. Duarte, que se acha solto. Esta carta é escripta á sua vista. Todos os guardas estão comprados, e ás 8 e 3/4 em ponto — a liberdade. Fugiremos: um barco está prestes. O amor nos guiará.—*Ignez*». (D. *Nuno no maior transporte e beijando a carta*) Salvè!... relicário do céo... talisman divino... Oh!... sim... sim... ás oito e tres quartos (*delineando*) Vêl-a primeiro... e depois correr ao abraço mais estreito e venturoso!... ao extasis onde acaba a saudade... A saudade?! como é rica de expressão... dolorosa no sentir e aprazivel no expirar!... (*Dão dois quar-*

tos—D. Nuno applica o ouvido) Mais outro quarto... e a felicidade, a felicidade! (*escutando*) Sinto passos... mas... tão cedo... (*vendo D. Lopo*) Ah, maldito sejas tu!

SCENA II

O Precedente e D. Lopo

D. Lopo, *com um tom sardonico* — Não estranhes a minha visita: é mui singelo o motivo que a produz. Venho attribular-te a curta fracção de vida que ainda gosas, dizer-te que o teu sangue presto vae tornar-se a fonte em que hei-de abeberar a minha vingança. Rival mesquinho!... prepara-te; o supplicio não tarda. A's 9 horas... Assim deve resar a tua sentença inexoravel — assim o determinei aos juizes—verdadeiros eccos da minha vontade. Já estão reunidos. Espero a sua decisão, para eu mesmo t'a intimar. (*Com força.*) E então, então saberás até onde alcança o valido d'um Ministro poderoso! — Eu votei-te ao cadafalso; e os juizes hão-de firmar o meu voto, como se fôra seu. — E ninguem dirá que eu te assassinei, mas sim, que a justiça te condemnou! — Ah! (*com ironia*) e não achas a minha vingança bem completa — nobre para a cathegoria d'um Conde?...

D. Nuno, *indignado* —D'um Conde!... e nem sequer te lembras que esse nome é o teu titulo de assassino; e que ha uma fogueira eterna para os devorar?!... — Homem carregado de producções malditas! — exultas com a minha desgraça... mandas-me preparar para o supplicio?!...—Uma alma innocente está sempre preparada para elle: a bemaventurança a espera. Mas tu—louco—contas muito contando por certa a minha morte. Sim: deslembra-te acaso aquelle momento solemne em que te jactavas de me ter assassinado, quando um braço forte—o braço de Deus—me desviára o golpe e até me fizera arbitro da tua vida?!... Se a tua memoria não é de pedra, d'isso te deves lembrar; e olha que o mesmo Deus ainda existe—que o seu poder é irresistivel, e os seus designios ninguem os sonda — nem o maior sabio da terra, quanto mais tu ... que só és grande na tyrannia...

D. Lopo, *com despreso*—Quão pouco me importam os teus improperios, as tuas ameaças.—São os ladridos d'um cão atrevido, mas que não póde morder.

D. Nuno, *impaciente—á parte*—Se dão tres quartos... e este homem aqui... (*Alto.*) Deixa-me, tyranno, ou nada ouvirei do que me disséres .. falarás com um surdo e mudo. (*Afasta-se.*)

D Lopo, *com um sorriso sardonico*—Insensato! não hei medo que me não ouças; antes creio que os teus ouvidos se hão-de apurar á medida que as minhas palavras forem terriveis para ti—é então que mais te devem interessar. Não te lembras que vim para te ralar os ultimos momentos de vida? Disse-t'o ha pouco; mas ainda te não contei o methodo por que o hei de executar: é isso que vou referir. Quero vêr se ainda duvidas do meu poder—se não succumbes ao meu golpe, tecido por elle e coroado pelo escarneo e pelo despreso—a um golpe de mestre.—Ora diz-me, não achas bello meio de vingança, para abater um rival orgulhoso, mettel-o n'um carcere separado da sua amante, leval-o depois ao maior do prazer, por modo que se julgue d'ahi a pouco em liberdade, prestes abraçando o seu objecto bem querido; e n'esse lapso de ventura, apresentar-se-lhe o seu formidavel inimigo, com um aviso de morte; levando, para assim dizer, a sua esperança ao auge da transcendencia; e n'esse momento, desfazer-se o enygma, e o preso conhecer que a sua esperança mais não era do que um sonho enganoso; e que os meios que lhe fizeram conceber, tanto os conhecia o seu inimigo, que elle fôra o seu proprio inventor?! .. Eis ahi o que eu pratiquei!...

D. Nuno—Ah!... ah!... (*Afasta-se um pouco e, subjugado pelo maximo da dôr, cáe sobre o assento de pedra.*)

D. Lopo—Insensato! que acreditavas tão facil despedaçar as algemas que te lancei; como entrar um seixo, uma carta, por aquella fresta!... (*Apontando.*)

D. Nuno—Deixa-me... se pódes...

D. Lopo, *exaltando-se*—Espera; ainda existe um leve polme na taça da minha vingança, e é mister exgotal-o. Recordas-te do individuo que no theatro

da tua imaginação esperançosa fazia o papel de portador da carta?!...—de D. Duarte, do mudo fingido? (*Rindo*) e que só tão bem se explicava quando o encontrei recebendo d'Ignez a carta que possues e que eu lhe tirei. — Ah, lembras-te d'esse proscripto refractario, d'esse hypocrita?... Pois sabe que elle vae ser hoje o teu companheiro de morte, e has-de vêl-o supportar a affronta e o soffrimento do cadafalso, para depois o seguires com maior affronta e soffrimento!

D. Nuno, *se é possivel mais subjugado pelo que escuta, solta, interrompidas, as expressões seguintes, e torna a cahir sobre o banco*—Deus... o meu viver é... Deus... dae-me a morte por vida... Ah!...

D. Lopo—Então, já se tornou de gelo o fogo da tua lingua pejada de expressões temerarias?!... Onde pára a tua philaucia?... ah, (*com desprezo e ironia*) duas palavras minhas sobejaram para do infinito desceres ao nada—para de gigante que eras te tornares em pygmeu abjecto e despresivel. (*Com ironia.*) E não foi preciso nenhum braço forte, cujos designios se ignoram... (*forte*) bastou o braço de D. Lopo; um braço invulneravel! (*com ironia*) E a scena que outr'ora me humilhou, já a não repetes?! Não accusas a minha memoria?! (*Forte.*) Emfim, o orgulho do nobre que injuriaste clama pela desaffronta; e agora chegou o momento de a levar a cabo. D. Lopo ajoelhou!... mas tu, peão insolente! — has-de ser marcado na face com o ferrête que imprime o pé d'um nobre. (*Batendo o pé, pega no braço a D. Nuno— forte.*) Que não tarde!... a meus pés... de rastos!

D. Nuno, *indignado, exalta-se successivamente até o fim da fala* — Castelhano atrevido... estulto avaliador da minha coragem, que ousas gradual-a pela bitola mesquinha da tua... Não concebes contra mim um ademane sequer, que nem tu, nem Castella em peso tem força bastante para me obrigar a commetter baixezas... Cobarde! imaginavas que um coração portuguez, um peito cuja mantença é o amor, a patria, a honra, palpitára uma só vez pela infamia?! ..— se curvára a um Castelhano, a um criminoso!... — Ente infernal, dotado de pensamentos impassiveis! — quem te disse que a scena

humilhante por que tu passaste, devia passar por mim?! Quem?!...—O crime não acobarda a innocencia — é a voz d'esta, sempre denodada, que faz estalar o coração dos tyrannos. O seu ecco vibra-lhe na alma com um ruido espantoso — amedronta-os, ainda quando se cuidam mais poderosos — pinta-lhes o crime com as côres do inferno, que só lhe pertencem—sem lhe esquecer o castigo que os espera, um castigo que excede todo o martyrio da imaginação humana, um castigo sem fim!... Monstro. Figura-te sem movimento entre a vida e a morte, e que ambas disputando a presa, que és tu, — para a martyrizarem, lhe applicam toda a pena, todo o martyrio, todos os tormentos, todas as angustias... todos os males infinitos de que cada uma dispõe!... E d'esta arte não conceberás ainda o castigo que te aguarda... nem sombra, nem sequer ideia d'elle!...

D. Lopo, *aterrado pela fala de D. Nuno, exclama*— Emmudece! demonio!... (*Como desafogando por vêr o pagem que chega.*) Trazes a sentença?

SCENA III

Os precedentes e o pagem

Pagem—Apenas um resumo, para mais de prompto vos instruir. (*Dá-lhe a sentença.*)

D. Lopo—Está bem. (*Lê para si, e á parte.*) Que é isto?!... Esta não é a sentença!... impossivel!... (*Para o pagem.*) O proprio Juiz é que te entregou este papel?... Vê o que affirmas...

Pagem—Por certo! elle o escreveu e elle m'o entregou. Disse-me que logo falaria comvosco.

D. Lopo, *á parte*—Condemnado a prisão perpetua... Só... é certo... que preso, aqui... no meu proprio palacio... hei mais tempo de o mortificar... (*Resoluto.*) Oh, nunca, nunca!... eu votei-lhe o patibulo, e... deponham-se os Juizes, que cegamente me não obedecem... (*Com orgulho.*) Mas não será mister ..—Agora mesmo vou fazel-os desdizer... na minha presença. (*Para o pagem.*) Acompanha-me (*Retiram-se.*)

SCENA IV

D. Nuno, e depois Jeronimo e João

D. Nuno, *só—reflexivo* — A sentença, qualquer que fosse, não lhe agradou. Ah!... se acaso (*senta-se*) Ignez... (*Chorando.*) Ignez!... quem te vira, para morrer ao vêr-te — quem te ouvira, para morrer ouvindo-te — quem te abraçára para morrer... mas não, que o teu abraço me déra vida!... (*Fica absorto.*)

Jeronimo vae levantando um pequeno alçapão praticado no fundo do tablado, e sáe debaixo d'este. — Traz um vestido de disfarce, que deixa ao pé do alçapão — João assóma a entrada d'este, mas não sóbe de todo para a scena.

Jeronimo—Não me enganei... está só. (*Volta para João.*) João, vae e mal vires entrar D. Lopo, corre em meu aviso. (*João retira-se*)

Nuno, *só*—Grande Deus! dae-me animo na hora da maior attribulação... hora de estremecer!...

Jeronimo, *vae ao pé da porta, escuta e volta para D. Nuno*—Conheceis me?

D. Nuno, *sobresaltado* — E's tu, carrasco?!... Excommungado!—que tão cedo requeres a tua victima... Vae-te... mais um instante... ainda um instante para Ignez.

Jeronimo, *com anciedade e temor que em toda a scena conserva*—Falae de manso. Então, já vos esqueceu a voz de Jeronimo, do velho fiel?! — assim a confundis com a d'um verdugo!

D. Nuno, *depois de pausa*—E' mais alguma falsidade d'esse infame D. Lopo?!... Ora, vae-te e diz-lhe que d'esta feita não colhe mais essa palma de vingança... não andou bem... que Jeronimo já morreu... ninguem sabe como.

Jeronimo—Crêde-me por misericordia. D. Lopo deu-me uma punhalada, mas resvalou... fingi-me morto... Diogo lançou-me na cisterna do jardim... tinha pouca altura d'agua... e sahi d'ella, subindo pela corrente que prendia o balde... Mas... salvar-vos... é quanto agora me prometti.. tudo vos contarei.

D. Nuno, *áparte*—O demonio tenta-me... incrivel! Ah, ainda deve lembrar-me a traição de ha pouco (*para Jeronimo*). Vae-te, hypocrita... Jeronimo com esses trajes!... Não acertaste (*affasta-se*).

Jeronimo, *cada vez mais ancioso*—Senhor... de ha muito que tomei estes vestidos, para que D. Lopo me não conhecesse... e... assim jurei servir meus amos até á morte... tenho andado sempre na piugada de D. Lopo... já desconfio onde está o conde... ainda vivo... — Ah! vinde.. vinde... a vossa delonga quer precipitar-nos...

D. Nuno *vae buscar a lanterna para melhor o contemplar; deixa-a ficar sobre o banco de pedra, e reconhecendo-o*—Oh!.. meu Deus!... Não ha duvida!... é elle.. é Jeronimo! .. Mas .. mas quem te trouxe?! .. como entraste na minha prisão?!... como me salvas... por onde?!... diz... eu... eu enlouqueço!...

Jeronimo, *apontando*—Acolá está o alçapão por onde eu entrei. Desce-se d'alli para um aqueducto, que atravessa o Terreiro do Paço e desembocou no Tejo — E' aquelle certo aqueducto em que muitas vezes falava... Vamos: a maré começa a encher e... antes d'isso... (*vae buscar o vestido de disfarce, e dando lh o*) vesti este fato de disfarce.

D. Nuno—Bom Jeronimo. (*Vestindo-se*) Deus nunca desampara a innocencia... E Ignez?... E o conde, ainda é vivo?... onde está?... dize... E a minha Ignez?...

Jeronimo—Esta casa pertence ao palacio velho. Tem uma capella Fui hoje á missa que alli se resava e... quando beijava o chão da egreja... ha um carneiro por baixo... (*inda mais ancio o*) senti alguem... e... não.. eu desconfio que o conde está lá... mas, demais nos demoramos... vinde. (*Desce primeiro Jeronymo, dá a mão a D. Nuno e fecha depois o alçapão.*)

SCENA V

Ignez, depois Maria e uma sentinella

Ignez, *chamando* — D. Nuno! meu esposo!... (*olha para todos os lados*) Não o vejo!... Meu Deus!.. Enganar-me-ia a sentinella?!.. talvez o mudassem... e não m'o disseram?!... Oh!... e para on-

de?! (*anciosa*) Luz divina, allumiae-me... não sei que pense... que diga... que faça... Senhor!... (*ajoelha*) Deitae os vossos olhos clementes sobre uma mulher infeliz... piedade para o meu esposo sem culpa. . (*levanta-se*) Senhor!... aplacae a vossa colera; eu não desejo provocal-a, mas, já basta de triumpho para o crime... já sobeja o seu repasto maldito, onde tudo é mysterio... tudo ignominia, para um amor innocente... misericordia !

Maria, *sahindo—afflicta*—Senhora, ahi vem D. Lopo Vinde, por quem sois.

Ignez—Embora, quero saber de meu esposo

Maria *admirada*—Não está aqui?! .. Mas, e a pobre sentinella que vos deu entrada?! .. e eu, a quem D. Lopo confiou a vossa guarda.

Sentinella, *sahindo com pressa* — Senhora, retirae-vos. Elle que chega.

Ignez *para a sentinella*—E o meu esposo?... o preso?... onde está ?!

Sentinella, (*olha para todos os lados*)—Estou perdido.

Maria *applicando o ouvido*—Já o ouço... ahi vem ..

Ignez *para a sentinella*—Fica... ou... não... (*pensando*) Sim... (*resolvendo*) ficae no vosso posto, e apenas elle entrar... fugi... fugi... logo, logo. (*Dá-lhe uma bolsa com dinheiro*) Ahi tens: procura-me, se algum dia fôr mais feliz... saberei recompensar-te... retira-te. (*A sentinella retira-se.*)

Maria, *afflicta*—E eu ?!... Jesus !... (*põe se junto á porta, de modo que D. Lopo entra sem n'ella reparar e retira se*).

SCENA IV

Ignez e D. Lopo

D. Lopo, *alegre* — Eil-a !... eil-a !... a tua sentença de morte! (*repára em Ignez—áparte*) Ignez!...

Ignez — A minha sentença?!... E tu és o verdugo que a vens executar !?...

D Lopo — Desgraçada sentinella que te deu ingresso... — que transgrediu as minhas ordens. Porém vieste em boa occasião, para te despedir d'esse indigno peão, que ousou declarar-se competidor de

um nobre... d'esse D. Nuno... (*olha por toda a scena em busca d'elle*) e... onde está elle ?!

Ignez—Accrescentas o escarneo á iniquidade .. Ah, pelo amor que dizes consagrar-me, por Deus, se é que o temes, consente que veja o meu esposo, que morra morte feliz nos seus braços...

D. Lopo *examinando a casa, e inquieto*—Que dizes? Oh! póde ser ?!... fugir !.... e impossivel !... E quem intentára .. inferno ! (*grita*) Sentinella ! .. Sentinella ! .. Criados ! (*entra —fóra de si.*)

Ignez, *só* — Oh, meu Deus !.. Mysterio que não me cabe decifrar !... Ah ! D. Nuno... Se fôras salvo... (*Vem D. Lôpo seguido de alguns criados*)

D. Lopo *para os criados*—Já, já, a mais não poder... em busca do preso... d'esse infame . Tragam-me a sua cabeça. A quem m'a trouxer darei grande recompensa.—Conheceis-lo todos?

Criados—Todos. (*Vão se.*)

Ignez—Perverso! O anjo da sua guarda o livrará das garras criminosas de teus criados — tão barbaros, tão infames como tu. Ah, o meu esposo está salvo !... Deus de bondade.

D Lopo — Cala expressões que me augmentam o ciume, e por ventura chamam o teu merecido castigo. De que te alegras ? Se não capturassem D. Nuno, que revez me fôra !... Fugiu, bem sei, e que me importa, se tu ficaste em refens! .. (*com mofa*) São estes que ora me cumpre guardar — eu mesmo lhes farei sentinella, de dia, de noite, a toda a hora

Ignez *assustada*—Ah !

D. Lopo, *momento de pausa em que a contempla* — Tanto de ti me compadeço que, se moderasses o teu genio altivo, talvez eu fizesse cessar a perseguição de D. Nuno... e até mesmo rasgára esta sentença, que o condemna á morte. Vivêra longe de nós. Olha que tens de ser minha — pódes optar entre a força e a brandura... disponho de ambas a bel-prazer. (*Com ternura.*) Ainda hesitas ?...

Ignez, *indignada*—Não hesito: antes estou bem decidida a desprezar ameaças, e repellir com vehemencia as tuas nefastas tentativas. Indigno! Concebêras peitar-me a honra a troco da vida do meu esposo. sem te lembrar que um bom Portuguez deixa de viver quando o deshonram... Pensa-

mento mais vil dos pensamentos!—Acção infame de um homem cobarde como tu, que, incapaz de arremetter frente a frente o seu contrario, se aproveita da sua posição desditosa, para assim levar a cabo seus fins criminosos. Esse é o pensar dos malvados, e bem sei que muitas vezes os torna vencedores (*forte*) mas não agora, não; que Deus creou-me com um animo para ti desconhecido. Treme de tental-o, treme; o resultado é infallivel — morte e honra!

D. Lopo — Mulher orgulhosa, prepara-te para despir as vestes da soberba que te cobrem. Por mim vão ser despedaçadas; já. (*Vae para fechar a porta e recúa*).

SCENA VII

Os precedentes e o pagem

Pagem, *alvoroçado*—Senhor conde, parabens. — D. Nuno está preso, os vossos criados queriam matal-o; mas eu—perdoae—não o consenti, sem vol o participar. Queria arrombar o carneiro da capella, elle e outro, que se evadiu.

Ignez, *aterrada*—Ah!

D. Lopo, *orgulhoso*—Pagem, adivinhaste o meu pensamento .. fizeste a minha vingança completa. (*Com explosão.*) Sim, vingança completa! (*Agarra Ignez, a quem fala.*) Tu virás commigo presenciar a sua morte—elle ha-de, antes d'isso, presenciar a tua e a sua deshonra! (*Leva Ignez.*)

Ignez, *forcejando*—Quem me accode!... quem accode ao meu esposo!... (*O pagem tambem se retira.*)

O theatro escurece inteiramente — Entra pela fisga um relampago forte, e escuta-se depois um trovão medonho.—Ignez grita ao longe: Soccorro.—(*Dão nove horas no relogio da Sé, e quando acabam muda a scena de repente.*)

SCENA VIII

(CLARO)

Apparece a scena illuminada, mostrando o Terreiro do Paço, mar, embarcações embandeiradas, e a parte fronteira da Outra Banda.—A musica toca em allegro, mas distante.

D. Lopo, esbaforido e ensanguentado, atravessa a scena, gritando: *Maldição!* — E' seguido do povo, gritando: *Morram os traidores! Morra o Valido!*— Um dos do povo dá uma estocada em D. Lopo, quando acaba de atravessar a scena, e cáe morto.

SCENA IX

D. Duarte, João, Fidalgos e logo o Conde e Jeronimo

D. Duarte, *mostrando João aos fidalgos* — Eis aqui um pobre que eu n'outro tempo favorecia, e não ha muito que elle me deu agasalho na sua casa, e hoje foi elle que vos guiou para me soltardes Vêde quanto poude um mendigo mais do que um nobre, do que o irmão d'um Conde (*Abraça-o.*) Meu João, conheces que o proscripto de hontem não se envergonha hoje de te abraçar; embora se ache carregado de opulencia e nobreza.

Conde, *corre aos braços de D. Duarte* — Meu irmão!...

D. Duarte—Meu bom irmão!...

Conde, *mostrando Jeronimo* —Eis aqui o velho Jeronimo, que teve forças de rapaz para me libertar. (*Recordando-se, olha para todos os fidalgos.*) Mas... onde está a minha Ignez?... o valente D. Nuno?!...

SCENA X

Os precedentes, Ignez, D. Nuno, Fidalgos e Povo

Ignez e D. Nuno correm de mãos dadas, apenas o Conde os pergunta, e exclamando: *Meu pae! Meu pae!*—Chegam ao pé d'elle e cáem de joelhos, abra-

çados com os do Conde, suffocados em soluços de alegria.—Todos se entreabraçam.

Conde, *suffocado em pranto de alegria* — Minha filha... D. Nuno...

Ignez—Meu pae, e a minha irmã ainda vive?

Conde—Sim! retirou-se para a sua camara. Desditosa—já lhe perdoei. (*Para Ignez e D. Nuno*) Mas contae-me, quem vos salvou?!

D. Nuno—Já D. Lopo me queria matar, quando chegou o nosso libertador, gritando: Morra o Valido, — e o Valido fugiu, e deixou-nos. Porque o nosso libertador era forte — era o Povo! *(A musica approxima-se — ouvem-se vivas confusos.)*

Conde—Salvé! Dia verdadeiramente portuguez—que nos libertas, libertando a patria! *(Entram fidalgos —um d'estes traz um estandarte com a legenda:—* «Portugal independente». — *O Conde tira-lh'o da mão, desenrola-o e proclama:* — Portugal restaurado. — *As embarcações começam a salvar—o Conde continúa:* — Portuguezes! União! E Portugal será perseguido, mas Portugal nunca vencido.—Independencia ou morte.

Todos—Independencia ou morte. (*A musica augmenta, as salvas tambem, e os cavalleiros batem com as espadas, formando diversos grupos. — O Povo levanta a mão direita quando jura.*)

FIM DO DRAMA

O CASTELLO DE FARIA

Drama original portuguez em 5 actos

Representado pela primeira vez no Theatro da Rua
dos Condes
em 4 de fevereiro de 1843

PESSOAS

NUNO GONÇALVES—Alcaide-mór do Castello.
GONÇALO NUNES — Seu filho.
ALVARO — Cavalleiro do Castello.
PEDRO —Eremitão.
O ADEANTADO DE GALLIZA.
FERNANDO — Pagem do Alcaide.
MESTRE AFFONSO.
ANTONIO.
O CAPITÃO DOS GINETES.
O ANADEL DOS BESTEIROS DE CAVALLO.
O ALMOCADEM PORTUGUEZ.
O ALMOCADEM CASTELHANO.
UM ARAUTO.
UM ATALAIA.
THEREZA DE MEIRA, mulher do Alcaide.
DULCE, irmã de Alvaro.
VIOLANTE.
BRIGIDA.

CAVALLEIROS, BESTEIROS,
PORTUGUEZES E CASTELHANOS.— POVO PORTUGUEZ

A scena é passada no Castello de Faria
e suas immediações em 1373

ACTO I

O interior do castello de Faria em 1373

No fundo as portas abertas. Uma atalaya que só apparece de vez em quando. — Algumas barracas á esquerda do espectador, e á direita uma casa de maior representação. — Alguns besteiros e povo entram e saem pela porta do fundo.

SCENA I

O Anadel—O Almocadem—O capitão de Ginetes —O cavalleiro Alvaro e depois mestre Affonso

Aquelles entram conversando entre si, e como discutindo—Vêem pela porta do fundo

Almocadem, *para o Anadel* — Quanto a mim, creio que fôra mais prudente, capitão, defendermo-nos muros a dentro do castello.

Anadel — De certo.

Almocadem — O mesmo digo eu.

Capitão — O alcaide pecca por temerario.

Anadel — Que dizeis a isto, sr. Alvaro?

Alvaro — Eu... digo que melhor fôra que el-rei empregasse os seus numerosos falcões e gerifaltes contra os Castelhanos, do que servir-se dos nossos braços para sustentar seus caprichos e quebra de palavra.

Almocadem — Assim é. Em tempos do senhor rei D. Pedro, que Deus tem, estavam os cofres cheios, fazia-se a todos justiça; e hoje, os cofres estão vazios, jogamos as cristas com os Castelhanos a

cada passo, os melhores cargos do reino são para os parentes de D. Leonor Telles... e el-rei surdo a tudo isto!

Alvaro — Porque só dá ouvidos á paixão adultera que o domina.

Anadel — E que me dizeis aos novos cargos de condestavel, de marechal, e os demais que el-rei vae creando?

Alvaro — Assim fazem os reis quando se julgam menos seguros. Convem-lhes crear novos interesses, são outros tantos individuos do seu partido.

Entra mestre Affonso.

Capitão, *sorrindo* — Mestre Affonso, tambem vens guerrear os castelhanos em Campina Chã?

Affonso — Para tanto me não offereço eu; mas se elles ousarem vir cerca do castello, eu sempre hei-de molhar a minha sopa. Olá! O castello de Faria ha-de-lhes custar a roer.

Capitão — Mas olha que os vem capitaneando o Adeantado de Galliza, que, segundo affirmam, não é para graças.

Affonso — Nem que elles trouxessem o seu almirante Bôca-Negra, que vermelha a houveramos de tornar, cozendo-lh'a a ponto d'um dardo: para calarmos por uma vez essas façanhas tão apregoadas e tão exageradas!

SCENA II

Os precedentes — Nuno Gonçalves — Gonçalo Nunes — Fernando — Thereza de Meira — Dulce — Violante

Estes vêm da direita do espectador — Pedro, que vem quasi ao mesmo tempo, entra pelo fundo.

Nuno — Cavalleiros! O nosso Rei D. Fernando e El-Rei D. Fernando de Castella estão em guerra declarada. Qual d'elles tem melhor razão, não sei; nem nos importa de o saber; sei que somos Portuguezes, que os Castelhanos invadiram nossas terras, que o seu exercito cérca Lisboa, capitaneado pelo proprio D. Henrique. Que o Adeantado de Galliza, Pedro Roiz Sarmento, se avisinha dos muros d'este castello - e que eu sou Nuno Gonçalves,

seu alcaide-mór por El-Rei D. Fernando de Portugal, a quem d'elle fiz preito e homenagem.—E antes que o Adeantado nos cerque, nós havemos de sahir, para lhe disputar o passo: assim o ordena o nosso Fronteiro, o esforçado D. Henrique Manuel, Conde de Cêa, que, reunidas as gentes d'estas comarcas, se prepara para o accommetter. Senhor Anadel, estão promptos os vossos?...

Anadel—A cavallo, para o que determinardes.

Nuno—E os ginetes, capitão?

Capitão—Prestes, de abalada á primeira voz.

Nuno—Cumprindo alcançarmos de prompto as gentes de D. Henrique Manuel, deliberei-me a sahir só com os de cavallo. Já vêdes que não houve escolha, sr. Almocadem; que, havendo-a, escolhera eu a todos vós; porque de todos tenho eguaes provas de lealdade.—Meu filho, Gonçalo Nunes, fica no governo do castello, durante a minha ausencia, a elle pertence, como seu alcaide menor, Alvaro, com seus besteiros do Conto; os Coudeis e demais besteiros de fraldilha, e emfim, todos quantos ficam muros a dentro do castello obedecerão a meu filho, como a mim proprio. Eu, Fernando, e as gentes de cavallo, vamos encontrar o inimigo, que a Deus prazerá de vencermos.

Gonçalo—Por que não consentis que vos acompanhe? Alvaro que faça o meu logar.

Alvaro, *aproveitando a ideia*—De bom grado...

Gonçalo—Meu pae, por que haveis de separar a vossa sorte da minha? Se uma frecha dos Castelhanos vos levar a vida, para que me ha de deixar com ella?

Nuno, *com orgulho*—Não ha frécha castelhana que tanto possa.—Alvaro, tenho-o por valente e de bom conselho; mas só a ti pertence fazer o meu logar.

Alvaro, *aparte*—Algum dia me pertencerá.

Nuno, *continuando*—Além de que, não queiras tu roubar aos velhos uma occasião de defender a patria, por ventura a derradeira.—Não é assim, meu velho pagem (*Para Fernando.*)

Fernando—Certamente, senhor.

Nuno—Aqui tens, meu filho (*Entrega-lhe as chaves do Castello.*) E' o maior thesouro do alcaide d'um castello... Vela e dorme com ellas á cinta. Sê vigilante: e em caso de conflicto, se elle se der sem

mim—o que não creio,—lembras-te da defensa de Coimbra por Martim de Freitas?

Gonçalo—As façanhas dos nossos antepassados são modelos; não esquecem nunca ao portuguez que deseja imital-as.

Nuno—Basta. Abraça-me.—Dulce, teu irmão Alvaro fica. Estás contente?

Dulce—Contente por Alvaro, e sentida por vós.

Nuno—E tu, Violante?

Violante, *depois de fazer mesura*—Certo é que muito me custara se o senhor Alvaro... — Se o creei de pequenino! Mas, indo-se o senhor Nuno Gonçalves, vae-se a cabeça do nosso castello—e aonde ella falta...

Nuno, *para Thereza, consolando-a* — Não te afflijas, minha boa Thereza, minha boa mulher, que cedo volveremos... Confio muito nas tuas orações (*dando com os olhos no Eremita.*) Até o nosso Eremita Pedro nos não ha de esquecer nas suas.

Pedro, *com hypocrisia*—Não, meu senhor.

Nuno—Vamos, que é tempo. (*Retiram todos pela porta do fundo, excepto Pedro — Gonçalo e Dulce vão de mãos dadas.*)

SCENA III

Pedro e depois Alvaro

Pedro, *olha fixamente Gonçalo e Dulce—faz, mal que elles sahem, um movimento de desesperação e começa* — De mãos dadas... falando baixo... ir-lhe-ha chamando a sua Dulce.—E eu?—que tambem a amo, a ella que me não quer. (*Reflexivo — pausa.*) E tudo em seu favor!! — Rico, eu sem riqueza; nobre, eu sem nobreza; amado, e eu sem amor! (*Pausa.*) Amor? Felicidade ou perdição? (*Pausa.*) Ah! sim, felicidade para ti, Gonçalo Nunes, porque foi Deus quem escolheu Dulce para que a amasses, e fosses por ella amado... perdição para mim, porque foi o demonio quem m'a escolheu, para que eu a amasse em vão... para vêr de perto a felicidade do meu rival, e, louco de ciume, perder-me do caminho da honra, para onde o coração me inclinava... (*Pausa profunda.*)

Anjo máu, que assim me ha tentado!... que até agora me não venceste... triumphaste por fim pelo malicioso poder do teu enviado — Alvaro. (*Pausa profunda.*) Ora, pois: o primeiro crime será atraiçoar a Patria. (*Reflexivo.*) Um crime... bem sei... (*Repellindo a ideia.*) Minha razão, para que me condemnas?... por que me queres suffocar a voz do coração, que mais alto brada? Oh! não... não é crime... que nunca o foram os meios de levar o desgraçado á felicidade... (*Pausa profunda, e agitado.*) Todos me alcunharão de traidor, me infamarão com essa palavra de opprobrio e de eterna vergonha. (*Rindo amargamente.*) Ah! que assim é o mundo! Prompto em dizer mal, mais prompto em seguil-o—e tão remisso em evital-o!!... (*Pausa.*) E lembrou-se alguem até hoje do pobre Eremita?... Nem sequer o meu competidor; julgando, como os outros, que se o Eremita se fizera tal foi por que, só de familia n'este mundo, mais não pensava do que em Deus! (*Pausa*) Louco! que não sabe que o Eremita tambem tem um coração ardente—capaz d'amar... (*exaltado.*) Dulce! mulher que não sei por que a amo, e sim que muito a amo, que seu irmão Alvaro jura será minha, minha! Oh, sempre minha!

SCENA IV

O precedente e Alvaro

Alvaro, *apressado, entra pelo fundo*—Bemvindo, Pedro. Que novas me trazes?

Pedro — Esta carta, em resposta á tua (*entrega-lh'a*).

Alvaro—Quem t'a deu?

Pedro—O Adeantado em pessoa.

Alvaro, *depois de lêr para si*—Alegra-te, Pedro, que dentro em poucas horas serão cumpridos os nossos desejos. Alvaro deixará o logar de cavalleiro obscuro, para occupar o de alcaide-mór d'este castello, e tu trocarás a ópa d'Eremita pelo sáio de cavalleiro... Ser vassallo de Fernando ou de Henrique! isso que importa. Tudo são Reis.

Pedro — E o teu juramento, Dulce?

Alvaro, *como lembrando-se com mofa* — Ah! E' sagrado: Será tua esposa... (*áparte*) Insensato!
Pedro—E que traças são as de que tentas servir-te, para levar a cabo os teus projectos?
Alvaro *entrega-lhe a carta* —Lê.
Pedro *lendo alto* — «Alvaro. Facil me fôra levar de «assalto esse castello, se não tivéra em mór conta «as vidas castelhanas que por ventura se perdes«sem na refrega. Prudente sou, e consinto por isso «no que dizeis. A' hora aprasada prestes serão os «meus ao primeiro signal. Sêde cauteloso e dili«gente; e contae, sob a minha palavra, com a Al«caidia do Castello. Caso fiquem mallogrados os «meios que aconselhaes, vinde affoito com vossa «familia, na certeza de que sereis bem quisto de «todos, e elevado ao cargo de Alcaide-Mór, senão «d'esse, de outro Castello; mal consintaes no que «já vos falei.—Pedro Ruiz Sarmento». (*O eremita fica pensativo olhando para a carta como relendo-a.*)
Alvaro —A hora é ás 9 da noite. Os signaes são dois: o primeiro, dal-o-hei eu com um toque de trombeta, do alto da muralha: alguns instantes depois, deverás tanger por bom espaço a sineta da ermida, como se fôra a rebate.
Pedro — Mas... por onde hão de entrar os Castelhanos?
Alvaro — Escuta. Antes da hora, já a ponte ha de estar descida e aberto um dos postigos. Eu executarei uma e outra coisa.
Pedro — De que modo?
Alvaro, *depois de examinar em roda, sáca umas chaves, semelhantes ás do castello*—Eil-o.
Pedro — Bem... mas, e a atalaya?
Alvaro *desesperado* — Terrivel embaraço... (*pausa profunda, e decidido*) Morrerá!!
Pedro *com remorsos*—Oh! mal haja a empreza, que começa derramando sangue innocente.
Alvaro *estremecendo—depois*—Renuncias a mão de Dulce?
Pedro — Quem pensal-o!?
Alvaro — Então, deixa reflexões, que nada aproveitam.
Pedro — Só uma, bem diversa — Diz a carta: (*lê*)— Caso fiquem mallogrados os meios que aconselhaes

vinde affoito com vossa familia, na certeza de que sereis bemquisto de todos, e elevado ao cargo de alcaide-mór, senão d'esse, d'outro castello; mal consintaes no que já vos falei... (*representa*) Se bem cuido, os meios que lhe aconselhas são os de que me acabaste de falar.

Alvaro — Sim.

Pedro — Mas pelo final da carta bem se vê que ha outro meio de conseguires os teus fins, quando falte o primeiro : eis ahi o que eu ignoro e exijo saber.

Alvaro — Ora diz-me : se tivéras jurado guardar um segredo, trahil-o-ias, ainda quando fosse um amigo teu que t'o pedisse ?

Pedro — Não. Mas, se do segredo lhe viesse mal, d'elle o desviára, sem nada lhe declarar. Por este modo não trahia o segredo, e livrava o amigo.

Alvaro — E se o segredo envolvesse uma desgraça infallivel ?

Pedro, *depois de hesitar*—Maldito segredo!—diria eu — e revelava-o ! Não se perde a vida, defendendo a d'um amigo ? Pois eu faria mais—perderia a honra. Trahia um segredo, mas salvava um amigo.

Alvaro — E se descobrir-lh'o, fosse para elle a sua maior desgraça?

Pedro (*Depois de profunda pausa*) Não sei.

Alvaro — Assim é o segredo, que existe entre mim e o Adeantado, e que ambos jurámos guardar.

Pedro — Não quero sabel-o.

Alvaro (*reparando para o fundo*)—Voltam : cumpre-me ir-lhe ao encontro. — Aqui, proximo das nove horas. (*Sáe pelo fundo*).

Pedro — Sem falta. (*Sáe pelo lado*).

SCENA V

Mestro Affonso – Antonio—e alguns Besteiros que se retiram pelos lados

Antonio (*olhando para Alvaro que sae*) — Quem é este cavalleiro que sáe?

Affonso—Pois não conheces?

Antonio—Ha tanto tempo que não venho ao Castello, que não admira.

Affonso—E' Alvaro: O irmão d'aquella dama, que viste com a familia do Alcaide-mór... (*com mófa*). E' guapo cavalleiro!

Antonio — Pelo avesso não é assim?

Affonso—Não: só fala mal de todos que lhe ficam para cima; e não se esquece de accrescentar sempre a ladainha do co.tume. Se um dia fosse Alcaide mó- — se fosse Rei, fizera e acontecera : já se sabe, justiça recta, aliviar o pôvo. E' o falar de todos os pequenos, muito ambiciosos de grandeza, emquanto lá não sobem, e d'ahi fazem tudo pelo avesso: justiça torta, espremem o povo... Emfim gasta-se-lhe a memoria do que prometteram que de nada se lembram.

Antonio—Assim será. Mas virando d'assumpto: a estas horas já os nossos estão com os Castelhanos a contas, hein?

Affonso — O'lé isso é muito caminhar, homem.

Antonio — Como nunca foste dos de cavallo, nãc avaliàs o que elles andam.

Affonso — Quer não. Andei sempre mais seguro andando a pé.

Antonio—Vê tu se os grandes andam d'outro modo, senão a cavallo.

Affonso *sorrindo*—Por isso o mundo está tão cheio de patadas, patadas dos grandes, que é cada uma de metter medo; e patadinhas dos pequenos que, se mais não dão, é porque mais não podem. El Rei roubou a mulher de João Lourenço, e casou-se com ella—patada de Rei—eu digo mal d'elle ás escondidas--patadinha de pigmeu.

Antonio—Não sejas linguareiro : olha que te podem deitar a perder.—Prudencia.

Affonso—Não, que eu bem sei com quem me descoso. E o mais das vezes faço-me uma cousa sendo outra.

Antonio — Então o que és tu?

Affonso — Não sou nada.

Antonio — Nas obras—na lingua és muito.

Affonso — Para que no la deu Deus, senão para falarmos, homem?

Antonio — Mas em differentes usos, ao capitão para mandar... ao padre para prégar.

Affonso — Ao ferreiro?

Antonio — Nem eu sei.

Affonso — Ora sou um seu creado.
Antonio (*Olhando para o fundo*) Caluda. (*Retiram-se conversando baixo*)

Anoitece.

SCENA VI

Gonçalo, Alvaro, Thereza, Dulce, Violante e o Almocadem, que se retira — Thereza vem encostada a Gonçalo.

Gonçalo, *com doçura*—Minha mãe, por que vos affligis tanto? E' por ventura a primeira vez que meu pae se separa de nós?! E não voltou elle sempre?
Thereza, *enxugando as lagrimas* — Sim, meu filho. Mas voltará elle agora? Só Deus o sabe, e esse não m'o diz
Gonçalo – E Deus tem razão: que ainda que mal nos viera—que não virá—melhor fôra sabel o tarde.
Dulce—E Deus sempre é bom, não é verdade?
Thereza—Elle se lembre de nós. Querido filho, os teus disvellos bem pagam os com que te criei. Não te esqueças do temor de Deus, meu filho, para seres feliz.
Gonçalo, *abraçando-a*—Minha querida mãe.
Thereza, *abraçando-o* Querido filho.
Alvaro *mostra se impaciente*—A noite está bastante fria. (*Para Thereza.*) Melhor fizéreis em vos recolher.
Dulce—Alvaro diz bem.
Violante, *para Dulce*—Ai, minha senhora, o ar leva coiro e cabello. Tenho o nariz gelado. (*Tremendo.*)
Dulce—Coitada! E por que o não disséste tu ha mais tempo?
Gonçalo—Vinde, minha mãe, vinde. (*Pegando-lhe na mão e caminhando.*)
Dulce, *em tom mimoso*—E eu não posso ir tambem comvosco?
Gonçalo, *com affecto*—Dulce...
Dulce, *com affirmativa jovial*—Pois vou. Tenho licença de meu irmão: vou fazer companhia a tua mãe esta noite.
Gonçalo—Serás o seu anjo da guarda (*entram para casa as tres, e Gonçalo beija a mão a Thereza — Dulce e Gonçalo olham-se por um momento*).

SCENA VII

Alvaro, Gonçalo, o Almocadem e alguns Besteiros que entram pelo lado e ficam formados junto ás portas—alguns d'elles sahem e voltam pouco depois, tendo-se ouvido antes d'isso o estrondo da ponte ao levantar — O Almocadem dirige-se para Gonçalo.

Gonçalo—Já levantaram a ponte!

Almocadem—Agora mesmo; falta cerrar os postigos. (*Gonçalo entrega lhe as chaves, o Almocadem recebe-as e as entrega a um dos Besteiros, e caminha com elle a ver fechar as portas, que primeiro experimenta.— Volta depois a entregar as chaves a Gonçalo.*)

Gonçalo, *pondo as chaves á cinta*—Comece já a ronda e sobre-ronda; e vigiae as atalaias.

Almocadem—O nome para se reconhecerem as rondas?

Gonçalo, *em voz baixa, mas que o Almocadem ouça*—Ramiro...

Fica uma atalaia ás portas. O Almocadem e os demais Besteiros sahem em direcções oppostas, formados e a passo de ronda — Gonçalo experimenta as portas e diz para a sertinella: A'lerta—(*depois continúa :*)—Alvaro, julgo conveniente revesarmo-nos durante a noite para que um de nós esteja sempre de vela; se quereis rondar até á meia noite, velarei eu até ao romper d'alva. Creio que vos não caberá o peior; no emtanto, escolhei.

Alvaro, *mostrando zelo*—Não consinto que hoje veleis uma hora sequer; deveis estar bastante afadigado. Ide descançar.

Gonçalo—E vós?

Alvaro—Não se vos dê de mim: se não dormir hoje, durmo ámanhã. Nunca me virá tarde o repouso. Se eu não sinto fadiga!

Gonçalo—Acceito : certo como fico de que me não heis de poupar quando haja a menor novidade. Eu durmo armado e prompto: antes quero estar apercebido em balde, do que vir a arrepender-me do meu descanço.

Alvaro—Sim, sim; mas creio firmemente que nada acontecerá. Os Castelhanos lá têem os nossos com que se divertir; e isso já não é pouco.

Gonçalo—Nem só elles podem trazer novidade. Um aviso de meu pae .. Uma retirada dos nossos...

Alvaro, *áparte*—Que nunca elles venham...

Gonçalo—Uma traição... emfim, mil outras coisas, mais difficeis de adivinhar do que impossiveis de acontecer.

Alvaro, *impaciente*—Ficae descançado, que de tudo vos hei-de avisar.

Gonçalo, *dá-lhe a mão*—Vigilancia. (*Retira-se.*)

Alvaro—Ide em paz.

SCENA VIII

Alvaro e logo Pedro

Alvaro, *só*—Vae-se approximando a hora—se a minha se d'outrem, é o que resta vêr... Animo! (*vendo Pedro*) Que ha?

Pedro, *triste*—A ronda vae d'espaço... Só velam as atalaias nos seus postos. (*Fica de braços cruzados, contemplando a sentinella que passeia no fundo.*)

Alvaro—Bom. (*Reparando.*) Que tens?!

Pedro—Contemplava aquelle desgraçado. O primeiro degrau para a nossa elevação! Alvaro, e teremos força de subil-o, de calcal o? Um homem sem crime! Oh! que negro presentimento poisa sobre o meu coração!

Alvaro, *algum tanto impressionado*—Parece que antes buscas tornar-me covarde do que animoso! Julgas, por ventura, que desejo commetter um assassinio? Se te lembra algum meio de o evitar, declara-o... estou prompto a acceital-o.

Pedro—Oh! se me lembrasse... decerto que já t'o houvera indicado. Mas infelizmente que me não lembra: infelizmente para ambos, para ti, que tens de executar o crime, e para mim, que o consinto e approvo.

Alvaro, *com intenção*—Sim, ambos seremos culpados, porém d'uma culpa necessaria a ambos. Pedro, fôra impossivel recuar. Já não é só a minha

ambição e o teu amor que nos devem guiar; é a nossa mutua segurança. Bem vês que o Adeantado, decidido hoje em nosso favor, ámanhã, se lhe faltarmos ao promettido, alevantar-se-ha contra nós, e ainda mal que elle tem em seu poder provas que nos condemnam: as minhas cartas sobejam. Afinal, nem tu desistes de ser esposo de minha irmã, nem eu da alcaidía do castello. Tu por amor e eu por ambição... Sejamos corajosos, e a felicidade coroará os nossos sacrificios.

Pedro—A felicidade!... a felicidade! E será possivel de a colhermos regando nós o tronco d'essa arvore divina com o sangue d'um innocente?! Não! que o fel do remorso lhe corromperá o sabor dos fructos!... Não! que o sangue depositado no tronco subirá pelos ramos a embaciar lhes o viço... e fazer-lhe cahir até á ultima folha. (*Dão 9 horas.*)

Alvaro, *ouve o Eremita com agitação, continúa até que desabafa, por assim dizer, quando começam a dar 9 horas.*)—Ouves?!... (*Vivo.*) Para a capella—já... já.

Pedro, *indeciso*—Um momento.

Alvaro, *empurrando-o* — Vae, ou és um indigno covarde.

Pedro—Sou... para o assassinio!

Alvaro, *forte vivo*—Louco! esqueces-te de minha irmã?!... O seu amor! .. a tua felicidade!...

Pedro, *em sobresalto*—Não... O amor! nunca.

Alvaro, *vivo*—Então?!

Pedro—Sim .. Sim...

Alvaro—Vae, e cuidado no signal.

Pedro—Sim. (*Retira se apressado e agitado.*)

Alvaro caminha confuso para a sentinella, segue-a pela rectaguarda, e quando ella e elle desapparecem da scena, ouve-se um gemido profundo Alvaro volta mais agitado, esconde o punhal, tira as chaves, olhando desconfiado para uma e outra parte, vae aos postigos, abre um, entra. Sente se pouco depois um pequeno estrondo, volta para a scena, sae por um dos lados, e volta logo com uma trombeta na mão. Sóbe com ella ao alto da muralha, e no acto de a embocar ouve-se da parte de fóra gritar: — Traição!

Alvaro n'um relance deixa cahir a trombeta completamente desvairado, solta um *ai* de espanto e desesperação, e foge.

SCENA IX

Alvaro fugindo, e Fernando

Fernando, *precipita-se na scena com a espada em punho, gritando*: Traição! Traição! (*Avista Alvaro na fuga, a quem persegue—ouvem-se as sentinellas gritar*: Castelhanos!) *(Desce o panno n'este meio tempo.)*

FIM DO PRIMEIRO ACTO

ACTO II

O mesmo castello, visto exteriormente. Ao fundo a muralha elevada sobre o plano do tabolado. Adiante barbacam, mais baixo, e assente sobre uma porção de montanha, cuja descida, para a scena é suave. Da D. do espectador, a continuação do castello, á E. algumas arvores em distancia: e uma palmeira proximo do castello.

S[illegible] I

Alvaro e [illegible]

Alvaro (*Desce do castello [illegible] a direita, como quem avista alguem* [illegible] [illegible]e nova me trará? Convencer-se-hia o [illegible] da minha fidelidade? Vê-lo hemos (*a* [illegible]

Pedro (*entra pela esquerda* [illegible]*tador*) — Vieste esperar-me fóra do Castello?

Alvaro—Sim: para podermos falar mais livremente que os espias redóbram, e o maldito velho Fernando traz sobre mim uns olhos de desconfiança que me dão receio. Mas que passaste com o Adeantado?

Pedro—Duvidou falar-me a principio, insisti e afinal consegui entregar-lhe, em mão propria, a carta que me déste. Leu-a e disse—Estranha coincidencia—Perguntou me depois—E tu que fazias ás horas do signal? Eu lhe respondi: encarregado por Alvaro de tanger a sineta da Ermida, lá esperava o toque de clarim, para assim o fazer: e como corresse largo espaço sem nada ouvir sahi em procura de Alvaro, que encontrei, e me contou da chegada de Fernando, da noticia que elle trouxera da prisão do Alcaide... emfim, o que tu não ignoras.

Alvaro—Nada mais?
Pedro—O Adeantado nada mais disse, corria porém um rumor vago, de que o Alcaide prisioneiro se offerecêra vir tratar com o filho para a entrega do castello. Posto que o Adeantado está na resolução de o accommetter, todavia, é provavel que, podendo, prefira senhoreal-o sem derramamento de sangue. Dizem que Nuno Gonçalves pretende conservar a Alcaideria : e quem nos assegura que Pedro Roiz lh'o não consinta?...
Alvaro—Terrivel boato... a verificar-se (*pensa*).
Pedro (*Depois de pausa*)—Então que dizes?
Alvaro—Responde-me. Julgas-te por modo afadigado, que não possas supportar novo trabalho.
Pedro—Cançado venho; mas o esforço augmenta com a necessidade; se ella aperta o esforço dobra. Fala.
Alvaro—Volta *in continenti* para o Adeantado—Diz-lhe que disponha esta noite a sua gente para a surpreza e torna para me pôres d'aviso.
Pedro—E o mais?
Alvaro—A meu cargo.
Pedro—Faz-se mister a tua assignatura, para auctorisar as minhas palavras.
Alvaro—Convenho (*puxa d'um pedaço de pergaminho, escreve algumas palavras, e entrega a Pedro*) Não haja delonga.
Pedro (*retirando se por onde veiu*) Só a indispensavel (*vae-se*)
Alvaro (*So*)—Parece que se mais projecto menos concluo; se mais porfio, menos venço!... Hontem Fernando, hoje o Alcaide... e esta noite quem será? (*pausa*). Oh ninguem se me anteponha, que ninguem respeitarei. Se o luzir do meu punhal os não turvar, terei mão firme com que lh'o crave! (*avista Gonçalo e Fernando conversando no alto da barbacam, e ao vêl-os encaminha-se para o castello*)

SCENA II

O precedente, Gonçalo e Fernando

Alvaro—Saude, meus amigos.
Gonçalo—Bons dias.

Fernando — Em uma manhã de fevereiro, tão cedo por fóra! Não houvestes medo ao frio?
Alvaro — Algum tenho (*com mofa*) por isso já ia de volta para o castello. (*Retira-se*.)
Fernando—Deus vos guie. (*Depois de seguir Alvaro com a vista.*) (*Para Gonçalo.*) Ah, senhor! ou este homem é desleal, ou o meu coração muito falso a seu dono.
Gonçalo — Préso muito os teus conselhos, mas desconfio dos teus juizos temerarios.
Fernando — Temerarios, dizeis?!
Gonçalo — Sim, figurou se-te ser elle o que fugira deante de ti quando entraste no castello! Eis ahi o teu fundamento, mesquinho de certo, para suspeitas d'um cavalleiro até aqui sem mancha.
Fernando — Não procuro convencer-vos de que Alvaro seja criminoso: unicamente quero só que o vigieis. D'ahi nenhum desdouro lhe caberá, sendo innocente, e a nós e á patria, grande proveito se fôr culpado; que antes guerrear milhares de inimigos declarados do que ter um traidor de portas a dentro. Aquelles esperam-se de cara a cara, e este apparece quando menos se espera. Para inimigos temos armas com que lhes resistir, e desconfiança para nos precavermos; e para o traidor — só armas para lhe entregarmos e confiança para nos illudirmos. Houve de facto uma traição premeditada, e que não surtiu effeito porque o céu velava sobre nós—As portas abertas, o atalaya assassinado, não são por certo obra de peões: um simples besteiro não houvéra determinação para tanto. O braço é mais poderoso!... Desculpae, se demasiado me atrevo, este porém é o falar d'um velho que vos ajudou a crear, do pagem fiel e amigo de vosso pae, de quem aprendera esta linguagem.
Gonçalo *abraça-o* — Fernando, não tenho de que te desculpar; taes culpas só merecem louvores. Não serei eu o moço altivo que despreze os conselhos da velhice, não: antes me compraso muito por te haver a meu lado.
Fernando *agradecido*—Oh! senhor ..
Gonçalo—Sim; tu és a unica pessoa com quem desabafo a minha desventura, que nem mãe nem amante quero que partilhem... (*Pausa.*) E oxalá que nunca a prisão de meu pae lhes seja revelada. Eu

mesmo receio de lh'a descobrir, porque em verdade, sentir o pezar quando lhes falo, e mostrar-me alegre para que o sejam.. fazer com que a lingua, sempre facil em dizer as máguas do coração, obedeça a um pensamento estudado que lhe prescrevo... fingir-me sempre... mentir a quem nunca menti... Oh! é tarefa que não sei como a hei-de levar a cabo!

Fernando — Esquecei por agora as vossas justas queixas, e curae só do interesse commum, que primeiro vos chama. Um alcaide d'um castello quanto mais de perto vê um inimigo, mais deve esquecer todos os sentimentos que não são a patria. Ella tem maior direito. Julgo que devemos continuar com as nossas indagações.

Gonçalo — Vae, Fernando, vae tu cumprir o que me pertencia, e quando acabares vem ter commigo a este sitio — cá me acharás. Quero ficar só. A solidão é ás vezes desafogo.

Fernando — Sereis obedecido. (*Retira-se pela direita.*)

SCENA III

Gonçalo e depois Dulce

Gonçalo *só* — Tempos de felicidade... scenas tranquillas da minha vida... onde estaes? (*pausa.*) Os tempos já lá vão, as scenas trocaram-se!... Não ha tres dias que eu disfructava o que no mundo se conta por mais caro... pae, mãe e amante! (*pausa*) que só d'elles me occupava nos meus pensamentos, que juntos saciavam todos os meus desejos!... (*pausa*) E hoje?... meu pae — cahido nas mãos de seus inimigos; minha mãe—inconsolavel; e Dulce—na vespera de ser minha . . quem sabe? Eu já não creio senão em desgraças. . (*pausa*) Estou cheio de cuidados, não só por mim, mas pelos vassallos, de quem sou responsavel a Deus e a El-Rei; luctando entre a patria e a natureza... vacillante... indeciso!... (*pausa*) Oh! e qual o filho e vassallo que em tal conjuncção o não estivera!... (*Fica submerso em suas reflexões.*)

Dulce, *assoma á barbacã antes de Gonçalo acabar — desce á scena, depois de contemplal-o; caminha pé*

onte-pé, colloca-se atraz d'elle e, passado um instante de silencio, toca-lhe com a mão sobre o hombro. Gonçalo assusta-se e volta subitamente para traz, vê Dulce e a ameiga — Dulce sorrindo com meiguice — Já assustei um cavalleiro.

Gonçalo *beija-lhe a mão*—Minha Dulce, todo o meu susto é deixar de possuir-te.

Dulce — E só isso.

Gonçalo — Ainda o dizes? ..

Dulce — Por que de tal susto não vejo causa. Além do *sim* das nossas almas, temos a benção de teus paes .. temos tudo.

Gonçalo — E até eu tenho um competidor, por que nada falte.

Dulce, *sentida* — Por Deus, que não fales em quem me não lembra. Bem sabes a minha innocencia. Se eu amasse outrem fôra culpada; mas que outro diga que me ama, como posso eu evital-o? Quando o Adeantado de Galliza me viu, eramos nós, os portuguezes, amigos dos castelhanos, e hoje somos seus contrarios — tanto bastava...

Gonçalo—Perdôa. O ciume que ora te dei foi só para que repetisses que me amavas. Um ciume innocente.—E que fôra dos amantes a não ser elle? Tinham de calar-se muitas vezes.

Dulce *vae á palmeira e tira um ramo.*

Gonçalo — E' intenção particular?

Dulce — Não. E' para guardar. Esteve me Violante contando que esta palmeira, assim como todas as que ha em Hespanha, vieram de uma que o rei Abderahman plantára ao pé de Cordova, e que esta o fôra logo depois d'aquella. Não sabias?

Gonçalo — Não

Dulce — Pela bocca das nossas velhas anda tanta coisa bôa... contos tão bonitos!...

Gonçalo — E é verdade.

Dulce — Mas, como eu dizia... O rei mouro habitava n'uma torre (*designando*) como póde ser o nosso castello—d'alli contemplava a palmeira, que ficava a alguma distancia (*designando*) como esta — e foi n'uma d'essas occasiões que elle compoz aquelles versos *da Palmeira* tão conhecidos.

Gonçalo *pensando* — A torre. . a palmeira... o rei... o que governava a torre... (*pausa.*) Como são os versos; lembras-te ?...

Dulce — Todos, de certo não: Direi os que souber. (*Recita.*)

Tambem tu, bella palmeira,
Não és, não, d'este paiz:
E o Algarve — a estrangeira —
Não afaga, não bemdiz;
Auras suas, não te beijam,
Tua pompa não cortejam?

(*representa.*) Ha agora alguns que esquecem; depois continua o rei falando com a palmeira: (*recita*)

Contratempos de má sorte,
Não os sentes, como eu sinto;
Sobre mim ella desata
Chuva de dor que me mata,
Duras penas, que são morte.
— Essas palmeiras banhadas
Pelas aguas do Forat,
De meu pranto estão regadas;
Porém, palmeiras e aguas,
Olvidarão minhas máguas,
Quando esse homem ferino
Alabás — e meu destino —
Fizéram que eu deixasse,
Inda mais, que rio e palma
Doces prendas da minha alma.

Gonçalo — Como é o fim?

Dulce, *repete os ultimos quatro versos e depois diz, em referencia*—Doce prenda da minha alma, és tu; mas, ainda bem que nenhum féro Alabás me obriga a deixar-te.

Gonçalo, *impressionado* — Quem sabe!... (*Fica triste.*)

Dulce —Ora. (*Pausa—com o maior mimo*—Desde que está feito o sr. alcaide-mór, tornou-se mais sério... mais circumspecto... menos dado... (*Pegando-lhe na mão.*)

Gonçalo, *sorrindo e abraçando-a*—Feiticeira.

Dulce, *brincando com as chaves que elle tem á cinta* —Que chaves!... Não bastava o peso das armas... São disformes!... Ainda não vi outras assim... (*Depois de pausa em que as examina, e como re-*

cordando-se.) Pois minto... agora me recordo ..
Já vi outras maiores.
Gonçalo— Maiores?! (*Admirado*)
Dulce—Se não maiores, eram eguaes—pelo menos...
Gonçalo, *instante de pausa, occorrendo-lhe uma ideia* —Onde as viste?
Dulce—Na forja de mestre Affonso.
Gonçalo, *com interesse*—Ha que tempo?
Dulce—Não direi quando... ha-de haver alguns dias.
Gonçalo, *áparte*—Esta ideia. (*Alto.*) Então julgas se assimilhavam a estas?
Dulce—Até me parecem as mesmas.
Gonçalo, *disfarçando*—Talvez. Mas, tornando ao que antes dizias: não me admiro que julgües demasiado o peso das armas, que eu, de principio, tambem assim o julgava e sentia; porém, o costume faz tudo: hoje supporto-as como se fôra um vestido de téla.

SCENA IV

Os precedentes e Fernando

Dulce, *designando*—Ahi vem o teu pagem.
Gonçalo, *a Fernando*—Pódes approximar-te, Fernando. Averiguaste já tudo? Achaste alguma coisa?
Fernando, *entra pelo lado opposto ao d'onde sahira, pára ao vêr D. Dulce, e só se approxima ao mandado de Gonçalo, a quem responde*—Nada que valha a pena. Vi tudo com miudeza, e tenho para mim que vi bem.
Gonçalo, *áparte, a Dulce* — Permitte-me um segredo... Creio que d'elle não desconfiarás.
Dulce, *com mimo*—Eu sei...
Gonçalo, *responde a Dulce, com um sorriso meigo, e diz a Fernando*—Vae de prompto ao castello dizer a Alvaro que necessito falar-lhe sem demora, e tanto que o fico esperando. Intíma egualmente mestre Affonso, e volta aqui.
Fernando, *faz vénia, e retira se apressado para o castello.*
Gonçalo—Desculpa mais este momento. Não fui eu que t'o roubei.
Dulce—Pois quem?
Gonçalo—O alcaide do castello. (*Abraça-a*)
Dulce *abraça-o, sorrindo-se.*

SCENA V

Os precedentes e Thereza

Thereza, *no alto da Barbacã—afflicta*—Meu filho!..

Gonçalo, *assustado*—Ouvi, minha mãe...

Dulce, *assustada*—Pareceu-me afflicta.

Gonçalo, *vivo*—Vem... vem. (*Caminham ambos para o castello—encontram Thereza, e voltam para a scena.*)

Thereza, *afflicta*—Meu filho, meu filho! diz-me que não é verdade o que ora ouvi da janella...

Gonçalo, *assustado*—O quê, minha mãe?!

Thereza—A prisão de teu pae! do meu marido!

Gonçalo—Quem vol-o disse?!

Thereza—Alguns Besteiros que passavam... iam no dizendo... lamentando .. Por Deus, que nada me occultes... por Deus te peço, tu que sempre foste verdadeiro, não mintas agora, não mintas a tua mãe.

Dulce *consolando-a*—Não ha de ser certo.

Thereza *impaciente*—Tu não falas?! (*Com explosão*) Oh! mal de mim, que dizes tudo... o teu silencio é a minha desgraça... Ai de mim!...

Gonçalo *consolando-a*—Socegae, minha mãe, a guerra não póde durar sempre, se hoje é prisioneiro, um dia ha de ser livre.

Thereza *com fogo de afflicção*—Um dia, dizes tu?! . Um dia que nunca ha-de vir! (*Pequena pausa — e augmentando*) Oh!... Não... não. Tua mãe quer que esse dia alvoreça já... tua mãe pede por teu pae... é a natureza inteira a pedir-te!... E um bom filho terá forças de resistir-lhe?! Faltar-lhe-hão ellas para protegel-a?! (*Abraçando-o.*)

Gonçalo (*forte*)—Não... nunca... E qual fôra o filho, por mais fraco, que ao pedir de sua mãe, á desgraça de seu pae, não sentira novos brios, novos animos para salval-o?! Mas eu... eu... minha mãe, por que modo?— N'estes muros, apenas ha gente para os defender. Como sahir pelo resgate de meu pae? — Buscal-o de outro modo? — abaixando-me a mim e a elle com alguma proposta deshonrosa—aos soberbos Castelhanos! — Oh! minha mãe—atraiçoar o rei e a patria... sagrados penhores que elle tanto recommendára quando de mim

se despediu ! ! (*soluçando*) Oh ! minha mãe ! minha mãe, tende compaixão de mim...

Thereza *irada* — Compaixão ?! Ou tu zombas de tua mãe, ou algum demonio zomba d'ella e de ti ! (*com explosão*) de ti, que te suffoca os mais doces sentimentos de homem — sentimentos que os não dá o mundo — criados por Deus, porque a natureza é obra sua (*Fortissima*) Oh! Sim! que se agora mesmo eu vira o meu filho no meio do perigo, nem os homens nem as suas leis teriam força contra o meu coração !.. Ninguem me havia de impedir de eu salvar o meu filho .. (*correndo aos seus braços e apertando-o*) de correr aos seus braços.

Gonçalo *enternecido* — Minha mãe... minha estremosa mãe...

Thereza *continuando* — Salva teu pae a troco de tudo — Honra, vida, rei, patria, tudo lhe pertence; foi elle que tudo te deu com a existencia... com o ensino em que te creou.

Gonçalo — Que injusta sois, minha mãe! Duvidaes de que a minha alma sinta, como a vossa, todo o affecto por meu pae, toda a anciedade por salval-o ?... Sim, que os sinto; e quem mais do que seu filho?! Porém lembrae vos, minha mãe, que sempre me quizestes temente a Deus; lembrae-vos que ser fiel ao juramento é um dos seus mais rigorosos preceitos... (*Pausa—designando*) Vêdes esse castello... Se o defendo e vivo, hei-de viver honrado; se morro, honrados deixo os meus ossos : se o entrego, o meu nome ficará um nome de deshonra e de vituperio na memoria dos homens.

Thereza *exaltada*—Oh ! junte-se todo o amor capaz de subjugar o coração d'um homem (*pegando-lhe pela mão*). Dulce, une o teu ao meu pedir .. Suppre tu o que me falta... e meu filho não nos saberá resistir... não... que não é homem capaz de tanto !

Dulce — As minhas lagrimas de ha muito que lh'o estão rogando .. se ellas não bastam... se as minhas supplicas podem valer .. não serei eu que as poupe... nem elle as engeitará .. (*com mimo*) Não? (*pegando-lhe na mão.*)

Gonçalo *enternecido e querendo vencer-se*—Terrivel situação ! .. Meu Deus ! Piedade ! ..

Thereza *ajoelhando*—Dulce, insta como eu insto... de joelhos !...

Dulce *ajoelha* — Sim... sim.

Thereza *para Gonçalo* — Queres-me de rastos?... Ordena-o: que eu tudo acharei pouco, pouco para salvar o meu esposo.

Gonçalo *suffocado em soluços forceja para levantal-as e afinal com explosão* — Ah! minha mãe... Dulce! O vosso querer será o meu... (*implora*) E Deus?!... que me perdôe... Se não tenho forças para mais...

Thereza—(*Com explosão d'alegria*) Querido filho!... (*abraça-o*)

Gonçalo (*Ao avistar Alvaro e Fernando*) — Ide descançadas... e consenti por agora que eu faça um serviço, por ventura o derradeiro, em favor da patria (*beija a mão a Thereza, e esta e Dulce retiram-se*)

SCENA VI

O precedente, Alvaro, Fernando e logo Mestre Affonso

Gonçalo fica cabisbaixo ao meio da scena.—Entram Alvaro e Fernando, que lhe fazem venias a que elle corresponde de leve—todos guardam silencio...

Mestre Affonso *Entra coxeando, e pára longe dos trez* (*áparte*) — Bem me disse Fernando que era volta de grão conselho! Por vida minha que se tal é, muito me agrada o moço alcaide, que não engeita o parecer do Mestre Affonso. Ah! Ah... Assim entendo eu: o alcaide representa o Rei, Alvaro a nobreza, eu e Fernando o povo. Eis um conselho completo!... E até o mais livre: por que feito no campo nem ha paredes com ouvidos, nem telhados que abafem as boas razões. (*pausa*) Se eu adivinhára a materia do conselho!.. Quem déra que fosse da salvação da patria.—Para isso já eu trazia recado sabido: pespegava lhe com Eremiterio cá do castello; e logo o nome do seu fundador —do grande Egas Moniz— que os houvéra de pôr com a cára a uma banda...—e que lhe dessem volta. Pois,—se falar em pelejas, melhor; ponho o alcaide na deanteira da hoste... Alvaro e Fernando nas costaneiras... e eu atráz... velho e coxo onde irei que mais valha?!... Emfim, sáia o que sahir. As falas de

repente são as melhores (*inchando-se*) Salvé esforçados cavalleiros!... (*Como lhe não respondem, continua mais forte*) Salvé, avisados cavalleiros.

Gonçalo—Qual de vós ignora a traição que se premeditou n'este castello? (*como ninguem responde continua*) Nenhum?!... Pois não ignoreis tambem que Deus e Senhor nosso, que foi servido de a mallograr, foi hoje servido descobril a: e quero o parecer de todos vós sobre a pena que ao traidor se deve infligir.

Fernando—A pena dos traidores, é a morte

Mestre Affonso (*com arrogancia*)—A morte.

Alvaro (*receoso*)—Sim...

Gonçalo—Inda bem, Mestre Affonso, inda bem, que votas o traidor á morte: nomea-o e a sentença será cumprida.

Mestre Affonso (*assustado*)—Eu, senhor?!...

Gonçalo—Tu mesmo. Não sabes para quem fizeste ha dias umas chaves eguaes a estas? Foi com ellas que se abriram as portas do castello; será por ellas que tu, ou o traidor, deve morrer.

Alvaro — Morrer. Sim é bem feito. (*áparte ao Mestre Affonso*) Cala-te que só eu é que te posso salvar.

Mestre Affonso—E esta? Valham-me as onze virgens do Algarve.—Ai!

Gonçalo (*forte*)—Que respondes?

Mestre Affonso (*olha de revez para Alvaro*)—Eu... se... se... se...

Gonçalo—Avia-te.

Alvaro—Fala homem (*á parte*) Segredo!

Mestro Affonso (*áparte*)—Maldito. (*alto*) Eu... senhor... se tal houve varreu-se-me de todo a lembrança... (*olhando de continuo para Alvaro*)

Alvaro—Cabeças de velhos—são muito faltas de lembrança.

Fernando -- A lembrança da patria só esquece ao traidor.—Senhor Alvaro.

Gonçalo—Dizes bem

Alvaro—Disse uma verdade, mas já rançoza.

Fernando — Antes verdade com ranço, do que traição fresca.

Gonçalo (*áparte*)—Convem intimidal-o. (*alto*) Mestre Affonso, ou nomear o criminoso, ou morrer (*aponta-lhe a espada*).

Mestre Affonso (*recúa tremendo assustadissimo*) tenha mão .. tenha mão .. (*áparte*) Morte d'alli (*aponta para Alvaro*) e morte d'aqui (*aponta para Gonçalo decidido*) As chaves foram para o senhor Alvaro...

Gonçalo—Alvaro!

Alvaro—E ousas tu...

Mestre Affonso, *trémulo e sem poder articular*—Para que vos fiastes de mim... bem vêdes que sou velho... a minha lingua... já está muito gasta... e por isso, deixa cahir as palavras, mesmo... mesmo sem se sentir.

Alvaro—Infame! (*Empurrando-o.*)

Fernando—Nem um ademane. Para traidor atreveis-vos a muito.

Alvaro—Insultaes me!! Oh, é crivel que assim se ultrage a reputação d'um cavalheiro, só porque um velho mentecapto... um homem da plebe, ouse affrontal-o.

Ouvem-se clarins ao longe.

Fernando—A plebe!... a plebe... O que sois vós sem ella? Um espantalho de figueira... mas de figueira sem figos.

Alvaro, *tira a espada e quer feril-o*—Já que ninguem te castiga, fal-o-hei por minhas mãos.

Gonçalo—Silencio! (*depois de pausa.*) Trata-se do bem commum.

SCENA VII

Os precedentes e um Besteiro no alto do Barbacã

Besteiro—Alcaide-mór, recolhei-vos muros a dentro do castello, que os clarins dos Castelhanos annunciam que em breve serão comnosco.

Gonçalo, *enthusiasmado*—Eia!... A elles!! (*Tira a espada e dá alguns passos.*)

Fernando, *vivo*—Senhor, reprimi por um instante o vosso enthusiasmo, e attentae n'este homem, (*designando Alvaro*) contra quem ha fortes suspeitas de traição. A nossa segurança requer que desde já seja posto a bom recado.—Eu não vol-o peço por que lhe queira mal a elle, mas pelo bem que quero á minha patria.

Gonçalo—Assim se faça. (*Para Fernando.*) Levae-o.

Alvaro, *pensa, e depois entrega a espada a Gonçalo* —Eis a minha espada; mas, se vos prezaes de honra, por ella requeiro que de nenhum de vós passe o segredo da minha prisão.... não é bem que por leve suspeita ande um cavalleiro acoimado de traidor entre o povo.

Gonçalo—E' justo...

O sino do castello começa a tocar a rebate.

Alvaro—Assim o juraes?

Todos—Juro

Alvaro—Agora, para que os demais me não conheçam, consenti que cále a vizeira.

Pedro vem da esquerda e fica no alto do Barbacã—Os quatro retiram-se apressados.

Alvaro, *ao passar por Pedro* — Procura falar-me! (*Todos os muros se guarnecem de tropa; o mesmo succede na Barbacã. Gonçalo Nunes corre á muralha, d'um a outro lado e fica a meio.*)

SCENA VIII

Gonçalo Nunes, Nuno Gonçalves, o Almocadem e tropa castelhana e portugueza

Gonçalo — Portuguezes! A vida de todos nós está na coragem com que nos defendermos: assim nol-o ensina a honra, e só o homem honrado se deve contar por homem vivo A vida é força, e não é ella para covardes! Fio que nenhum de vós o seja —que nenhum haja de manchar o sangue de seus avós.—Erguidos sobre as lousas do sepulchro vos estão contemplando agora, de lá os ouço bradar: —A'vante! Portugal!.. A'vante!...

Todos — Portugal e avante! (*Gonçalo desce a collocar-se no meio da barbacã. Os clarins que pouco a pouco se teem approximado, cessam.*)

Almocadem Castelhano (*dentro*)—Moço Alcaide, o Almocadem Castelhano, como enviado do muito alto Pedro Roiz Sarmento, Adeantado da Galiza, quer salvo conducto para elle e seus pagens até proximo dos muros do teu castello.

Gonçalo (*para os seus*) —Ninguem offenda o enviado castelhano e seus pagens. (*O Almocadem e pagens entram pela esquerda do espectador, e param defronte de Gonçalo a quem saudam — Gonçalo corresponde*).

Almocadem — Mandae se retirem os vossos que só comvosco careço de falar.

Gonçalo — Seja o que fôr, dizei-o. Para meus companheiros d'armas não guardo segredos.

Almocadem — Pois bem. Quererás ouvir teu pae, que preso conduzimos, e com elle tratar da entrega d'esse Castello?

Gonçalo — Ouvil-o-hei: dizei-lhe que de bom grado.

Almocadem (*ao bastidor*) — Olá! conduzam Nuno Gonçalves.

Ao som dos clarins entra a tropa castelhana que guarnece os lados da scena; Nuno Gonçalves fica ao meio.

Gonçalo — Não soffre Gonçalo Nunes vêr seu pae carregado de ferros—sem morrer, ou tirar-lh'os.

Almocadem (*para os pagens*) — Tirae-lhe os ferros.

Tiram-lh'os

Nuno (*sustenta em suas falas grande exaltação patriotica*) — Gonçalo Nunes, sabes tu qual é o dever do Alcaide d'um castello?

Gonçalo — Sim, meu pae.

Nuno — Pois sonhei que tu havias lembrança de faltar a elle, e vim em pessoa para te reprehender.

Gonçalo (*muito baixo*) — Oh! meu pae... lembrae-vos da vossa morte que será infallivel.

Nuno — Como de prompto esqueceste as façanhas de Martim de Freitas, que tão vivas dizias em tua memoria!!... Queres insculpido sobre a tua e minha sepultura, o epitaphio execrando — *Aqui jaz um traidor* —Querel-o-has tu, mas nunca teu pae. Aprende com elle a bem servir a patria, e aprendam esses portuguezes que estão hoje tão esquecidos d'ella. Cumpre o teu juramento, Gonçalo Nunes, ou maldito por teu pae se o não cumprires: maldito de Deus e do mundo, se um castelhano pizar terra do teu castello, emquanto essa terra não fôr a tua sepultura... se um castelhano respirar no castello, a não ser o ar do teu ultimo arranco... se...

Sussurro entre os castelhanos.

Almocadem — Morra o traidor!
Os castelhanos — Morra! (*Arrastam Nuno para dentro*)
Gonçalo (*grita*) — Vingança! Vingança

Estes e os seus accommettem os castelhanos—soam tambores, e desce o pano no meio da confusão,

FIM DO SEGUNDO ACTO

ÀCTO III

Carcere no castello antecedente. Ao fundo pequena porta que deita para um quarto que tambem faz parte da prisão. A' D. porta de entrada para a mesma.—Mesa ordinaria, um escabello, e uma luz pendente do tecto.

SCENA I

Alvaro e depois Antonio

Alvaro (*Sae da porta do fundo examinando o carcere—Só*) E' preciso sahir d'esta prisão... E depois? Os muros do castello são ainda uma nova barreira para transpôr! E d'ahi?... a liberdade... sim a liberdade, para assumir a Alcaidia d'um castello... a liberdade para gozar de mais alto a perspectiva do mundo... perspectiva brilhante que um rei contempla de cima do seu throno de ouro... um rei?! Homem que só conhece os outros pela obediencia que lhe consagram, um Deus sobre a terra, (*com pezar*) Não nascer eu rei! (*depois de profunda pausa—senta-se*) O voar de meus pensamentos é sabido em demasia... restrinjamo-lo por agora no curto ambito limitado por estas paredes... (*pausa*) Disponhamos tudo emquanto Pedro não vem. (*Puxa d'um pedaço de pergaminho e começa a escrever.—Ouve se correr o ferrolho da porta. Alvaro calafa vizeira e cessa de escrever*)

Antonio (*da porta*) — O Eremita Pedro pede licença para falar comvosco.

Alvaro (*com hypocrisia*) — Se as ordens o não vedam, muito prazer terei em ouvir palavras de consolação d'um homem de tanta virtude.

Antonio — Então tendes resolução certa: porque nenhuma ordem me deram a esse respeito. Vou mandal-o entrar. (*A'parte antes de sahir*) Bôa vae ella, que já lhe são mister palavras de consolação. Ah!... A modo que me cheira a preso de culpas graves. (*Vae dando á cabeça—chega á porta, abre-a, e diz para fóra*) Vinde, santo homem.

SCENA II

Os precedentes e Pedro

Antonio — Quereis ficar sós?
Pedro — Se nol-o consentis...
Antonio — Sim... sim... ficae a commodo... (*a Pedro*) Meu santinho, quando quizerdes sahir, batei na porta. Deus seja comvosco. (*Beija o habito de Pedro, sae, e ouve-se correr o ferrolho*).
Pedro — Amen (*depois de Antonio sahir—outro tom*) Alvaro, que mau fado te trouxe para este carcere?
Alvaro (*com sangue frio*)—Pasmas de me veres encarcerado, não é verdade?
Pedro — Sem duvida.
Alvaro — Ahi jazem por terra os nossos projectos dirás tu. (*sorrindo*)
Pedro — Eu...
Alvaro — Ao contrario: a minha prisão não foi mais do que um pequeno chuveiro capaz tão só de abafar em apparencia o incendio prompto a rebentar. —Demorou a explosão, mas redobrou lhe a intensidade.
Pedro — Como assim?
Alvaro — Logo t'o explicarei. Responde-me primeiro. O que passaste com o Adeantado?
Pedro — Nada; porque não cheguei a falar-lhe. Encontrei os Castelhanos, e voltei logo para o castello, para te pôr de aviso.
Alvaro — A que vieram elles?
Pedro — Acompanhando Nuno Gonçalves, que lhes havia promettido, como te disse, de convencer o filho para que entregasse o castello.
Alvaro — E Gonçalo Nunes resistiu-lhe?
Pedro — Porque modo? Se a vinda do pae não fôra senão um ardil, para lhe reprehender a entrega, em vez de lh'a aconselhar.

Alvaro — E depois?
Pedro — Os castelhanos mataram cruamente Nuno Gonçalves — um heroe!...
Alvaro — Louco!.. E' um Alcaide de menos. De menos um embaraço á minha e á tua ventura.
Pedro — Assim será... mas juro-te que ainda hoje sinto a sua morte. Não me soffre o coração ver mal pago um feito heroico.
Alvaro, *zombando* — Que melhor pago querias? Está no ceu!...
Pedro — Nem o digas zombando.
Alvaro, *ironico* — Pelo que ouço, estás tu resolvido a desprezar a mão de minha irmã... a sacrificares o teu amor, só para subires no outro mundo ao logar elevado em que se acha o Alcaide, não é assim?
Pedro, *confuso* — Eu...
Alvaro — Hesitas?! (*pausa forte*) Então guarda os teus commentarios. Dizem que os amantes são arrojados em seus pensamentos, e temerarios em suas acções; mas tu tens uma alma tão flexivel, que o menor impulso basta para vergal-a. Ora pois é preciso suffocar de uma vez esses melindres, que nada aproveitam. Ouve e resolve.
Pedro — Ouvirei.
Alvaro — Por meios que não conheço, soube Gonçalo Nunes que Mestre Affonso fundira as chaves, com que eu abri as portas do castello; e á custa de ameaças obteve d'elle o confessar que para mim as fizera. Fui posto em segurança; e esperam para me libertar a minha promettida justificação: mas eu nunca a poderei dar de maneira que arrede todas as suspeitas, e que de futuro me não vigiem os passos.
Pedro — Tudo nos sahe pelo avesso... escusado é tentarmos de novo... (*descorçoado*). Adivinho-lhe mau resultado.
Alvaro — O capitão que soffrera um revez deixa por isso de voltar á peleja? (*pausa*) pelo contrario, apercebe-se melhor para ella. Eis o que devemos fazer.
Pedro — Sim, mas de que modo?
Alvaro — Sahindo do castello e voltando depois com o Adeantado para o assaltarmos. Os pontos fracos são bem conhecidos. Se a escalada se malograr,

applica-se a mina; e melhor do que ninguem sei eu onde, para que o effeito se torne prompto e seguro. Mudadas as circumstancias, cumpre mudar de plano. O guerrear a occultas cessou de nos convir. Apraz-te?...

Pedro, *tem ouvido com toda a attenção e responde duvidoso* — Não digo que não: mas antes d'isso como tentas quebrar estes ferros?... Arrombando as portas? ..

Alvaro — São fortes...

Pedro — Peitando o carcereiro?

Alvaro — E' de confiança do Alcaide.

Pedro, *admirado* — Então como?!...

Alvaro — Illudindo o! Ao campo da astucia ainda ninguem poz termo

Pedro — Mas de que modo?

Alvaro — Ainda o não sei.

Pedro — E tua irmã?!... Hei-de deixal-a em poder do meu competidor?... Oh! Nunca!

Alvaro, *com um sorriso maligno* — Preveni os teus desejos. Ella hade acompanhar-nos, e longe d'aquelle a quem ama, será facil esquecel-o e amar-te

Pedro, *com enthusiasmo* — Bem hajas tu! (*Abraça-o*).

Alvaro, *áparte* — Louco!.. (*Alto*) Vou acabar uma carta que havia começado, quando vieste. (*Senta-se a escrever*).

Pedro — Para Dulce!

Alvaro (*Sorrindo*) — E tu has-de ser o portador.

Pedro (*exaltado e áparte*) — Grande Deus! (*pasua*) Tinhas a vizeira calada quando entrei..

Alvaro — Era para que o carcereiro me não conhecesse. (*Continua a escrever*)

Pedro — E de que serve isso?

Alvaro — De tudo. (*Levanta-se com a carta na mão, e a dá ao Eremita*) Lê

Pedro (*Lendo*) — Dulce — Estou em perigo de vida «A tua presença torna-se-me já, já indipensavel. «Conto que não has-de hesitar. O portador pode «guiar-te.—Guarda o maior segredo; revelal-o fôra «perder me. Para teu recato podes trazer Violante «comtigo.—Alvaro». (*Representa*) Grande prazer me cabe em levar esta carta a tua irmã: quizera porém ser melhor instruido no teu plano, que em verdade não comprehendo.

Alvaro — Além de nós só Gonçalo, Fernando e Mes-

tre Affonso conhecem o segredo da minha prisão: esses seguros estão pelo juramento que lhes requeri, e me deram. Já vês que só me basta o tempo necessario para atravessar o curto espaço que vae d'aqui ás portas do castello sem que os tres me vejam, para alcançar sahida franca. A ti pertence espreitar a melhor occasião, para d'ella me avisares. Dulce, acompanhada de Violante, já então me devem estar esperando. Eis o meu plano. -- Agora. leva a carta, volta com minha irmã, e corre a tratar do que te disse; sê diligente.

Pedro (*Reflexivo—depois de pausa*) — Bem (*bate na porta, espera que lh'a abram, e sae*).

Alvaro (*áparte*) — Ora pois. Vencido está o Eremita. Comecemos com o carcereiro (*chama*) Olá — (*cala a viseira*).

SCENA III

Alvaro e Antonio

Antonio (*entra e fecha a porta*)—Que me quereis?

Alvaro — Agradecer vos.

Antonio — Não ha de quê... Olhae que se consenti que o Eremita vos falasse, foi como lá disse, por que nenhuma determinação do Alcaide m'o vedáva: aliaz o não consentiria. Nasceram-me os dentes no serviço d El-Rei e Deus louvado, ainda até hoje não arredei um pé do que os meus capitães me ordenaram.

Alvaro (*ironico*)—Por isso o Alcaide se confia tanto em vós.

Antonio— E porque o dizeis!! ..

Alvaro — Achaes pouco, commetter vos a segurança de um preso desconhecido?

Antonio — E assim Deus o conserve. Mas, o caso é outro. Não é tanto o Alcaide que me conhece, verdade seja que o trouxe muitas vezes ao collo, mas tão pequeno era, que pouco se deve lembrar de mim. Agora Fernando, esse sim, que me conhece por dentro e por fóra: e que muito? tão pouco vivi eu com elle!

Alvaro —Foste seu companheiro d'armas?

Antonio — Isso fui; e servidor a um tempo.

Alvaro — Mas havia muito que o não servieis.
Antonio — Eu vol-o digo (*calcula*) o nosso rei D. Pedro—que Deus haja—morreu ha seis annos... mais dez que nos governou—fazem dezeseis (*depois de pausa*) Ha de haver uns vinte annos.
Alvaro — Então foi em tempo de D. Affonso.
Antonio — Contaes bem.
Alvaro— Tambem andaste na guerra dos dois Affonsos?
Antonio —Como?
Alvaro — A guerra entre o nosso rei Affonso IV, e seu irmão, que tambem se chamava Affonso.
Antonio — Por mal de meus peccados, que tambem lá andei: e nunca disparei bésta de tão má vontade. O senhor D. Affonso era bom rei... bravo... mas...andar em guerra contra seu pae... contra seu irmão... consentir que matassem a pobre donzella D. Ignez de Castro... A' fé, que não parecia ter sido gerado no ventre de uma santa.
Alvaro — D'esse modo, porque não pelejaste antes a partido do irmão?
Antonio — Alto lá. Eu nunca usei de espada com duas pontas. Antes quero ver o diabo diante de mim, do que ver um traidor. — Sempre é uma raça de bichos, que se lhes não conhece o correr do pello. (*Fazendo a acção*) Assim se lhe passa a mão, assim elle corre.
Alvaro, *áparte* — Ignorante. (*Alto*) Mas nem por isso deixam, muitas vezes, de prestar serviços importantes; haja vista aos traidores castelhanos, que nos entregaram Ciudad Rodrigo, Zamora, Tuy, Alcantara, e outras fortalezas, aos quaes el-rei D. Fernando tão liberalmente galardoou.
Antonio — Eu cá mandava-os á dependura, para que nos não fizessem a nós, o que haviam feito aos seus. Amar a traição é aborrecer o traidor —diz o rifão, e eu vou com elle. (*Escutando*) Quem será! (*Sente-se bater na porta, e vae abril-a*) Oh!
Alvaro, *áparte* — Talvez minha irmã (*repara*). Estou perdido!

SCENA IV

Os precedentes e Fernando

Fernando, *baixo a Alvaro* — Aviso-vos que dentro em pouco ides ser interrogado. Se não estaes de todo precavido, podeis entretanto apromptar-vos.
Alvaro, *com ar de mofa* — Tenho quasi tudo disposto. — Como passa Gonçalo Nunes?
Fernando, *depois de bem o encarar* — Bem (*acabrunhando-o*) Toda a noite velou em defeza da sua patria... Agora acha-se repousando, para melhor a servir depois.
Alvaro *áparte* — Bom. (*alto*) Dá-lhe lá saudades minhas.
Fernando, *ironico* — Em breve as podereis alliviar: vou esperar que elle accorde, e farei, quanto em mim fôr, para que logo, logo, corra a procurar-vos.
Alvaro — Não vos esqueçaes de trazer o meu accusador.
Fernando —Ha de vir. (*Retira-se, e Antonio segue-o*).

SCENA V

Alvaro — só

Alvaro, *levanta a viseira reflexivo* — O Alcaide dorme... Fernando vae esperar que elle accorde... Eil-os entretidos! (*pausa*). Porém minha irmã demora-se! (*pausa*). Hesitará em accudir ao meu chamado? E' impossivel... sobejo é o respeito e a amisade que me tem (*pausa profunda*). Quanto me custa ir enganal a... ella, que preside aos meus pensamentos... que por vezes os perturba... e algumas os destroe!.. que se, para realisal-os, me fôra mister roubar-lhe a honra, ou a vida, eu — o homem sem amigos... isento d'amor... renegado da patria... que zombo a sangue frio d'um homem só por que assim convem aos meus designios... eu cortára por meus maiores desejos... recuára em minhas determinações... aniquillára... póde ser — meus planos, ao escutar o brado solemne da natureza offendida — e ante ella me curvára. (*Estremecendo — profunda pausa — e depois em con-*

tinua perturbação — vivo.) Que pensamento subito me acommette ?!... me acobarda !... me arrasta !... (*Forte*) E para onde ?! (*Como desabafando*) Ah ! (*Esforçando-se*) Animo!... Será crivel !... que eu haja concebido milhares de ideias, para levar por deante os meus projectos, e que uma só... não estudada .. repentina... queira medir-se com todas ellas, e por ventura vencel-as ! (*Pausa, contricto. Senta-se meditando por algum tempo, silencio. — Ouve se mecher na porta. Alvaro sobresalta-se, cala a vizeira.*

SCENA VI

O precedente, Dulce, Violante e Antonio

Antonio — Estão alli duas donas que desejam falar-vos.

Alvaro, *sorrindo* — São mercês que nunca se enjeitam. Dizei-lhes que fico prompto para recebel-as. (*Levanta a vizeira, espera assim as visitas, e conserva-se sentado e triste.*)

Antonio, *para fóra* — Entrae, que o preso recebe a vossa visita. (*Retira-se*).

Dulce, *entra a passos vagarosos, e depois de lançar a vista em procura do preso, corre ao vel-o, e lança se-lhe nos braços* — Meu irmão !

Alvaro — Dulce !

Violante — Nobre Senhor, graças a Deus que vos vemos.

Alvaro — Minha irmã, pesa-me no fundo d'alma o ter de incommodar-te. (*Sempre com hypocrisia*) A sorte assim o quiz...

Dulce, *compungida* — Sorte mofina, por certo.

Alvaro — Inda mal que sim. Accusaram me de traidor (*com a maior hypocrisia*) sem que tal ideia, de leve sequer, por mim passasse. A calumnia poude mais do que a innocencia... A sentença está escripta.

Dulce, *anciosa* — E qual ?

Alvaro, *sentimental* — De morte !

Dulce solta um grito de espanto, e cae nos braços do irmão.

Violante, *áparte* — Senhor Deus, misericordia !

Alvaro, *áparte* — Coitada. (*Reflexivo*) Eu enganal-a !

(*Resoluto*) Oh! mas é forçoso. (*Alto*) Torna a ti... torna.

Dulce, *afflicta* — Alvaro, tu sabes do amor de Gonçalo Nunes... e se não sabes, agora t'o declaro. Elle ama-me... o seu amor é qual o meu. Elle não me hade negar o teu perdão... E por que modo? Se eu vou pedir por meu irmão, se elle é teu amigo, e eu sou a sua amante!

Alvaro — Certo estava dos teus desvelos; mas acredita-me — não cabe na alçada de Gonçalo Nunes o absolver-me. — A sentença foi proferida por um conselho: é irrevogavel.

Dulce — Oh! Fará Deus que o não seja.

Alvaro — Só uma taboa de salvação me resta.

Dulce, *com o maior interesse* — Qual?

Alvaro — A fuga. Bem sei eu que sacrificio fazes em deixar o castello...

Dulce — O castello (*triste*).

Alvaro — E' o menos, querias dizer; o seu Alcaide é o mais. Tens razão: mas passado que for algum tempo, para que me esqueçam, hemos de voltar.

Dulce — Mas eu para te acompanhar heide levar commigo Violante; e tres pessoas... temo que mais facilmente nos descubram... e a tua perda...

Alvaro, *sorrindo* — Alem de nós tres, conto que mais alguem nos acompanhe. Vê como é mal fundado o teu receio.

Dulce — Perdôa. Olha que não é por te não querer e querer muito; mas se a tua demora fosse curta... não podiamos ficar, — eu e Violante — em casa de Thereza de Meira?...

Alvaro — Oh! e querias por esse modo roubar-me o bem da tua companhia?! Accrescentar os meus cuidados?!... Ficares no castello, por tempos taes como estes em que o fogo da peleja, de perto que arde correrá a por ventura em teu alcance; sem que o meu braço, d'elle te podesse defender?! Nem tu deves querel-o, nem o teu irmão consentil-o. (*Com affecto*) Não, minha Dulce.

Dulce, *resignada* — Seja como dizes.

Alvaro, *abraça-a* — Eu t'o agradeço. Agora falta o segredo. E' ainda outro sacrificio que de ambas requeiro

Dulce — Pois nem sequer um adeus á mãe e ao filho?

Alvaro — Por modo nenhum. A amisade ordena uma

coisa, e a obrigação outra. Gonçalo Nunes, como homem é meu amigo, estou certo que me protegeria; como Alcaide, não póde.

Dulce, *confusa* — Não comprehendo.

Alvaro — E Deus te livre de melhor o comprehender. Ora pois: completa o sacrificio, e confia em mim, que mais que muito me hei-de desvelar por minoral-o. Não te hão de faltar noticias do castello de Faria—farei por voltarmos breve: que mais queres? (*depois de pausa*) Parte já com Violante a esperar-me no fim da alameda, hide como de passeio. Dêem-se pressa, porque a minha vida corre perigo.

Dulce, *triste* — Adeus.

Alvaro, *abraça-a* — Até já.

Violante, *chama do ré da porta* — Olá!

Antonio, *dentro* — Ahi vae (*abre a porta, e as duas saem*)

SCENA VII

O precedente e depois Antonio

Alvaro, *só*—Pedro e Dulce, já me estão sujeitos... Não ha resistencia que não ceda: tudo está nos meios que se empregam para vencel-a. Conhecer a fraqueza humana é possuir a chave de todas as suas acções.—Pedro ama; é o amôr a massa do gigante sempre forte para esmagal-o. Dulce é minha irmã—fraca e moça,—o respeito e a natureza são armas fortes para vencel-a. Falta-me vencer o guarda. E' cego executor dos mandados que lhe impõem.—Desobedecer-lhe fôra o seu martyrio. (*Cala a vizeira e sente-se mexer no ferrolho.*)

Pedro, *entra apressado*—Aproveitae o ensejo. Tão favoravel se nos mostra que receio de o perdermos.

Alvaro — Pois bem... (*Olhando para o carcereiro que está á porta*) Olá! (*diz algumas palavras em segredo a Pedro que logo sae.*)

SCENA VIII

Alvaro e Antonio

Antonio — Então o que me quereis?
Alvaro — Fazer-vos uma pergunta.
Antonio — Se souber e puder responder.
Alvaro — Creio que sabeis, e podeis...
Antonio — Bem.
Alvaro — Dizei-me: não suspeitas de quem eu seja?
Antonio — Não, nem quero.
Alvaro — Sois muito pouco curioso.
Antonio — Primeiro está a obrigação que a curiosidade.
Alvaro — Que vindes a dizer?
Antonio — Que tudo quizera menos conhecer-vos: ir d'encontro ás determinações do Alcaide—Irra!
Alvaro — Estaveis perdido procurando conhecer-me hein?
Antonio — Olá se estava.
Alvaro — E conhecendo-me?
Antonio — Mas já disse que vos não quero conhecer.
Alvaro — E se eu proprio me fizesse conhecido? (*levanta a vizeira, e encara-o.*)
Antonio, *admirado* — Que é isto?!
Alvaro — Desgraçado!
Antonio — Desgraçado! Que culpa tenho eu de vos ter visto a cara, porque m'a mostrastes? Ora essa...
Alvaro — Louco! mas eu direi, em vez d'isso, que para avaliar a tua fidelidade me fingi dormido; e que tu acreditando no meu somno, vieste levantar-me a vizeira e me reconheceste.
Antonio — E eu nego
Alvaro — Que valem as negativas d'um peão?
Antonio — Tanto, pelo menos, como as mentiras d'um cavalleiro.
Alvaro — Insensato! Mas o peão é só, e não tem ninguem por si.
Antonio — E o cavalleiro?
Alvaro — Tem uma testemunha que affrma o que elle diz.—Olá. (*Abre-se a porta e apparece Pedro*).
Antonio — O Eremitão?
Pedro — Sim! Juro como verdade tudo quanto Alvaro disser contra ti.

Antonio — Vós... o que eu tinha por santo!... mentir assim?!

Pedro — Minto para fazer bem.—Essa é a verdadeira virtude.

Alvaro — Agora, ainda que não consintas em me dar a liberdade, sempre ficarás perdido. Salva-me, e ambos seremos salvos. Longe do castello possuo bens para ambos gosarmos.—Vem.

Antonio — E se os Castelhanos nos toparem a caminho?

Alvaro — Se os encontrarmos, e d'elles nos não podermos escapar, morreremos pelejando.

Antonio — Como portuguezes que somos?

Alvaro — Sim. (*áparte*) E' como se engana um patriota.

Antonio — E se ao atravessarmos o castello nos apanharem?

Alvaro — E o meu segredo?! Só conhecem Alvaro, mas o preso não.

Antonio, *pasmado*, *benze-se* — Sois o demonio em vez d'homem.

Alvaro, *dando-lhe dinheiro* — Prova de que o não sou: aliás não podéra trazer gentis na algibeira, que é moeda de cruz.

Antonio, *recusando* — Dinheiro! lá isso não: Que se diria de mim? (*vão-se*).

SCENA IX

Mestre Affonso

(Ouve-se Mestre Affonso cantar ao longe, a voz approxima-se, cala-se, e momentos depois apparece elle á porta do carcere)

Más maleitas, muitas, muitas,
Tenhas tu, meu castelhano;
Levas sempre, e nunca tomas
O levar por desengano

(*Affonso* — *da porta admirado*) A porta escancarada!... (*pausa*) Isto sempre cheira a prisão de nobre... Se fosse um desgraçado plebeu, houvera de estar fechado a sete chaves... (*Começa a analysar a scena, vae pé ante pé á porta do fundo, applica*

o ouvido, e volta) Ora eis ahi como elle faz caso da prisão: se me não engano, ronca que nem um porco... *(pausa)* E creiam lá em remorsos!... Petas da vida! Já estou farto de esperar o Alcaidesinho, a modo que se esgueira a cahir com a espada da justiça em riba do tal *(apontando para o fundo)* casmurro *(a porta do fundo abana como se lhe dera o vento. Mestre Affonso levanta-se estupefacto)* Crédo! A porta abanou... se me ouviu e me apanha aqui só, *(dirige-se á porta)* esgana-me.. Nada, nada... Sáfa!.. *(vae-se retirando para a porta, e quando chega a ella, encontra-se com Fernando, chócam-se, e Mestre Affonso cáe no chão gritando)* Ai! ai! minha perna!

SCENA X

O Precedente, Gonçalo e Fernando

Fernando — Que é isto?!
Mestre Affonso — Morri... aquasi *(suffocado)*.
Fernando, *ajuda-o* — Upa, meu velho tonto.
Gonçalo — Que fazias aqui?
Mestre Affonso — Eu... estava aqui á vossa espera... e vae senão quando, abana aquella porta... figurou-se me que Alvaro se lançava a mim... como gato a bofe... Eu estava sósinho.. e...
Fernando, *sorrindo* — Fugiste com medo, hein?
Mestre Affonso — Retirei-me á cautella.
Gonçalo — Mas quem te deu entrada no carcere?!
Mestre Affonso — Ninguem.
Gonçalo — Como assim?
Mestre Affonso — Achei a porta aberta.
Gonçalo, *a Mestre Affonso* — Não viste Antonio?
Mestre Affonso — Nem fumos. Ha de estar, como Alvaro, dormindo á regalada. *(Approxima-se da porta do fundo, e applica o ouvido.)*
Gonçalo — Accorda o, e diz-lhe que somos aqui para julgal o. *(a Fernando)* Não lhe déste aviso?
Fernando — Ainda não ha muito tempo que o fiz.
Mestre Affonso, *ao pé da porta* — Olá *(pausa)* Snr. Alvaro *(pausa)* Snr. D. Cavalleiro... *(pausa)* elle não se digna responder-me: como não sou da sua

igualha... (*Gonçalo e Fernando approximam-se á porta do fundo.*)

Gonçalo, *chama* — Alvaro!

Mestre Affonso, *escutando* — Ouvi, ouvi, lá se está elle agora a mecher.

Fernando, *applica o ouvido* — Assim parece.

Gonçalo — Sahi, eu far-vos-hei a descortezia de mandar abrir a porta (*depois de esperar—forte a Mestre Affonso*) Abri!

Mestre Affonso, *abre a porta com desembaraço—ao entrar foge para o meio da scena dando um grito d'espanto*)

Fernando, *desembainha a espada* — A'vante! (*entra.*)

Mestre Affonso, *cobra animo, e entra atraz de Fernando* — A'vante! (*Sae logo e exclama com voz comicamente tragica*) Ninguem!

Gonçalo, *admirado* — Mas quem ouviste ha pouco?!

Mestre Affonso — Haviam de ser uns morcegos que agora por alli fugiram, ou alguma alma do outro mundo.

Fernando, *saindo* — Ah! senhor .. vêde se Alvaro era ou não culpado? Nunca eu me enganava... Nunca as minhas suspeitas eram infundadas — Immfame!

Gonçalo — Monta já a cavallo, e vae com alguns Besteiros na perseguição d'esse traidor, e que eu me envergonho de haver contado por amigo.

Fernando — Que fazeis? Deixal-o: um traidor nunca faz falta. E' bandeira que se arvora em todos os castellos. Abri mão d'elle! o seu maior castigo seja a sua deshonra.

Gonçalo — Tanto acertaste com Alvaro como erraste com o carcereiro Antonio... cuja fidelidade me affiançaste!

Fernando (*sentido*)—Ah senhor eis ahi o que sobre modo me pesa.. Se Alvaro fugira só, eu em vez de pezar tivera gosto, porque perder o mal é sempre bem — mas que a sua refinada malicia... que tivesse a ardileza de peitar a lealdade de Antonio... do homem cuja honra era antiga como a sua vida! —que eu vos tinha affiançado, como quem por si o julgava .. que...

Gonçalo — Confessa antes, que Antonio te enganou —que se elle fôra como dizes, não acceitara as propostas d'Alvaro.

Fernando, *confuso* — Assim é... assim parece ao menos... mas senhor ainda agora mesmo (*resoluto)* agora mesmo creio que ia pòr as mãos no fôgo pela sua lealdade.

Gonçalo, *desabrido* — Estás cégo, meu velho Fernando; culpas em mim a verdura de moço, e não vês em ti a teima da velhice. Alvaro é um traidor, e o teu gabado ~ntonio outro que tal como elle.

SCENA XI

Os precedentes, e Antonio

Antonio, *precipita-se na scena e cae aos pés de Gonçalo exclamando.* — Não meu senhor, traidor nunca!... (*Fernando olha para o carcereiro com alegria, e Gonçalo com admiração*)

Gonçalo — E Alvaro?

Antonio — Fugiu!...

Gonçalo — Mas tu...

Antonio — Ah senhor Alcaide .. eu... eu .. ouvi-me... ouvi-me... não me condemneis sem me ouvir.

Mestre Affonso — Hade dizel-as bonitas.

FIM DO TERCEIRO ACTO

ACTO IV

Sala n'uma casa de campo, onde se figura existir o albergue do Adeantado Sarmento. Mobilia antiga, não rica, antes singela. Duas portas — uma no fundo e outra á D.ª do espectador. — A' Esq.ª um grande oratorio.

SCENA I

Brigida e depois Alvaro e Pedro

Brigida, *acabando de varrer a casa, com uma vassoura sem cabo, endireita-se, e põe as mãos nas ilhargas* — Ai! estou derreada (*arruma as cadeiras*) Seja em desconto dos meus peccados. Deixar-me vêr se bebo o meu caldo d'unto, para reanimar as forças. E bem as hei mister... para carregar com o serviço da casa, que cada dia vae a mais.— Deus me dê paciencia. Só o carão do tal Adeantado faz fastio. Mas que?... pódee manda; e não ha remedio senão servil-o de narizes. —Vamos ao caldo (*Vae para sahir pela porta lateral, e pára ao ouvir bater na do fundo*) Quem está lá?

Alvaro, *dentro* — Um cavalleiro.

Brigida, *áparte* — Valha-me Deus com tanto cavalleiro—a pé (*alto — dirige-se á porta do fundo com passos lentos*) Quem procura? (*abre a porta e entram Alvaro e Pedro.*)

Alvaro — Não é aqui a pousada do Adeantado da Galliza — Pedro Roiz Sarmento, Capitão das gentes d'El-rei de Castella n'esta comarca?

Brigida, *admirada* — Olhe, se lhe chamam Galliza ou Rodrigues não sei, Adeantado é elle.

Alvaro, *sorrindo* — Ha de ser esse. Dizei-lhe que o cavalleiro Alvaro e o Eremita Pedro o procuram.

Brigida, *depois de pensar* — Mas quem direi que são os que o procuram?

Alvaro, *ao Eremita* — É tonta. (*Alto*) Pois não vos disse já os nossos nomes?

Brigida — Fizeste-lo tanto á pressa, que de todo me passaram.

Alvaro, *explicando-se* — O cavalleiro Alvaro e o Eremita Pedro.

Brigida — O cavalleiro Alvaro, e... e o Marmita Pedro.

Pedro — Eremita, Eremita.

Brigida — Atinei logo com o d'aquelle senhor, mas o vosso é tão arrevesado! — Mandem sentar-se, que eu vou dar-lhe o seu recado, já se sabe, se elle estiver acordado.

Alvaro — E se não, acordae-o; que o negocio é importante.

Brigida — Eu? Não sabem, costuma-se dizer — as manhas da besta?—Com licença de vossas mercês — Eu, quando elle está dormindo, tiro as minhas chinellas, nem tujo nem mujo, ando toda sorvida, por medo de lhe fazer bulha — Com sua licença. (*Sahe pela porta lateral*)

SCENA II

Alvaro e Pedro

Alvaro, *senta se* — Ora o que não terá havido no castello a respeito da nossa fuga?!...

Pedro, *como recordando-se* — Ah. Esquecia-me dizer-te—Não sabes que o carcereiro Antonio voltou para lá outra vez?

Alvaro — Quem t'o disse?

Pedro — Um recoveiro que de lá veiu. Aquelle homem com quem me viste estar praticando aqui á entrada.

Alvaro — Com que foi se metter na bocca do lobo, hein? Affianço te que o tal Antonio tanto tem de patriota como de tolo.

Pedro — Assim será, porém a acção que elle praticou é de homem de bem; percebeu que abusavamos da sua boa fé, e antes quiz ir buscar o castigo do que ficar em traição.

Alvaro — Se tu não havias de vir com as tuas moralidades. Mas és Ermitão, queres prégar o teu sermão. *Tornando ao heróe carcereiro*—Que castigo lhe daria Gonçalo Nunes? Sabes?

Pedro — Nenhum, me disse o homem.

Alvaro — Não creias. A fuga da amante não lhe havia de deixar tamanha generosidade.

Pedro — Não se diz isso: diz que reprimido o primeiro impulso da cólera, e admirado da nobre resolução do carcereiro, lhe perdoára a primeira falta.

Alvaro, *zombando* — Sempre é uma grandeza d'alma que não cabe no céu, se o não alargarem primeiro.

Pedro — O Adeantado chega.

SCENA III

Os precedentes e o Adeantado

Alvaro, *inclina se* — Nobre Adeantado.

Pedro, *inclina-se*

Sarmento — Sejaes bemvindos (*com modo sêco*)

Alvaro, *fala em segredo com o Eremitão, e depois alto para elle* — Deve contribuir para esquecel-o, e lembrar-se de ti.

Pedro, *aparte a Alvaro* — Bem. (*Para Sarmento*) Concedei-me licença. (*Vae-se*)

Alvaro — Grande estranheza, por certo, vos deve causar a minha vinda?...

Sarmento — Em verdade ..

Alvaro — Poucas palavras me bastarão, para vos instruir. Como sabeis, o meu fim era um, os meios porém de os conseguir eram dois: entregar-vos o Castello, o que por vezes tentei, mas em balde; ou dar-vos a mão de minha irmã. Mallogrado o primeiro, tenho propor-vos o segundo.

Sarmento, *alegre* — Que dizeis?!

Alvaro — Que minha irmã está a poucos passos d esta casa.

Sarmento, *exaltado* — Aonde!!... Quero vel a.

Alvaro — E' cedo.

Sarmento — Como assim?

Alvaro — Senhor estaes de vel-a mas ainda não de gozal-a. Ella ignora inteiramente para que vem. Foi mister illudil-a. Em fim Gonçalo Nunes é amado, como d'antes.

Sarmento, *triste* — Então...
Alvaro — Escutae-me. Tenho urdido um plano que julgo approvareis. Sahirei com mostras de gra e afflicção a chamar minha irmã. Quando ella chegue, vós, em tom de firme resolução, dir-me-heis que, — ou possuir a sua mão, ou matar-me. O convencel-a fica a meu cargo.
Sarmento, *reflexivo*—Não digo que mau seja o vosso plano... Mas sim... vejo que, mesmo obrigando-se a desposar me, de nenhum modo poderei obrigal-a a amar-me, e receio...
Alvaro—Desposae-vos, e fiae de mim que ella vos ha-de amar. O coração da mulher se bem aquece, melhor esfria. O seu amor é durante a ausencia do amante um verdadeiro arco-iris. as côres brilhantes e distinctas, bem depressa se confundem e desvanecem. Se um é agoureiro de chuva, o outro annuncia frieza, que ambas andam juntas. Só isso vos embaraça?
Sarmento — Só.
Alvaro—Pois bem. Carregae o semblante, e engrossae a voz. (*Sae pela porta do fundo, e logo com Dulce.*)

SCENA IV

Os precedentes, Dulce e Violante

Alvaro, *a Dulce* — Estamos perdidos!...
Dulce, *a Alvaro* — Eu bem t'o dizia: parece que o coração m'o adivinhava,
Sarmento, *de braços cruzados para Alvaro, com voz terrivel.* Escuta a minha resolução final. A mão de tua irmã ou a morte. Pouco tempo te dou para reflectires: a um toque de tambor dal-o-hei por findo. (*sae*)
Dulce — Ah! (*tapando os olhos*)
Alvaro, *caindo sobre uma cadeira* — Ah!
Dulce — Que nova desgraça é esta?
Alvaro — Ouvistel-o?
Dulce — Eu... pareceu-me que elle...
Alvaro — Falava de ti.
Dulce — De mim?
Alvaro — Sim, minha Dulce... ainda mal—quer a tua mão d'esposa.

Dulce — Nunca!
Alvaro — Preferes antes a minha morte?
Dulce — Que dizes, Alvaro?
Alvaro — A verdade.
Dulce — Foi para isso que me obrigaste a deixar o Castello de Faria? Oh! zombaste de tua irmã... (*chorando.*)
Alvaro — Por Deus, que tal não digas: primeiro zombaria de mim mesmo, Dulce; mas que queres? Se o Adeantado me soube attrahir com fingidas promessas de felicidade—para agora me pagar assim... illudiu-me. . Ah! (*com a maior hypocrisia.*)
Dulce — Meu Deus!
Alvaro — Consente em desposal-o.
Dulce, *afflicta* — Trocar o homem que amo por outro que detesto! Oh! meu Deus!... (*abraçando o irmão em lagrimas*).
Alvaro — Bem sei que o teu sacrificio é doloroso: mas será para comparar com a morte? Ao teu seguir-se hão dias de felicidade para diminuil-o, depois do meu. . a eternidade para o augmentar.
Dulce, *implorando* — Oh! Senhor!! Tamanhas são as minhas culpas para assim me castigardes?!... Pobre de mim. Coitada! que se algum tempo vivi debaixo de melhor estrella, foi só para mais sentir o rigor d'outra tão negra que me esperava... (*afflicta abraça o irmão*). Tem dó de mim. (*Soluça.*)
Alvaro, *aparte* — Maldita ambição! (*alto*) Dulce, decide da minha sorte.
Dulce — Que hei de eu decidir!! (*juntando as mãos*) Ai de mim!

SCENA V

Os precedentes e Pedro

Pedro entra triste, e fica pensativo

Alvaro, *para o eremita* — Que tens?
Pedro — Nada...
Alvaro — Não; o teu semblante o desmente.
Pedro — Sei que vos ha de affligir... Um amigo... um...
Dulce, *estremece* — (*Aparte*) Presentimento fatal!... (*alto*) Que foi?!

Pedro — Finou-se um dos bons cavalleiros portuguezes.
Dulce — Quem?!
Pedro — Gonçalo Nunes!
Dulce, *aterrada* — Ah! (*balancêa um pouco até cahir, não de todo, porque Alvaro e Violante a sustem.*)
Violante — Jesus! Nome de Jesus!
Dulce, *baixo* — Quem o matou?
Pedro — Os desgostos, segundo dizem. Thereza de Meira não soube resistir á perda do esposo, e Gonçalo Nunes á de ambos
Alvaro — Pae, mãe e filho! Tres pessoas em tão pouco tempo!...
Dulce — Ditosa de mim, se fôra a quarta... Meu Deus!... (*blasphemando*) Deus!... (*resignada*) Tudo podeis .. (*fica absorta*).
Pedro — Pertence á natureza carpir a falta dos nossos amigos: é, porém, dever de bom christão resignarmo-nos com a vontade do Senhor. Foi elle que levou Gonçalo Nunes, e..
Dulce — Ha tanta noticia falsa!...
Pedro — Contou-a um espia dos castelhanos que veiu do Castello, onde elle mesmo o vira morto.
Dulce — Ha tantas linguas que só sabem mentir.
Pedro — É homem de verdade.
Dulce — Vão tantos enganos pelo mundo.

(Ouve-se um rufo de tambor.)

Alvaro, *afflictissimo* — Ah!... Eis ahi o signal!... Dulce, minha Dulce... (*ajoelha*).
Dulce, *abraçando-o suffocada* — Meu irmão!...
Pedro, *admirado — áparte* — Não comprehendo...
Alvaro — Acceita a sua mão de esposo.
Pedro, *alto, com explosão a Dulce* — Senhora...
Alvaro, *intima silencio a Pedro com um signal forte — Depois a Dulce* — Não, não percas dois, porque perderás um...
Pedro, *escuta avidamente o que se passa entre os dois, e mal pode suffocar a violencia dos affectos que dentro lhe luctam. Retira se para o fundo.*
Alvaro, *ancioso* — Resolve...
Dulce, *indecisa* — Sim. (*Senta se*).
Pedro, *áparte* — Será o sim da felicidade, ou da perdição?!
Alvaro — Então?...

Dulce, *com voz cortada pelos suspiros* — Alvaro... todo o meu viver .. era teu... e de Gonçalo Nunes. A vida que era d'elle .. já lhe não é mister. —E que o fôra ?.. Não... não é — não é (*mais decisão*). Hoje toda te pertence. . é tua! (*Interrompe-se com choros e soluços*).

Alvaro, *áparte* — Já me falta coragem! (*Tremulo, indeciso*) Recúo ?... Não recúo! ...

Dulce, *continuando* — Vive.. sê feliz... e seja a minha futura felicidade... ter sacrificado a minha para te dar a vida (*Cae para traz na cadeira*)

Pedro, *no delirio da agonia quer abraçar Alvaro* — Amigo!

Alvaro não acceita o abraço—um instante de indecisão.—Resoluto, caminha para a porta lateral, soltando uma gargalhada infernal.

SCENA VI

Os precedentes e Sarmento

Sarmento, *pressuroso* — *áparte* — *a Alvaro* — Venceste ?

Alvaro — Sim

Sarmento, *corre a Dulce no maior transporte d'alegria, e beija-lhe a mão* — Felicidade!

Alvaro, *pega na mão de Dulce* — Vinde.

Dulce, *desfallecida* — Onde... me levam ?...

Alvaro — A' Egreja... (*Para Violante*) Fica.

Dulce — Não...

Sarmento — Já. (*Sahem Alvaro, Sarmento, Dulce e Violante. Esta volta pouco depois*).

SCENA VII

Pedro e logo Violante

Pedro, ao ouvir a gargalhada de Alvaro, fica estupefacto, sem atinar no que vê. A sua confusão augmenta, quando apparece Sarmento, e requinta quando elle beija a mão de Dulce.—Depois passa da incerteza á realidade; fica immovel, d'olhos sêcos, mas espantados, a bocca entre-aberta, cabellos hirtos... emfim tal como se poderá representar a estatua da dôr intensa, e desesperada. Demora-se algum tempo n'esta situação e dá alguns passos mal seguros, ao dal-os, como que quer falar—sem poder—cahe afinal redondamente no chão—passados alguns instantes levanta-se repentinamente.

Pedro, *a Violante* — Que é d'elles ?! Onde foram ?!
Violante — Quem Senhor ?
Pedro — Dulce !... Alvaro !...
Violante — Ahi vão caminho da Egreja.
Pedro — Que dizes ?!...
Violante — Que Dulce vae receber-se com o Adeantado, e...
Pedro — Mulher ou demonio. Calla-te !
Violante — Jesus !
Pedro, *sentido* — Ah ! e para cumulo da minha deshonra ser eu o proprio que lhe dei a noticia falsa!... Eu que lhe quero tanto e que a perdi !... (*com explosão*) Oh! que maior opprobrio haverá no mundo do que o meu ?!... (*rangendo os dentes*) Alvaro! Alvaro! (*torcendo as mãos—convulso*) Maldito !...
Violante — Santo Deus !
Pedro, *depois de um instante de silencio em que parece meditar—resoluto d'improviso*—Vou dizer que o Alcaide vive ! Vou salval-a !... (*forte*) E serei vingado !... (*dá alguns passos rapidamente e pára d'improviso — terno*) Pobre de mim !... Que vou eu lá fazer ?... livral a do Adeantado, para desposar Gonçalo Nunes !... Sempre outro! Oh! e para mim ?!... o seu despreso !... (*desata n'um frouxo de choro — e depois de pausa resoluto*) Embora ! .. Haja só um desgraçado! —Eu !... (*Retira-se apressado pela porta do fundo*).

SCENA VIII

Violante e Brigida

Violante, *só* — A minha ama... Uma donzella como um brinco!... ir casar contra vontade com semelhante perro... Eu te esconjuro! prometto de jejuar meia quaresma a pão e agua se ella se livrar das garras de tal castelhano. (*Examina as portas do oratorio*) Parece-me um oratorio. (*Experimenta as portas*) Estão fechadas!... Quer não. Para ver a Deus, basta ter fé que nos alumie. (*Tira umas contas da algibeira, ajoelha defronte do oratorio, e começa a rezar para si*)

Brigida, *espreitando da porta* — *áparte* — Oh!... Quem será a devota?! Já se não contentam com as Egrejas, e veem fazer as suas resas por casas particulares (*pausa*). E esta! (*chega se a Violante e bate lhe no hombro*) Oh! lá. Que faz aqui?

Violante — Vós tambem sois cá de casa?...

Brigida — Sou tanto de casa, que a mando já e já para o olho da rua

Violante, *levanta se* — A mim mandaram-me ficar aqui, por isso fiquei: Eu sirvo a essa donzella que sahiu ha pouco, para se receber com o senhor Adeantado, e rogava a Deus pela sua fortuna.

Brigida — Pois foi-se a casar!... Mais essa me faltava! Deus traga a paz a estes Reinos, que só assim me verei livre de aturar hospedes forçados.—Portuguezes que elles fossem!... quanto mais Castelhanos inimigos!—Entram pelas casas, como suas —peior ainda — que se o fossem haviam de poupal-as; e não sujar e quebrar a eito, e sem consciencia. — Gastar lenha e luz. . em fim, um dó d'alma! Alma é que a elles lhes falta!... (*pequena pausa*) Ando aqui feita um rodilhão, para servir o tal senhor galêgo. Eu! a dona da casa! até falando a medo!! E elle entrando com uma arrogancia que parece o conde do terror.

Violante — Se quizerdes acceitar o meu fraco auxilio, com mil vontades vol-o offereço. Favor me fazeis que não gosto de estar á boa vida.

Brigida, *abraçando-a* — Sim minha riquinha! Sim. —Muito bem nos havemos de dar. — Estaveis re-

sando? resae, resae; eu vou continuar no meu fadario. (*Tira uma chave, da algibeira com que abre as portas do Oratorio.*) Ahi vos fica o Oratorio aberto. Olhae ao presepio como é bonito (*explicando*) Os tres reis magos. — O menino Deus — cá está a mula amadiçoada. — O boisinho abençoado — dos pastores. — Adeus: vou vêr o jantar não se me queime. (*vae-se*)

Violante — Sim, sim. (*Continua a analysar o presepio.*)

SCENA IX

Violante e Pedro

Pedro, *dentro* — Soccorro!... Socorro!...

Violante, *vae á porta do fundo, e recúa espavorida.* — Crédo!

Pedro, *precipita-se em scena suffocado pela afflicção, cançado, — vem ferido na testa.* — Piedade! Piedade!...

Violante — Senhor...

Pedro — Um azylo... Um azylo. (*ajoelhando*) Por misericordia!

Violante — Socegae, ninguem vos faz mal.

Pedro, *mostrando a ferida* — Vês tu!!...

Violante — Coitado!

Pedro — Esconde-me d'elles... dos meus assassinos!... Oh!... Alvaro que te não esqueceste de mim!...

Violante — Não póde tardar

Pedro — Quem?!

Violante — O senhor Alvaro!

Pedro, *cae ae joelhos.* — Ah!... quer-me matar... elle!...

Violante — Fugi senhor!

Pedro, *immovel e com um sorriso convulso.* — Fugir!!...

Violante, *vae á porta do fundo, e volta afflicta* — Ai Jesus! (*caindo de joelhos deante do Oratorio.*) Valei-me senhor! (*Levanta-se como occorrendo-lhe uma ideia.*) Escondei-vos aqui .. (*designa o Oratorio.*) Eu fecho a porta em falso... fugi depois .. (*fecha a porta do Oratorio, e mette a chave na algibeira*)

SCENA X

Violante, Sarmento, Alvaro e Dulce

Dulce, *encostada ao irmão* — Violante.
Violante — Querida senhora. .
Dulce — Acompanha-me.
Sarmento — Eu vou, senhora...
Dulce — Não consinto...
Sarmento, *faz signal de obediencia, e diz para Violante.* — Lá está dentro quem vos dirija... (*continua depois das duas se retirarem.*) Receio muito pela saude de vossa irmã.
Alvaro — Não...
Sarmento — Eu sei...
Alvaro — E' consequencia d'um abalo inesperado... d'outro objecto vos queria agora falar. Creio que chegou tempo de eu receber a minha nomeação de Alcaide mór... Cumpri a minha promessa...
Sarmento — E' justo. Vou-a mandar lavrar em meu nome, até que El-Rei a confirme como espero. Ficae junto de vossa irmã emquanto não volto. Olhae por ella com desvello. (*Vae-se*).
Alvaro — Ide descançado .. (*vae acompanhar Sarmento até á porta, e depois volta*). Baldados não tem sido meus planos (*pausa*). A Alcaideria d'um castello não é muito, e verdade, mas um dia virá de melhor estreia. — Um dia em que possa zombar de nobres, como fiz a Gonçalo Nunes — calcar plebleus, ainda mais do que esse Eremitão pretensor. . esse instrumento ridiculo, afinado até aqui pela minha phantasia que hoje convem despedaçar e depois...
Pedro, *cahindo sobre Alvaro com um punhal na mão, e cravando lh'o* — E antes ?!...
Alvaro, *cahe no chão soltando o derradeiro arranco.* Ah!
Pedro — O sangue do innocente cahiu sobre ti... (*de feições completamente desordenadas — contempla-o por alguns instantes como saciando a sua vingança—chega a alçar o pé para lh'o imprimir sobre a face, n'este ponto muda repentinamente ferido pelo remorso — deixa cahir o punhal, cahe de joelhos e mãos postas—implora*) E eu ? Perdão... Meu Deus !!

FIM DO QUARTO ACTO

ACTO V

Pequena alameda de cyprestes em frente de uma egreja gothica, que se suppõe pertencer ao convento de Freiras de S. Salvador do Campo. O fundo mostra a fachada principal, que assenta sobre um adro de dois a tres degraus. Ao lado direito do espectador, e chegada a um dos cyprestes, uma cruz de pedra, sustida sobre pedestal.—Em dois nichos, á direita e esquerda da porta, dois tumulos de pedra, cuja base assenta no chão, e os lados distam algum tanto da superficie concava do nicho.

SCENA I

Dulce vestida de negro, de mantilha que deixa cahir no meio da scena... de joelhos sobre os degraus da cruz, unida ao pedestal, e de costas quasi totalmente voltadas para o espectador, canta a seguinte oração, com fervor ardentissimo.—A musica terna e sentimental deverá acabar em suspensão.

ORAÇÃO

Já quebrei a minha jura,
Meu amor todo perdi,
Oh! Senhor! quieta-me a vida,
Por gozal-a ao pé de ti.
Se aquelle que amo na terra
Não posso ter junto a mi,
Lá no ceu, se lá descança,
Possa em breve unir me a si...

Uma voz, *sahindo junto d'um dos tumulos* — Não!

Dulce, *levanta-se aterrada, e corre para scena* —Até a voz dos finados me atormenta!... Meu Deus! Não basta o que tenho soffrido? Nem se quer tranquillidade nas minhas orações (*pausa*). Oh! foi talvez tentação d'algum demonio malfazejo para perturbar as minhas rezas!... para me aterrar do meu proposito... para me afastar d'aquella cruz,

para perder-me a seu salvo!.. (*Corre para a cruz, e de joelhos recita as quadras que antes cantára*):

Já quebrei a minha jura,
Meu amor todo perdi.
Oh! Senhor! quita-me a vida
Por gozal-a ao pé de ti.
Se aquelle que amo na terra
Não posso ter junto a mi,
Lá no céu, se lá descança,
Possa em breve unir-me a si...

A voz — Enganavam-te.
Dulce *cáe horrorisada sobre os degráus* — Ah!
A voz — Gonçalo Nunes vive. Foge á traição, se é tempo.

SCENA II

A precedente e Gonçalo Nunes

Gonçalo vestido de gabão, com o capuz posto

Gonçalo, *attrahido pela voz de Dulce, entra em sua procura* — Era a sua voz. Não deve de estar longe... (*com exaltação*) Oh! se ella distará de mim, como a sua imagem dista sempre do meu coração!.. Agora mesmo... agora, colhêra eu um d'aquelles abraços d'outro tempo, tão sinceros... tão extremosos.. que eram como os da virgem innocente, abraçada com a cruz do Senhor! (*vendo Dulce*) Ah! (*caminha perplexo para ella — cáe de joelhos a seus pés*) Dulce!... Minha Dulce!... (*em pranto d'alegria*) Felicidade!
Dulce, *meio em si* — A felicidade — para mim acabou...
Gonçalo, *ajudando-a a levantar* — Tambem assim o cuidava. Mas agora que Deus permittiu de te encontrar—agora sou feliz... (*encarando-a com soffreguidão*) E tu tambem o és, sim? (*sustendo-a nos braços*) Rogavas a Deus por mim? Rogavas: Era impossivel o bulir dos teus labios sem articulares o meu nome!
Dulce, *desembaraçando-se dos braços de Gonçalo* — Ah!

Gonçalo, *continuando a contemplal-a com avidez* — Eu bem sabia que a minha ausencia te houvera de atormentar. Bem haja Deus, que te não roubou a vida! Grande receio era o meu de que succumbisses á dôr. A lembrança do teu amante poude mais do que ella (*com explosão d'alegria*) Minha Dulce!... (*abraça a*).

Dulce, *insensata—áparte* — Depois uma voz... agora... (*com explosão de terror*) Ah! (*foge espavorida em direcção á egreja*) Meu Deus, valei-me!...

Gonçalo, *seguindo a* — Dulce, Dulce, não fujas, que não sabes de quem foges. Oh! O que eu fiz para illudir inimigos, illudir a minha Dulce! Ella? que olhando para a minha sombra se não devêra enganar... que só pelo echo da minha voz me devêra conhecer... (*tira o capuz*) Ingrata! reconhece-me agora. Sempre o mesmo... Sempre teu!...

(Dulce vem para o meio da scena, contempla-o, faz movimento de o abraçar, e cáe-lhe aos pés, de mãos postas, e debulhada em lagrimas.)

Gonçalo — Meu Deus! já que lhe conservaste a vida, porque lhe roubas a razão!!

Dulce, *soluça* — Oxalá que a rasão me faltasse... Não fôra por ella tão cruamente atormentada... e agora, mais que nunca!

Gonçalo, *levantando-a* — Por Deus, que te não comprehendo! Acaso, em vez d'alegria, te faz tristeza o vêr-me? — Não, não póde ser... E' antes a approximação inesperada da felicidade que tanto te sensibilisa, não é? (*com a maior ternura*) As tuas lagrimas são de prazer... São.. Sim, que eu tambem as derramo! (*chorando abraçando-a.*)

Dulce, *querendo falar sem poder* — Já...

Gonçalo — Já me conheces?... (*vivo.*)

Dulce — Sim...

Gonçalo — E amas-me? (*exaltadissimo*) Como sempre! Como sempre!...

Dulce — Não.

Gonçalo — Não! Dizes bem. O teu amor cresceu ao ver-me... Sentel-o mais forte, sim?... Sim?...

Dulce — Eu sempre o sinto... mas... não posso..

Gonçalo — Não podes exprimil-o! Ah! (*abraçando a com ternura*) E' porque o teu amor e todo o teu coração... não ha labios que o digam.

Dulce — No coração tel-o-hei eterno!... Mas...

(*fazendo um esforço*) Deus não quer... não quiz... (*cae de joelhos*) Perdão.. Perdão! ..

Gonçalo *solta um ai secco, e fica immovel* — Ah!

Dulce — Não me atormentes: que na minha culpa —se assim lhe chamas—tenho tormento de sobejo. E que maior do que perder a felicidade!?... (*Instantes de pausa—segue com exaltação.*) Mas receberias tu por ventura a mulher que de sangue frio escutasse a sentença de morte de seu unico irmão?!... que o visse, caminho do patibulo sem se commover! — que avistasse o cutello alçado sobre a sua cabeça, sem se horrorisar! sem correr — gritando:—Suspendei! .. que esse homem é meu irmão, e eu dou tudo para salval-o!

Gonçalo, *commovido* — Tu deliras...

Dulce — Assim devera praticar a mulher virtuosa!... E eu?!... Eu senti-me fraca... fui covarde... fui criminosa! — que já consentia em perder o irmão para não perder o amante... tu! cujo amor tinha por tão forte, que o julgava capaz de lavar a mancha d'um crime tão atroz—o fratricidio!

Gonçalo, *desáta n'um frouxo de choro, e abraça Dulce com a maior ternura.*

Dulce — Surgiu então o Eremita Pedro com a nova da tua morte: eu não sabia se duvidar, se acreditar. — Virtude tive porém de tomal-a como aviso do céu, que me matava a esperança de ser tua; para me encaminhar ao dever, que o coração repellia. Foi o que fiz.—Salvara a victima, sacrificando me ao algoz! — o Adeantado — esse homem.. (*diz as ultimas palavras em voz mais baixa, como a custo, fica abraçado a Gonçalo*)

Gonçalo, *com a fala preza* — E's sua esposa?

Dulce, *com abandono* —Sou.

Gonçalo, *resignado, depois de pausa* — Sublime foi a tua acção!... Sublime para Deus, e para o mundo!... (*instante de pausa, augmentando sempre*) — Mas que por ella eu perca o teu amor, que me dera forças para sobreviver á morte barbara de meu pae, á morte de angustias e pezares de minha mãe!... O teu amor, que me fez arriscar a vida buscando-te por entre inimigos, arriscar a honra, sim, que se elles soubessem que o braço do Alcaide estava fóra do seu castello, voltariam de novo a guerreal-o (*renascendo lhe a lembrança da patria*

—*confuso*) e, quem sabe se entrariam em meu castello... que meu pae me confiara... na propria hora da morte!... (*vivo*) E que seria então da minha honra?... perdida para sempre. (*vivissimo*) Oh!... não, não... quero partir já... Dulce, (*agarrando-a*) Dulce vem commigo, vem...

Dulce, *recusando* — Por Deus!.. Por Deus!...

Gonçalo — Queres perder-me?...

Dulce — E tu queres a minha infamia? a deshonra eterna do meu nome?!...

Gonçalo — Ah! Dulce o teu coração já não responde ao meu.... Já me não amas?.. Queres ficar nos braços d'um homem que pozeste em meu logar no teu coração!...

Dulce, *exaltada* — Oh! não! nunca!

Gonçalo — Como és facil em dizel-o!

Dulce, *com firmeza* — E em proval-o. (*apontando*) E' o convento de São Salvador do Campo, onde ia recolher-me quando vieste. A esta hora já a Priorêza, que é minha parenta, me deve estar esperando. Eis a minha prova.—Vou dar-t'a. Adeus (*quer partir.*)

Gonçalo — Espera... (*pensa, e de modo que no rosto se devem conhecer as suas ideias exaltadas e oppostas — Sáca depois d'um punhal e diz resoluto*) A um golpe farei derramar toda a peçonha que encerra o pomo dos meus desejos — e tu serás minha!... (*querendo partir*)

Dulce, *aterrada* — Santo Deus!... que má tenção é a tua!!... (*detendo o*)

Gonçalo — Vou dar a morte a quem me rouba—mais que a vida—a felicidade! (*áparte—arrebatadamente, e pára de subito ao escutar a voz.*)

A vóz, *com solemnidade* — Pàra, insensato, pára!...

Gonçalo, *aterrado* — Ah!

Dulce — E' o anjo da tua guarda. (*Está segurando Gonçalo por algum tempo até que de repente, larga o, assustadissima.*) Foge!... (*Corre precipitadamente para o convento onde entra.*)

Gonçalo, *insensato— olha para todos os lados d'onde vem gente, e recúa afflicto.* Estou perdido! (*fica encostado ao pedestal da cruz.*)

SCENA III

Gonçalo, o Adeantado, Almocadem, Besteiros, Castelhanos, Violante

Sarmento, *precipita-se na scena, diz a Violante, apontando para Dulce* — Segue-a. (*Continúa immediatamente falando de Gonçalo*) A sós com minha esposa!... (*Já ao pé d'elle*) Olá! (*Afastando-o da cruz*) Quem sois?!...

Gonçalo — Eu! (*desembuçando-se apparece em trajos de cavalleiro*).

Sarmento, *recua um pouco, exclamando* — Gonçalo Nunes!

Gonçalo — Elle mesmo!

Sarmento, *ironico e desesperado* — Oh! um cavalleiro!... O filho e successor do Alcaide patriota, vir assim, disfarçado, para occultar suas tenções traiçoeiras! Um pensamento de infam a!

Gonçalo — Infame é o teu, que n'esta hora só tens o de me assassinares, um pensamento de covarde.

Sarmento — Covarde?! Os teus, e tu mesmo, são provas em contrario. Os muros do teu castello, testemunhas irrecusaveis.

Gonçalo — O Castello de Faria acommetteste o, mas não o levaste de vencida.

Sarmento, *forte* — Lembra-te que o Alcaide já não tem castello; o cavalleiro tornou-se peão; o vassallo traidor... Sim... um roubador... não de ouro que isso fôra menos — mas de honra, — um villão, que pretendia roubar a mulher a seu esposo — manchar a honra por excellencia! Tornar-se adultero, cuja menor pena é a morte de affronta!

Gonçalo — E ousas chamar-me roubador, quando foste o primeiro em roubar um coração que todo me pertencia!... tu, que para alcançares a mão de uma mulher te serviste da sua propria virtude como instrumento de teu crime!...

Sarmento, *experimenta fortes commoções — e desabafa ápart* — Ah!

Gonçalo, *continuando sempre com exaltação progressiva* — Que, não contente em abusar do poder dos homens, invocaste o santo nome de Deus, e á face da sua egreja o injuriaste!

Sarmento, *com explosão* — Emmudece!

Gonçalo — Não! Insensato! que te fizeste delinquente sem ao menos colher proveito do teu delicto! Sim, arrancaste a arvore: mas que é do fructo?... Que é do coração d'essa mulher; será teu?!... Nunca!

Sarmento, *para o Almocadem*—Sepultem n'o vivo... nem mais o veja!

Gonçalo — Louco! Só podem sepultar-me o corpo, que amor e alma de ha muito — que tem sepultura mais nobre e sabes qual! O coração d'essa que chamas tua mulher! Esse coração que tanto te aborrece quanto me ama — o coração onde existe a minha copia, que em balde quizeste arrancar, e que será eterna como a tua condemnação!

Sarmento, *com explosão* — Ah! foge! (*occultando o rosto entre as mãos. O Almocadem e demais Besteiros cercam Gonçalo Nunes — Vão para sahir, e recuam com espanto*).

SCENA IV

Os precedentes e Pedro

Depois de Gonçalo ter dado alguns passos entre os Besteiros apparece Pedro sahindo detraz do tumulo.—Apresenta-se cadaverico —de cabello meio embranquecido e ao meio da scena exclama:

Pedro — Suspendei...

Gonçalo — Pedro

Sarmento — O matador de Alvaro!

Pedro, *com voz solemne* — Sim: sou o assassino de um assassino; porque Alvaro o foi primeiro do que eu Esse Alvaro, foi o demonio que a todos nos perdeu: a ti, Gonçalo Nunes, porque te roubou a mulher, que só te pertencia; a ti, nobre Adeantado, porque, ateando o fogo da tua paixão quasi amortecida, fez com que roubasses a felicidade a duas almas que se amavam; a mim, porque me fez traidor e homicida! E agora, julgareis vós que Pedro quer justificar-se — elle só quer a morte! Desde o instante horroroso em que vibrei o punhal tenho levado vida de penitencia: a minha voz, ou se tem erguido ao céu para implorar o perdão de meus crimes, ou para desviar os homens de os commette-

rem: fugi, mas não foi para me esquivar á morte. que mais do que morte hei soffrido atormentado: pelo remorso—fugi—sim,—para melhor aproveitar a vida; e agora, mais que nunca, julguei de aproveital-a, offerecendo-a pela d'este mancebo.—Nobre Adeantado, acceita a minha cabeça, e não te manches no sangue d'esse innocente.

Sarmento, *áparte* — Poupar um inimigo. — Um rival...

Pedro, *depois de esperar* — Não respondes?!...

Sarmento — A offerta da tua vida é um ardil com que me queres illudir. Facil é repartir do alheio, a tua vida é do algoz. — (*Para os Besteiros*) Levae-o.

Pedro — A minha vida ainda ha pouco era tão minha como o é agora a tua. Tu não sabias do meu crime, nem do meu azylo: fui eu que me delatei... N'este momento tanto podes dispor d'ella como eu. —Uma palavra de Deus, fôra egual para ambos.

Sarmento, *confuso aos Besteiros* — Obedecei.

SCENA V

Sarmento, Gonçalo, Pedro, Fernando, Antonio, o Almocadem, Cavalleiros e Besteiros Castelhanos e Povo portuguez... Mestre Affonso

Ouve-se musica ao longe, e a grita alegre do povo.—Gonçalo e Pedro, e os Besteiros, que o acompanhavam, voltam para a scena. —Sarmento fica estupefacto.

Fernando, *dentro* — Moço Alcaide! Moço Alcaide! (*Precipita-se na scena e corre aos braços de Gonçalo na maior alegria.—Entrega-lhe um pergaminho.—O povo, Cavalleiros e Besteiros, etc., entram atraz de Fernando.*

Gonçalo, *depois de ler o pergaminho para si* —Louvado para sempre o poder de Deus!—(*a Sarmento*) Cahiu por terra o teu mando, agora que o julgavas mais subido.—A 28 de março proximo passado, D. Fernando El-Rei e Senhor meu, e D. Henrique vosso Rei e de Castella, avistaram-se no rio Tejo em frente de Santarem, e alli celebraram pazes que ambos juraram de manter. (*Entrega-lhe o pergaminho*) Lê.

Mestre Affonso, *grita* — Portugal e Castella!...

Povo — Viva!...

Fernando, *para Gonçalo* — Notae senhor, a alegria do povo.

Gonçalo — Elle tem razão; porque a paz, é o melhor bem que um rei póde dar ao seu povo.

Mestre Affonso — Oh! se é! Até tenho para mim, que limpa o ar. O José Mimoso, lá do Castello, que nem consentia sequer lhe abrissem a janella do quarto por medo de se constipar, apanha já o ar da rua, e diz que lhe não faz mal. O André, que usava de muletas, está são e escorreito, e até — Deus louvado — dizem que a paz é o melhor remedio que se conhece para as dores de colica! Que terá a paz com a barriga?... Mysterios lá de cima!...

Gonçalo, *sorrindo* — Tu mesmo já não coxêas tanto — an?

Mestre Affonso, *movendo a perna* — E é verdade! — Pois não tinha dado por tal.

Gonçalo — Depois de tão alta mercê, é o nosso primeiro dever irmos, portuguezes e castelhanos, dar graças a Deus, que nol-a concedera.

Todos caminham para a Egreja, e param ao ouvir o orgão. — Espectação geral.

SCENA ULTIMA

Os precedentes e Dulce

Abrem-se as portas, e apparece a Egreja completamente alumiada. — Sae Dulce vestida com habito, e pára sobre o adro — Sarmento ao vêl-a dá um grito, e desapparece por entre a multidão. — Gonçalo exclama, caminhando para ella de braços abertos

Gonçalo — Dulce!

Dulce, *afastando Gonçalo* — Gonçalo, esse amor tão fino, que só era teu, não quer Dulce que ninguem mais o gose no mundo. Vae entregal-o a Deus. — Adeus

Gonçalo, *depois de reflectir* — Seremos rivaes já que não podemos ser amantes. — (*Instante de pausa*) Deus será o rival de nós ambos!

FIM DO DRAMA

ERRATA

Na pagina 10, linha 38, onde se lê: «... patente mais grande», deve ler-se «patente mais graúda».

O VALIDO

Personagens	Actores
D. Lopo	Victorino
O Conde	Dias
D. Duarte	Tasso
D. Nuno	Epiphanio
Jeronimo	Theodorico
Diogo	Lisboa
Um pagem de D. Lopo	Farruge
João	Van-Nez
Um Juiz	Matta
Um Soldado	Theodorico (J.or)
Uma Sentinella	Farruge
Mathilde	Talassi
Ignez	Emilia das Neves
Maria	Josephina

Mendigos de diversas edades e sexos — Fidalgos — Povo — Justiça — Tropa — Creados — Mascarados

A scena passa-se em 1640

N. B. — Este drama foi representado pela primeira vez no antigo theatro da Rua dos Condes, em 18 de maio de 1841, em beneficio do velho actor Theodorico, padrinho do actor Theodorico Baptista da Cruz, fallecido em 1883.

O CASTELLO DE FARIA

Personagens	Actores
Nuno Gonçalves	Matta
Gonçalo Nunes, seu filho	Epiphanio
Alvaro.......	Victorino
Pedro	Rosa
O Adeantado da Galliza	Dias
Fernando	Theodorico
Mestre Affonso	Sargedas
Antonio	Lisboa
O Capitão dos Ginetes	Vianna
O Anadel dos Besteiros de Cavallo	
O Almocadem portuguez..... ..	
D.º castelhano...............	José Antonio
Um Arauto	
Um Atalaya	
Thereza de Meira.....	Talassi
Dulce	Emilia das Neves
Violante	Joaquina
Brigida	Barbara

Cavalleiros e Besteiros
portuguezes e castelhanos.— Povo portuguez

A scena passa-se em 1373

N. B. — Este drama foi representado pela primeira vez no antigo theatro da Rua dos Condes, em 4 de fevereiro de 1843, em beneficio do actor Epiphanio.

Sédes da Empre